

200

Réis

BIBLIOTHECA D'EDUCAÇÃO NACIONAL
XXIII
M. J.—G. Frazer, M. A.
e
Salomão Reinach
Traduções de AGOSTINHO FORTES

O TOTEMISMO
A Origem dos Árias



OMNIBVS LVX

EDIÇÃO DA TYPOGRAPHIA DE FRANCISCO LUIZ GONÇALVES

12, Rua do Mundo, 12-A

LISBOA

1912

AGENDA DE ALGIBEIRA para 1914

7.º ano de publicação

Preço 20 cent.

Assuntos que contém:

Omenagem ao Dr. Magalhães Lima. — Fôrma indicativa de escrever a nova moeda. — Manuais descritivos e ilustrados da Luta Greco-Romana (representada por 46 figuras); Box francês e inglês (representados por 38 figuras); Esgrima de vara e pau (representada por 30 figuras); Foot-Ball — Descrição do campo de Foot-Ball.

Agências de navegação — Automoveis: preços dos alugueres em Lisboa e arredores — Auto-omnibus, horario e preços — Balancêtes dos meses — Calculo comercial — Calendario da capoeira — Calendario comercial para 1914 e 1915 — Cambios — Casas bancárias — Carris de Ferro de Lisboa e Porto — Código telegráfico — Correios e telegrafos — Contribuições: industrial, suntuária, registo e predial — Dias e horas de tiragens do correio para as Ilhas, Ultramar e Brasil — Dias em que se não vencem letras — Dimensões das encomendas postais — Divisão distrital, continental, ilhas e colónias, conservadores, juizes de paz, juntas de paróquia — Elevadores — Equivalencias de medidas antigas com as do sistema metrico decimal — Feriados nacionais em Lisboa e diversas localidades — Impôsto do selo sobre: Letras, Cheques, Licenças, Recibos, Escrituras, bilhetes de rifas, vales, etc. — Indicações sobre assuntos judiciaes, administrativas, finanças, camarárias, area, população e situação geográfica do país — Inspeção militar — Agenda para os 365 dias — Moedas em que são emitidos os vales para os diferentes países — O que se deve visitar em Lisboa e Porto — Bilhetes de assinatura dos Caminhos de Ferro Portuguezes — Pagamento de vales do correio em Lisboa — Plantas e preços dos teatros de Lisboa e Porto — Praça de touros — Sobretaxa postal — Tabelas de cambio entre Inglaterra e Portugal ou Brasil — Taboa de preço e pezo para amostras, jornais, etc. — Telegrafia — Trens de praça em Lisboa e Porto — Trabalhos nos campos, jardins, etc.

Deve-se adquirir tão util livrinho pelo seu conjunto de informação

AOS COLECIONADORES

—→→→ DAS ←←←

LEIS DA REPÚBLICA PORTUGUÊSA

Aprovadas pelo

CONGRESSO NACIONAL

No prélo: o 2.º volume d'esta publicação unica no genero

A nossa coleção conterà toda a legislação interessante ao publico, excluindo apenas da que apparecer no "Diario do Governo", a que se referir a transferencia de fundos das verbas orçamentais, nomeações, exonerações e equivalentes diplomas.

Todas as leis que publicarmos serão anotadas e acompanhadas de quantos esclarecimentos entendermos convenientes ou necessarios á boa orientação.

A distribuição é feita em tomos de 32 paginas, ao preço de 6 cent.

COLEÇÃO DAS LEIS DA REPUBLICA PORTUGUÊSA (Governo Provisorio)

Estão publicados 56 folhetos, com 214 decretos,
ao preço de 5 cent. cada folheto.

Remete-se para as provincias, Colonias e Brasil, pedidos á
Empreza: Tipografia Gonçalves — 12, R. do Mundo, 14 — LISBOA

O TOTEMISMO

A Origem dos Árias

Edição e propriedade da Typographia de Francisco Luiz Gonçalves
12, Rua do Mundo, 14 — Lisboa

Sala A

Est. 24

Tab. 24

XXIII — Bibliotheca d'Educação Nacional



O TOTEMISMO

(Estudo de ethnographia comparada)

POR

M. J. — G. Frazer, M. A.

A ORIGEM DOS ÀRIAS

POR

Salomão Reinach

Traduções de AGOSTINHO FORTES



ERRITO ERROCTA VINA
HOMULO DE CARVALHO

RC
MNCT
57
FRA

1913

EDIÇÃO DA TYPOGRAPHIA DE FRANCISCO LUIZ GONÇALVES

12, RUA DO MUNDO, 14
LISBOA

CATALOGO DAS OBRAS PUBLICADAS

PELA

EMPRESA DA BIBLIOTECA D'EDUCAÇÃO NACIONAL

Sob a direção do distinto professor e sociologo Agostinho Fortes

COLEÇÃO DA BIBLIOTECA

	I —	Sociologia , por <i>G. Palante</i> (2. ^a edição)	1	vol.
II e	III —	As Mentiras Convencionaes por <i>Nordau</i> 2. ^a edição	2	»
	IV —	A Psychologia das multidões , por <i>Le Bon</i> (2. ^a edição)	1	»
	V —	O futuro da raça branca , por <i>Novicow</i>	1	»
	VI —	Habitantes dos outros mundos , por <i>Flammariou</i> .	1	»
	VII —	Cristo nunca existiu , por <i>E. Bossi</i> (3. ^a edição)	1	»
	VIII —	O que é o Socialismo , por <i>Georges Renard</i> . (2. ^a edição)	1	»
	IX —	Economia Política , por <i>Stanley Jevons</i>	1	»
	X —	O Anarquismo , pelo <i>Dr. Ellzbacher</i> .	1	»
	XI —	A Emancipação da Mulher , por <i>J. Novicow</i>	1	»
	XII —	{ Riqueza e Felicidade , por <i>Adolphe Coste</i> } { A Luta pela existencia , por <i>J. Larressan</i> }	1	»
	XIII —	A Critica scientifica , por <i>Emilio Hennequin</i>	1	»
	XIV —	Educação e Hereditariedade , por <i>M. Guyau</i>	1	»
	XV —	Prisões, Policia e Castigos , por <i>E. Carpenter</i>	1	»
	XVI —	Leis psicologicas da evolução dos povos , por <i>Gustavo Le Bon</i>	1	vol.
	XVII —	Almas Inimigas , Drama de tese, em 4 atos em prosa, por <i>Paul Loison</i> , prefacio de <i>Agostinho Fortes</i>	1	vol.
	XVIII —	As Doenças da vontade , por <i>Th. Ribot</i>	1	»
	XIX —	O Helenismo , Original de <i>Agostinho Fortes</i>	1	»
	XX —	As origens do socialismo contemporaneo , por <i>Paul Janet</i>	1	vol.
	XXI —	O Capital , por <i>Carlos Marx</i>	1	»
	XXII —	{ Classes pobres , por <i>Alfredo Niceforo</i> } { Ensaio de catecismo socialista , por <i>J. Guesde</i> }	1	»
	XXIII —	{ O Totemismo , por <i>M. J. — G. Frazer, M. A.</i> } { A Origem dos Árias , por <i>Salomão Reinach</i> }	1	vol.
		No prélo. } As Formações Naturaes na Philosophia biologica		

As obras d'esta colecção são de um grande interesse moral e sociologico

Volume brochado 20 cent. Cartonado em percalina 30 cent.

O XXIV volume da Bibliotheca intitula-se :

AS FORMAÇÕES NATURAES

NA

PHILOSOPHIA BIOLOGICA

O Totemismo

O *totem* é uma classe de objectos materiaes respeitadas supersticiosamente pelo selvagem, crente de que entre elle e cada um dos membros d'essa classe de objectos existem relações intimas e muito especiaes. A forma totem deriva duma palavra chippevaia *totem*, cuja orthographia é um pouco duvidosa. Este termo foi introduzido nas lettras, ao que parece, por J. Long, interprete indio do seculo dezoito, que lhe deu a forma orthographica *totam*.

O R. P. Peter Jones, indio ojibevaiio, escreve *toodaim*; Warreu *dodaim*; Morgan esta ultima forma, que considera uma variante da precedente; Francis Assikinak, indio ottava, escreve *ododam*. O abbade Thavenet é de opinião que a palavra é propriamente *ote* que significa *familia*, *tribu*, cuja forma possessiva é *otem*, da qual, pela junção do adjectivo possessivo, proveem as formas *nind otem*, minha familia, *kit otem*, tua familia. Em inglês, já ha muito se adoptou escrever *totem*, como fizeram Keating, James, Schoolcraft, etc.

As relações entre um homem e o seu totem revestem-se de character de utilidade reciproca; o totem protege o homem e este manifesta por formas diversas o respeito que nutre pelo seu respectivo totem, não o matando, por exemplo, se fôr um animal, não o arrancando, nem o cortando, se fôr uma planta. Um totem, e isto é o que o distingue dum feitiço, nunca é um individuo isolado, mas sempre uma classe de objectos, geralmente uma especie animal ou vegetal,

mais raramente uma categoria de objectos inanimados naturaes, e muito menos ainda objectos artificiaes.

Se attendermos ás relações do totem e do homem, distinguiremos tres especies de totens, a saber:

1.º O totem da tribu (*clan totem*) commum a uma tribu e passando de geração para geração por herança.

2.º O totem sexual (*sex totem*) commum a todos os homens ou a todas as mulheres duma tribu; pertence exclusivamente a um sexo.

3.º O totem individual (*individual totem*) propriedade dum individuo isolado, a cujos herdeiros se não póde transmittir.

Ainda outras especies de totens ha, de que mais adiante fallaremos, se bem que as devamos talvez considerar antes como variedades do clan totem.

Este ultimo é, incontestavelmente, de todos os totens o mais importante, por isso sempre que fallarmos de totem ou de totemismo, sem qualquer determinação, subentende-se que nos referimos sempre ao clan totem.

I—Totem de clan (clan-totem)

O *clan totem* é um objecto do culto para um grupo de homens e de mulheres, que adoptam o nome do seu totem e se julgam todos do mesmo sangue e descendentes dum antepassado commum. Todos os membros do clan estão ligados ao totem por obrigações e crenças communs. O totemismo é, pois, simultaneamente, um sistema religioso e um sistema social. Religiosamente o totemismo manifesta-se pelo respeito e protecção mutuos do homem e do seu totem; socialmente pelas relações dos membros dum clan entre si e com os individuos doutro clan.

A partir dum certo momento da evolução do totemismo, estes dois aspectos tendem a differenciar-se cada vez mais, sobrevivendo algumas vezes as instituições sociaes ás religiosas. Por outro lado, em alguns países, a religião ainda apresenta vestígios de totemismo quando já desappareceram completamente os vestígios de totemismo social.

E' absolutamente impossivel dizermos quaes as relações originariamente existentes entre as duas formas, se bem que do estudo do totemismo quasi possamos concluir que essas duas formas eram primitivamente inseparaveis. Por outras palavras diremos que, quanto mais avançamos para as origens, tanto mais se nos affigura que os membros d'um mesmo clan se consideram da mesma especie que o seu totem e, parallelamente, que cada membro do clan se julga obrigado a proceder para com o seu totem precisamente como procede para com os seus companheiros de clan. Para simplificarmos, separaremos os dois elementos e começaremos pelo estudo do totemismo religioso.

Totemismo religioso: relações do homem com o seu totem.

Os membros duma tribu totemica usam o nome do seu totem e julgam-se, geralmente, descendentes naturaes d'esse mesmo totem. E' por isso que o clan Tartaruga dos iroqueses se diz descendente duma tartaruga gorda, que, achando excessivamente pesado o envolver, á custa de esforços se viu livre d'elle, transformando-se depois gradualmente em homem. Os clans do Urso e do Lobo dos iroqueses attribuem a sua origem ao urso e ao lobo. Os membros do clan do Carangueijo, nos choctavos, acreditam terem sido, em tempos remotos, carangueijos, que viviam debaixo da terra e só de tempos a tempos vinham á superficie através da vasa. Um dia um

grupo de choctavos fê-los sahir da terra, deitando-lhes fumo e, tratando-os com muito carinho, ensinou-os a fallar choctavo e a caminhar sobre duas pernas; disseram-lhes ainda que cortassem as unhas dos dedos e arrancassem os pellos do corpo, feito o que os receberam na sua tribu. Os outros carangueijos ainda vivem debaixo da terra.

O clan da Carpa, nos uatuakos, proveio dos ovos duma carpa, depositados nas margens duma ribeira e aquecidos pelo sol. Os ojibevaios descendem dum cão. O clan do Grou, nos ojibevaios teve por origem um casal de grou que, após longas viagens, veio fixar-se nos rápidos que estão á sahida do Lago Superior, onde o Grande Espirito fez d'elles um homem e uma mulher. Os membros do clan do Hombro Negro, um clan de bufalos nos omahas, eram originariamente bufalos e moravam debaixo d'agua. Os osagios devem a existencia á união dum caracol macho com a femea dum castor; o caracol, tendo rebentado a casca, teve braços, pernas e pés, e fez-se um lindo homem, depois do que casou com o castor femea. Os clans dos iovas descendem dos animaes cujos nomes adoptaram, aguia, pombo, lobo, urso, corvo, castor, bufalo e serpente.

Os moquis dizem que a Grande Mãe, ha muitissimo tempo, trouxera do occidente nove clans sob as formas de cabrito montês, areia, agua, urso, lebre, planta de tabaco e junco; collocara-os nos pontos onde hoje se encontram as suas aldeias e transformara-os em homens que construíram as povoações ainda hoje existentes e foram os antepassados dos clans actuaes.

Os indios da California, em cuja mithologia o coiote ou lobo dos prados tem papel importante, dizem-se descendentes d'esses lobos, acreditando que, primeiramente caminharam com quatro patas, appa-

recendo-lhes depois gradualmente membros humanos, agora um dedo, logo um artelho, um olho, etc., depois dois dedos, dois artelhos e assim successivamente até se fazerem homens perfeitos. A perda da cauda, que ainda hoje choram, foi devida ao habito de se sentarem como os homens. Os lenapes ou delavares descendem dos animaes seus totens, o lobo, a tartaruga e o perú; o clan das tartarugas tem a preeminencia porque descende não duma tartaruga ordinaria, mas da grande Tartaruga que tem o mundo ás costas e foi o primeiro ser vivo.

Os haidas das ilhas da Rainha Carlota acreditam que, em tempos muito remotos, um corvo, figura principal da mythologia da costa noroeste americana, agarrou na praia uma concha e casou com ella; a concha deu á luz uma menina com quem o corvo tambem casou e d'esta união nasceram os indios.

Os kutchin attribuem a origem dos seus clans á epoca em que todos os quadrupedes, aves e peixes, eram homens divididos em tres grupos. Os aravacos da Guyana affirmam que os seus clans descendem de animaes, aves ou plantas, cujos nomes usam.

Algumas das tribus aborigenes do Peru, não nos referimos aos incas que proveem da Bolivia, descendem d'aguias ou de condores. Clans ha na Australia que tem por antepassados patos, cysnes e outras aves aquaticas.

A tribu Geawe-gal, na Nova Galles do Sul, cré que todos os homens estão aparentados com o seu totem por uma forma inexplicada. Os sandaes de Bengala, um dos totens dos quaes é o pato bravo, julgam-se descendentes dos ovos duma pata brava. Na Senegambia cada familia descende dum animal, hippopotamo, crocodilo, escorpião, etc, com o qual se julga aparentada.

Os habitantes de Funafuti ou ilha Ellice pensam

que este lugar fôra habitado por ouriços do mar, cujos descendentes se transformaram em homens e em mulheres. Os kalangos, que, com justiça, podemos considerar aborígenes de Java, consideram-se descendentes duma princesa e dum chefe que haviam sido convertidos em cães. Alguns habitantes das ilhas Ambon, Uliase, Keisar (Makisar), Wetar e archipelagos de Aaru e de Babar, consideram-se descendentes de arvores, porcos, enguias, crocodilos, tubarões, serpentes, cães, tartarugas, etc.

Os mithos em que um antepassado mulher deu nascimento a um animal totem differem um pouco dos que acabamos de citar. Assim, o clan da serpente entre os moquis do Arizona descende duma mulher que dera a luz serpentes; os bakalaiois, na Africa equatorial occidental, acreditam que os homens noutros tempos é que tinham dado vida aos animaes totems. Uma mulher deu á luz um vitello, outras um crocodilo, um hippopotamo, um macaco, uma boa e um javardo. Em Samoa o carangueijo era totem dum clan pelo facto duma criança d'esse clan ter sido, ao nascer, convertida num certo numero de carangueijos. N'alguns mithos a descendencia totemica foi suprimida por motivos de interpretação. O clan do milho vermelho, nos omahas, por exemplo, acredita que o primeiro homem emergiu das aguas com uma massaroca de milho vermelho na mão; os membros dum sub-clan, nos omahas tambem, dizem que não comem cabeça nem lingua de bufalo. porque um dos seus chefes viu um dia, quando dirigia as suas preces ao sol, sahir duma fonte o espirito dum bufalo, mostrando-se até aos flancos. Dois clans da Australia occidental, que devem o nome a uma pequena especie de peixe, explicam o seu nome por constituirem esses animaes o seu alimento principal. Algumas familias nas ilhas de Leti, Moa e Lakor, ado-

ram o tubarão e recusam-se a comer-lhe a carne, porque um tubarão em tempos idos soccorrera um dos antepassados do clan. Os ainos do Japão dizem que o seu primeiro antepassado foi amamentado por uma urso e d'este facto resultou o elles serem tão pelludos.

O selvagem crê que descende do seu totem, com o qual, por consequencia, é aparentado, tratando-o por isso com todo o respeito, evitando, em regra, sendo o totem um animal, matá-lo ou comê-lo. Na tribo do Monte Gambier, na Australia do Sul, um homem não mata nem come nenhum dos animaes do mesmo grupo a que pertence, excepto em casos de fome. Nestes casos, exprime o seu pesar por ter de comer o seu *wingong*, amigo, ou *tumanang*, carne. Quando empregam este ultimo termo levam a mão ao peito para significarem o parentesco intimo que teem com esses animaes, que são, por assim dizer, parte d'elles mesmos. Apresentemos um exemplo.

Um dia um negro matou uma gralha; tres ou quatro dias depois um *Boortwa*, gralha, de nome Lariy morreu; estivera doente alguns dias, mas a morte do seu *wingong* apressara a sua. Neste caso, a identificação do homem com o seu totem é levada extremamente longe. O totem é da mesma carne que o homem; as injurias feitas a um animal da sua especie são ao mesmo tempo feitas ao homem, cujo totem era. Alguns narrinieris, Australia do sul, dirigiram censuras a Taplin por este haver morto um cão bravo, visto que lhes matara o *ngaitie*, isto é, o totem. As tribus circumdantes do golfo de Carpentaria respeitam extraordinariamente o seu totem; se alguém se lembrasse de matar o animal totem dum homem, na presença d'este, esse homem diria ao matador: *Porque mataste esse individuo? Era meu pae!* Ou, então, dir-lhe-hia: *Mataste meu irmão! Porque fizeste isso?*

Nalgumas tribus australianas é absolutamente prohibido *a todos os mancôbos comerem a carne do animal que pertença á sua classe, visto esse animal ser seu irmão*. George Grey, fallando das tribus da Australia occidental, diz-nos que ahi nunca um homem mata um animal do seu *Kobong*, totem, quando esse animal esteja a dormir. E, na realidade, sempre que o mata, fá-lo com pena e só raras vezes o faz sem lhe proporcionar antes ensejo de fugir. Resulta este facto da crença em que o homem está de que um animal qualquer d'esta especie é o seu melhor amigo, o que o obriga a evitar cuidadosamente o crime nefando de lhe dar a morte.

Dos indios da Columbia britannica nenhum mata o seu animal totem, e, se alguém fizer isso na sua presença, o indio tapa a cara de vergonha e exige immediatamente uma compensação pelo acto praticado. Se um dos indios mostra o seu signal totémico, trazendo-o pintado, por exemplo, na fronte, todos os individuos do mesmo totem são obrigados a render-lhe homenagem, ao verem o signal, dando-lhe presentes.

Os osagios que, como já dissemos, se julgam descendentes dum castor femea, não caçam o castor, porque, matando-o, matariam seu irmão. Os ojibevaios, chippevaios, não matam, não caçam, nem comem o seu totem. Um obijevaiio que, sem saber, matou o seu totem, um urso, contou como, no regresso da caça, depois do acontecimento fatal, foi atacado por um grande urso que lhe perguntou qual a razão porque matara o seu totem. O increpado deu as explicações do caso, apresentou mil desculpas e só depois de haver recebido severa reprimenda do urso pode seguir o seu caminho.

Os ojibevaios, que se consideram descendentes dum cão, não comem carne de cão e até mesmo du-

rante algum tempo deixaram de atrelar cães aos trenós. Alguns indios da Pensylvania não matavam a serpente de cascavel por esta ser seu avô, e preveni-los com o som dos cascaveis de qualquer perigo; abstinham-se tambem de carne de coelho e d'outros roedores porque não tinham a certeza de não descenderem d'estes animaes. Os damaras da Africa do sul dividem-se em clans totemicos chamados *candas* e, conforme o clan de que fazem parte, assim se recusam a comer, por exemplo, a carne dum boi com malhas brancas, negras ou vermelhas, d'um carneiro sem cornos ou dum boi de tiro; amaras ha que não ousariam sequer tocar na panella em que se houvesse cozido a carne d'estes animaes, chegando mesmo a evitar o fumo do lume que serviu para a cozinhar. Os negros da Senegambia não comem o seu totem. Os mundas ou mundaris e os oraões de Bengala, que estão divididos em clans totemicos exogamicos, não comem nem matam os seus animaes totens. Um character notavel d'alguns d'estes totens oraões é o de não serem animaes inteiros, mas sim partes d'animaes, como, por exemplo, a cabeça duma tartaruga ou o ventre dum porco. Neste caso, que não se encontra apenas em Bengala, muito naturalmente só esta parte especial do animal é que é defeso comer. A este totem pode chamar-se totem parcial, *split totem*. Os jagamathi kumbar de Bengala absteem-se de matar ou ferir o totem do seu clan, tigre, serpente, dominha, vacca, rã, pardal e tartaruga, e inclinam-se diante do totem sempre que o encontram. Os badris de Bengala não podem comer o seu totem, a garça real.

Os habitantes dos archipelagos d'Ambon, Uliase, Keisar, Makisar, Wetar, Aaru e Babar não comem os animaes, porco, crocodilo, tubarão, serpente, cão, tartaruga, enguia, etc., de que se suppoem descendentes.

Se o totem fôr uma planta, observam-se regras analogas. Um indigena da Australia occidental, cujo totem seja uma planta, não deve arrancá-la em certas circumstancias nem em determinadas epochas do anno. O clan oarão, cujo totem é a folha do *ficus indica* nunca se serve da folha d'esta arvore, que, como se sabe, se usa como prato. Um outro clan oarão, cujo totem é a arvore *Kajrar*, não ingere oleo d'esta arvore a cuja sombra tambem se não senta. O clan do milho vermelho nos omahas não come esta especie de milho; os clans dos indigenas d'Ambon e de Uliase, que se consideram descendentes d'arvores, não devem empregar para fazerem fogueiras a lenha d'essas arvores.

As regras prohibitivas de matar ou comer não são os unicos tabús, muitas vezes é defeso aos membros do clan tocarem no totem ou numa das suas partes e, algumas vezes mesmo, é até defeso olhar para elle.

Nos omahas ha os tabús seguintes: 1.º o clan do cervo não come a carne nem toca em qualquer parte do cervo macho, e tambem não come o cabrito montês; 2.º um subclan dos hombros negros, bufalo, não deve comer linguas de bufalo nem tocar numa cabeça do mesmo animal, *split-totem*; 3.º o clan hanga está dividido em dois subclans, um dos quaes não deve comer costelletas de bufalos, sendo-lhe igualmente defeso comer patos, cisnes e grou, mas permitindo-se-lhe o comer linguas de bufalo; o outro subclan pode, pelo contrario, comer costelletas mas não linguas de bufalo, *split-totem*; 4.º um outro subclan ainda não pode tocar na pelle dum urso negro nem comer a carne d'este; 5.º o subclan da aguia, não deve tocar numa cabeça de bufalo, particularidade esta assás curiosa; 6.º um subclan tartaruga não deve comer tartarugas, podendo, comtudo, to-

car-lhes sempre, e levá-las consigo; 7.º num outro clan não se pode tocar no *azebre*; 8.º o clan do Rabo de bufalo não pode comer bufalo novo, enquanto este estiver ainda sangrando, mas pode comê-lo logo que não escorra sangue; também este clan não deve tocar em cabeça de bufalo nem comer a carne da ultima costelleta, porque, em sua crença, a cabeça do bufalo antes deste nascer toca com esta costelleta; 9.º o clan da cabeça de cabrito montês não deve tocar na pelle de nenhum animal da familia do cabrito, nem usar trajos de pelle de cabrito, ou servir-se da gordura d'esse animal para empastar os cabellos, se bem que possa comer-lhe a carne; 10.º um subclan deste clan tinha um tabú especial, qual era o da prohibição de tocar em azebre, em carvão de madeira e na pelle do gato bravo; na opinião de alguns auctores, o defeso de tocar no carvão de madeira estendia-se a todo o clan; 11.º outro clan não comia bufalos novos; 12.º, finalmente, um outro não tocava nos vermes, serpentes, sapos, rãs, nem em qualquer especie de reptis, razão esta porque ás vezes se dá a este clan o nome de tribu reptil, *reptile people*.

Dos clans totemicos de Bengala diz-se que não devem matar, nem comer, nem cortar, nem queimar, nem levar, nem empregar, etc., o seu totem. Os *keriahs* da India não comem carneiro nem usam agasalhos de lã; assim também no Egypto antigo, um verdadeiro ninho de totens, o carneiro era adorado e só os habitantes da cidade do lobo, *Lycopolis*, o comiam; era defeso também usar nos templos trajos de lã. Alguns dos tabús totemicos de Bengala são curiosos; assim o clan *Tirki* dos oarões, cujos totens são ratinhos, não olham para estes animaes, cujos olhos ainda estejam fechados e não mostram também os seus proprios filhos sem que abram bem os olhos. Num outro clan oarão a agua em que se haja banha-

do um elephante é tabú. Um clan mahili não consente ás raparigas que entrem na casa paterna depois do casamento; um clan Kurmi não usa enfeites de conchas, um outro não se serve do trajos de seda e um outro ainda despe as crianças na occasião em que estas comem arroz pela primeira vez.

Os bechuanas da Africa do sul, cujo sistema totemico está muito desenvolvido, não comem o animal totemico nem se cobrem com a pelle d'elle, e, em certos casos, evitam mesmo olhá-lo. Assim para um homem do clan Bakuena, ou Crocodilo, é *odioso e nefasto* encontrar um crocodilo ou olhar para elle, por que isso poderia causar uma inflammação nos olhos. Se um homem crocodilo por acaso se encontrar perto do seu totem, escarra para o chão para criar um encantamento preventivo e exclama: *Ahi está o peccado*. Todavia chamam pae ao crocodilo, celebram-no nas suas festas, invocam-no nos juramentos, e nas orelhas do seu gado fazem um signal distinctivo em forma de guela de crocodilo. O puti, uma especie de antilope, é o totem dos bamanguotes, um clan bechuana; para estes é indicio de grande desgraça, para o caçador ou para a mulher que vá ao cercado da sua casa, vêr esse animal.

A cabra commum é o animal sagrado, porventura totem, dos boschimanos madenassana, e, todavia, o facto de olhar para esse animal tornaria impuro o homem que o fizesse e causar-lhe-hia uma vaga inquietação. Um clan de Samoa tinha como totem a borboleta; acreditava-se que o insecto tinha tres bocas, sendo por isso defeso aos homens borboletas beberem por uma concha de noz de coco, que estivesse perfurada em tres partes, permittindo-se apenas que se bebesse por aquella que tivesse um ou, quando muito, dois furos, visto que a existencia dum terceiro representaria uma troça e faria cahir sobre

o clan a ira e o furor de sua majestade lepidopterica.

Totem phantasista, cross totem. Um outro clan de Samoa tinha como totem extremidades de folhas ou doutros objectos, extremidades essas que eram sagradas e não deviam ser tocadas nem empregadas fosse no que fosse. Conta-se que os membros d'este clan se viam seriamente embaraçados na vida quotidiana, quando se tratava de cortar as extremidades dos fructos de Taro, da arvore de pão e das folhas das nozes de coco para as cozerem. Punham tambem cuidadosamente de parte as extremidades de yam, de bananas e de peixes, considerando essas materias como não comestiveis, como se tivessem veneno. Constitue este facto um exemplo do que pode chamar-se um totem phantasista, *cross totem*, isto é, totem que não é nem um animal nem uma planta completa, nem uma parte duma especie particular de animal ou de planta; mas sim uma porção especial de todos os animaes ou plantas ou apenas dum certo numero de especies.

Entre outros exemplos de totem phantasista ha os da orelha dum animal, totem dum clan mahili de Bengala, dos olhos dum peixe, totem dum clan de Samoa, dos ossos, totem dos sankos e das rapozas da America do Norte, e do sangue, totem dos indios pés negros. Com mais precisão dever-se-hia chamar a estes totens **phantasistas parciaes, cross-split-totens**, reservando-se a designação de totens phantasistas para aquelles que se não restringem a uma só especie natural, mas abrangem algumas especies analogas. São exemplos de totem phantasista o da avezinha dos omahas, o do reptil da mesma tribu e o totem grande arvore dos sankos e das rapozas.

Algumas vezes alimenta-se ou retém-se preso, o animal totem; um clan de Samoa, cujo totem era a enguia, tinha o costume de apresentar as primicias

das suas plantações de Taro ás enguias; um outro clan de Samoa alimentava carangueijos porque o carangueijo era o seu totem. Os delavares offereciam sacrificios á lebre, carne de urso ao milho, milho aos veados, e aos ursos, e pedacinhos de pão pisciformes aos peixes. Nos narrinyeris, na Australia meridional, os homens do clan da serpente, ás vezes, apanham serpentes, arrancam-lhes os dentes, ou cosem-lhes as maxillas uma á outra e guardam-nas como animal predilecto; num clan de pombos em Samoa guardava-se e alimentava-se com todo o cuidado um pombo; nos kalangos de Java, cujo totem é o cão vermelho, todas as familias possuem um d'estes animaes; não se permite a ninguem bater ou maltratar esses animaes, qualquer que seja o pretexto que se allegue. Nalgumas aldeias moquis conservam-se em gaiolas e alimentam-se aguias, visto que a aguia é um totem moqui. Os ainos do Japão conservam presas aguias, gralhas, mochos e ursos; tem d'esses animaes terror supersticioso e os ursinhos são aleitados por mulheres.

Deita-se luto e enterra-se o totem morto, como se este fosse um membro do clan. Em Samoa, um homem do clan dos mochos, que encontrasse no caminho um corvo morto, sentava-se, chorava sobre o corpo do animal e batia com pedras na cabeça até lhe escorrer o sangue. Depois amortalhava a ave e enterrava-a com o mesmo cerimonial que se fôra o cadaver dum homem. Comtudo esta morte não era a do deus que se considerava sempre vivo e incarnado em todas as corujas e mochos existentes, generalização esta bem caracteristica. Não é a um individuo, mas a toda a especie que se presta culto. Os vanika, na Africa oriental, consideram a hiena como um dos seus antepassados, e, sempre que morre uma hiena, todo o povo deita lucto, com maior

solemnidade ainda do que se se tratasse dum chefe. Uma tribo da Arabia meridional costumava enterrar todas as gazellas que encontrasse mortas e toda a tribo deitava luto por sete dias. Os gregos, em geral, consideravam a lagosta como sagrada e não a comiam; quando os habitantes de Ceriphos, ilha do mar Egeu, apanhavam alguma lagosta nas suas redes, tornavam a lançá-la ao mar; se encontravam uma lagosta morta, enterravam-na e faziam-lhe pranto como se fosse um parente. Em Athenas, um homem que matasse um lobo tinha de enterrá-lo, angariando os recursos para a cerimonia por meio duma subscripção. Uma tribo da California que prestava culto ao busardo celebrava annualmente uma festa cuja cerimonia essencial consistia em matar um busardo sem se perder uma gota de sangue; esfolavam-no depois, guardavam-se-lhe as pennas para se fazer um traje sagrado para o homem-medico, e enterrava-se o cadaver do animal em terreno sagrado com acompanhamento do carpir de velhos que choravam a morte do animal como se este fosse um parente proximo ou amigo.

Alguns clans totemicos evitam olhar para o seu totem; outros nunca o invocam pelo nome proprio, empregando para a invocação epithetos descriptivos. Os tres totens de delavares, o lobo, a tartaruga e o Perú, eram designados pelas denominações de *pé redondo*, *rastejador* e *o que não mastiga*, fazendo-se com este ultimo epitheto allusão ao costume que o Perú tem de engulir os alimentos; os clans chamavam-se a si mesmos, pés redondos, rastejadores e os que não mastigam, em vez de lobos, tartarugas e Péris. O clan dos ursos nos ottavas chamava-se Pé grande. O intuito d'estes sobrenomes é evidentemente não offender o animal adorado, precisamente como fazem as pastoras suecas que nunca se referem ao

lobo e ao urso pelos nomes proprios, receiosas de que, ouvindo esses nomes, os animaes lhes venham atacar os rebanhos, e, assim, ao lobo dão os nomes de *silencioso*, *patas pardas*, *dente de ouro*, e ao urso os de *velho*, *avó*, *força de doze homens* *pés de ouro*, etc. Os habitantes de Kamtchatka nunca proferem os nomes do urso e do lobo, porque pensam que estes animaes comprehendem a linguagem humana. Os boschimanos acreditam que o pronunciarem o nome do lião lhes acarreta desgraças.

Variadas são as penas em que julgam incorrer aquelles que faltam ao respeito devido aos animaes totens. Os bakalaíos julgam que se um homem comesse a carne do seu totem, as mulheres do clan abortariam ou dariam á luz animaes, identicos aos totens ou então morreriam de doença terível. O clan do Veado nos omahas acredita que se um membro da tribu totemica tocar numa parte qualquer do voador ou comer a carne d'este ou dum cabrito montês, será castigado com a erupção de manchas brancas e de pregos em differentes pontos do corpo. O subclan do milho vermelho, nos omahas, acredita que o facto de comer milho vermelho produz erupções em volta da bocca. Os omahas acreditam, em geral, que se comessem o totem, mesmo contra vontade, cahiriam doentes todos, isto é, não só o individuo que tivesse comido, mas ainda a mulher e filhos d'este. Os cabellos brancos são para os omahas o signal duma transgressão de tabù totemico; assim, por exemplo, um homem do clan das serpentes terá cabellos brancos por haver tocado numa serpente. Os habitantes de Wetar acreditam que será atacado de lepra ou de loucura todo aquelle que comer o seu totem. Os adoradores da deusa syria, cujas crenças estavam saturadas de totemismo, acreditavam que, se comessem uma sardinha, todo o corpo se lhes cobriria

de ulceras, que perderiam as pernas, ou então que o figado se desfaria e o ventre e as pernas inchariam.

Os egypcios, um dos totens dos quaes parece ter sido um porco, pensavam que, se um homem bebesse leite de marrã, o corpo se lhe cobriria de pustulas.

Os negros bosh da Guyana julgam que, comendo a carne dum capiai, animal semelhante ao porco, seriam atacados de lepra. A tribu singhia dos diakos, cujo totem parece ser o cabrito montês, não come a carne d'este animal e não consente que alguem lho leve para sua casa nem que o assem nos seus lumes; nenhum homem adulto seria capaz de tocar nesse mesmo animal. E' crença d'esta mesma tribu que enlouqueceria todo aquelle que comesse a carne do cabrito montês; assim acreditou-se ahi que tinha comido essa carne um homem que completamente nu andava correndo as florestas, imitando o balar e os saltos do cabrito montês.

Os indigenas de Samoa pensavam que o ferir ou matar um animal totem era causa de morte inevitavel. Suppunha-se que o totem escolhia para moradia o corpo do peccador e ahi fazia nascer o proprio objecto que o homem comera, o que dava em resultado a morte.

Era assim que, quando um homem-tartaruga comesse uma tartaruga, cahia doente e ouvia-se-lhe no corpo a voz da tartaruga, dizendo: «Comeu-me, logo mato-o.» Se um homem ouriço comesse um ouriço, este renascia, desenvolvia-se-lhe no corpo e matava-o. O coração dum porco e o octopodio eram tambem fataes para quem os comesse. Se um homem-mugem comesse o seu totem, começava logo a entortar os olhos; se um homem marisco apanhasse um d'estes animaes e o levasse, a figura do animal ap-

parecia-lhe desenhada no corpo, e, se o comesse, re-bentar-lhe-hia pelo nariz. Se um homem, cujo totem fosse a extremidade duma folha de banana se servisse d'esse totem para cobrir a cabeça, ficaria calvo. Uma borboleta matava o homem borboleta que a apanhasse. O clan dos pombos bravos não podia utilizar como pratos folhas d'arvores de pão secas e raiadas de vermelho, sob pena de serem as pessoas que tal fizessem atacadas de rheumatico ou por doença de pelle, alastrada por todo o corpo, chamada *tango susu*, muito parecida com o sarampo. Um homem ave domestica que comesse o seu totem, era atacado de loucura e morria.

Comtudo os habitantes de Samoa dispunham, em taes casos, dum meio para apasiguarem o seu totem irritado; o proprio offensor ou um outro homem do seu clan era envolvido em folhas e mettido num forno não quente, como se o quizessem cozer.

Se um homem que fosse visitar os membros do clan lula tivesse apanhado e mandado cozer uma lula, ou ainda se um homem lula houvesse assistido a uma refeição em que se comessem lulas, o clan reunia-se e escolhia um homem ou uma mulher que se sujeitavam a um simulacro de cocção, porque, a não se fazer isto, nasceriam lulas nos estomagos de alguns membros do clan que assim morreriam.

A mesma cousa acontecia com o muges e com a arraia; mas, se um membro do clan que tinha por totem estes dois peixes comesse qualquer d'elles, era obrigado a beber um copo de azeite rançoso, muito provavelmente considerado como purgante.

A cocção simulada impunha-se particularmente no caso em que o totem houvesse sido assado num forno; seria fatal para o clan o continuar a servir-se do forno sem haver cumprido um tal rito expiatorio.

Tambem na Australia a doença ou a morte serviam de punição áquelles que houvessem comido o totem; mas na Australia não é só o totem que é tabú. Os australianos teem um código muito complicado de prohibições alimentares, variaveis, principalmente, com a idade dos individuos, sendo muito apertadas e de grande latitude para os mancebos e indo diminuindo á proporção que os annos avançam. Assim é defeso á gente nova comer avestruz, sob pena de se soffrerem grandes erupções de pelle.

As prohibições alimentares relativas ás mulheres, até á idade critica, parece que são mais numerosas ainda do que para os rapazes; para as crianças e para os velhos d'ambos os sexos não ha nenhuma restricção nos alimentos. Para se pôr termo a estas prohibições lança-se mão dum rito especial, que consiste em um velho besuntar a cara da pessoa, sobre quem impende a prohibição, com a gordura do animal defeso.

Nalgumas tribus o respeito pelo totem desapareceu já de todo ou vai diminuindo muito sensivelmente; assim os narrinieris matam o seu totem sempre que este seja um animal que forneça bom alimento e comem-no com muito gosto. Eyre nunca notou que os indigenas da Australia do sul tivessem repugnancia em matarem o seu totem. Algumas tribus da Nova Galles do Sul não matam os seus totens, mas não impedirão que os estrangeiros os matem, nem se recusam a comê-los nessas condições. Os dieris da Australia do sul não teem veneração especial pelos seus totens, comendo-os tambem sem repugnancia; um habitante de Samoa do clan da Tartaruga não é capaz de só por si comer a tartaruga, mas ajudará o vizinho a temperá-la e a cozê-la, tomando apenas a precaução de tapar a boca com uma fita, porque se não fizera isto poderia ir-lhe para as

guelas um embrião de tartaruga que depois, crescendo, o matava.

Os bechuanas matam o totem, se este é um animal perigoso, um lião por exemplo, mas antes de o matarem pedem-lhe desculpa. Quem matou o totem sujeita-se depois a uma certa purificação. Também na America do norte, um tanak do clan do urso, que haja morto um urso, propõe ao animal tomar parte num banquete solemne, offerecendo-lhe a sua propria carne; pede-lhe desculpa por se vêr na necessidade absoluta de o matar, mas, emfim, bem deve saber que os filhos estão com fome, etc. Também alguns clans moquis não comem o seu totem; os indios do Alabama e da Georgia não respeitavam os totens e matavam-nos sempre que para isso tinham ensejo; os omahas não prestam culto ao totem.

O homem e o seu totem estão ligados por laços mutuos de auxilio e protecção. Assim, se o homem respeita o seu totem e tem cuidado com elle, exige-lhe em compensação respeito e cuidados identicos. Na Senegambia, os totens, quando animaes perigosos, não fazem mal ás pessoas do seu clan. Assim, por exemplo, os homens do clan do escorpião affirmam que nunca são mordidos por esse animal, que na Senegambia é extremamente venenoso, ainda que o tenham sobre o corpo. Um certo clan de homens serpentes, *ophiogenios*, em Chypre, gozava da mesma immunidade. Os membros dum outro clan de homens serpentes, na Asia menor, julgando-se descendentes e alliados das serpentes, sujeitavam a uma prova pratica o homem que dissesse ser do seu clan, mas que desconfiassem que era um estranho. Obrigavam-no a ser mordido por uma serpente; se sobrevivesse, provava-se que realmente pertencia ao clan, morrendo provava ter sido um intruso, um impostor.

A prova dum homem-medicina nos moxos do Perú

é do mesmo genero. Um dos seus totens é o tigre, o jaguar, e o candidato ás funcções de homem-medicina tem de provar o seu parentesco com o tigre, espondendo-se a uma mordedura, sobrevivendo á qual passa a ser considerado homem-medicina. Os psyllós, clan de homens serpentes da Africa, apresentavam os recém-nascidos aos dentes das serpentes; se estas lhes tocavam ou os mordiam, sem que d'isso resultasse a morte, os recém-nascidos eram filhos legitimos; no caso contrario bastardos. Na Senegambia ainda é hoje crença corrente que uma serpente visita todos os recém-nascidos do clan da serpente dentro dos oito dias que seguem immediatamente o nascimento; um mendinga d'este clan affirmava um dia que mataria todos os filhos que não tivessem sido visitados pela serpente.

Em Madagascar, punha-se uma criança recém-nascida á entrada dum curral e obrigava-se o gado a passar por ali, para vêr se passava ou não por cima da criança, costume este que, originariamente, constituiu talvez uma prova de parentesco. Uma outra prova de parentesco com o animal sagrado, se bem que d'especie differente, é a empregada para se descobrir o novo Dhurma Rajah em Assam. O Dhurma Rajá era considerado a incarnação duma divindade; quando morria, o seu successor tinha de ser uma criança que houvesse recusado o leite materno, preferindo o leite de vaca, facto este que leva a acreditar-se na existencia muito remota dum totem vaca.

Outros clans totemicos consideram o homem, que tenha sido mordido pelo animal totem, mesmo que escape da mordedura, renegado pelo totem e, como consequencia d'isso, devendo ser expulso do clan.

O clan do crocodilo, nos bechuanas, pronuncia a exclusão do homem que haja sido mordido por um crocodilo ou molhado pela agua projectada pela pan-

cada da cauda do mesmo animal. Algumas ordalias juridicas tiveram talvez origem em provas de parentesco totemico. Assim, em Travancore, havia a seguinte ordalia juridica: o accusado punha a mão num manto que cobria uma cobra, se esta o mordida o accusado era criminoso; no caso contrario, innocente. Ha nisto restos de totemismo; facto este que sobresahe não só do culto prestado á serpente, mas tambem do costume de se fazer a cremação duma cobra morta com todas as cerimoniaes devidas a um homem de casta elevada. Os juramentos na sua origem eram ordalias e alguns são de origem totemica. O clan do crocodilo, nos betchuanas, jura pelos crocodilos; os santaes ou sonthaes, tribu totemica de Bengala, adoram, segundo se diz, o tigre, o que provavelmente significa que o tigre é um dos seus totens, e fazem os juramentos mais solemnes sobre a pelle dum tigre.

Não basta, porém, que o totem se abstenha de fazer mal aos seus adoradores; deve fazer-lhes tambem serviços positivos. Os membros do clan serpente, ophiogenios, da Asia menor, acreditavam que pelo contacto curavam as pessoas mordidas por uma vibora; pensavam que por essa forma sugavam o veneno e faziam desaparecer a inflammação e a dôr. Os homens-medicina dos omahas, quando tratam um doente, imitam as acções e a voz do seu totem individual. Os membros do clan das serpentes na Senegambia teem a pretensão de curar as pessoas mordidas por uma serpente pelo simplez contacto.

Na antiguidade alguns clans de serpentes, na Africa, em Chypre e na Italia, tinham tambem a pretensão de possuirem a mesma virtude curativa.

O subclan das avezinhas, nos omahas, ao qual é ordinariamente defeso comer avezinhas, pode, em caso de doença, comer pintainhos. O clan de Samoa,

que tinha por totem as extremidades das folhas e de outras cousas diferentes, podia e devia mesmo expulsar do clan um homem doente com as extremidades das folhas do coqueiro. Os homens do clan Algas marítimas, em Samoa, levavam consigo, quando travavam uma batalha no mar, uma porção de algas que deitavam na agua para os inimigos não poderem fugir. Se o inimigo procurasse apanhá-las, as algas mergulhavam; voltavam á superficie sempre que um membro do clan se aproximava. Este caso faz lembrar o facto tão vulgar nos contos populares de se arremessarem objectos magicos para fazer sustar qualquer perseguição.

O totem tambem fornece, por via de signaes, indicações importantes aos homens do seu clan. Na tribu da costa Murring da Nova Galles do Sul, os totens avisavam os seus fieis da aproximação do perigo; quando o totem era o Cangurú, este advertia os seus crentes da aproximação dos inimigos. Os Kurnai da provincia de Victoria adoram a gralha como um antepassado; acreditam que essa ave vêla por elles e lhes responde ás perguntas que lhe fazem. Os totens de Samoa faziam signaes aos homens seus parentes; assim, se um mocho voava na frente de homens-mochos que iam para a guerra, isso significava uma ordem para avançarem, mas se voasse em direcção opposta queria dizer que deviam retirar-se. Alguns guardavam um mocho para servir d'augurio em caso de guerra.

A apparição do animal totem numa casa, ou nas proximidades d'esta, era considerada por alguns clans como signal de morte, visto que, diziam, o totem viera procurar o seu parente. Dava-se isto com as enguias.

Se o comportamento dum totem não correspondia ás exigencias da tribu, havia diferentes maneiras de

se exercer pressão sobre elle. Na época das colheitas, quando as aves comem trigo, os membros do clan das avezinhas, nos omahas, mastigam alguns grãos de trigo e depois expellem-nos sobre o campo, julgando que, por esta forma, afastam os passaros. Quando os vermes atacam o trigo do clan dos reptis, tambem nos omahas, apanham-se alguns e trituram-se com alguns grãos de trigo quente, fazendo-se assim uma sopa que é comida pelos membros do clan, resultando d'isto o trigo não ser atacado pelos vermes, pelo menos durante um anno.

Em tempo de nevoeiro, os homens do subclan da tartaruga, nos omahas, desenham a figura duma tartaruga no solo, com a cabeça do animal voltada para o sul; poem-lhe pedaços de panno vermelho e uma porção de tabaco na cabeça, no rabo, no meio do dorso e nas patas e acreditam que, por esta forma, o nevoeiro desaparecerá.

Em outro clan omaha, a gente do vento, os homens sacodem as capas e mantos para chamarem a brisa que ha-de obrigar os mosquitos a desaparecerem.

São de mais difficil comprehensão as relações entre o homem e o seu totem, quando este ultimo é um objecto inanimado, se bem que sejam raros os totens d'esta especie. Comtudo encontram-se na Australia, o trovão, na tribu de Encounter Bay; a chuva em Dierys, na Australia do sul; a estrella *alpha* da Aguia ou Fomalhaut, em Mukjarawaint, no occidente de Victoria; o vento quente e o sol, em Wotjoballuk, a noroeste de Victoria; o mel, nos Kamilaroi, na Nova Galles do Sul, e a agua limpida nos Kuin-Murbura, na Queenslandia.

O Averso e o Relampago são os nomes dados por Fison e Howitt ás duas classes principaes da tribu Kiabera da Queenslandia; como teremos occasião de

vêr, são, ou foram outr'ora, muito provavelmente nomes de totens.

Na America encontramos tambem nesta especie o gelo, totem Punka; o trovão, nos omahas, kans vinnebagos, pottavattamies, sankos e rapozas; a terra, em Kaw, a agua, nos minnitarios, miamis, moquis; o vento entre os creeks; o sal entre os mesmos; o sol nos miamis e moquis; a neve nos miamis; os ossos nos sankos e rapozas; o mar nos mesmos; a areia nos moquis e tambem entre estes a chuva.

Na Africa, o sol e a chuva são totens para os damaras. Na India, uma constellação é um totem sonthal, a espuma do rio ou ribeira é um totem oarão e os homens do clan não a devem beber.

Em Samoa temos o arco-iris, a estrella cadente, as nuvens, a lua e o relampago como totens.

Nalguns casos, embora raros, as cores tambem são totens. Assim o vermelho é um totem dos omahas; o vermelho e o azul são totens para os cherokees; o vermelhão é o nome duma subdivisão dos delavares; comtudo não é muito clara a natureza das sub-divisões dos tres clans de delavares. Este facto explica, porventura, a aversão que algumas tribus manifestam por certas cores; assim o vermelho, por exemplo, era prohibido numa região de Mangaiá, no Pacifico do Sul, porque se acreditava que essa côr era desagradavel aos deuses. O amarello claro é côr detestada pelos habitantes das ilhas Hervey; os yezidis teem grande horror pelo azul.

E' interessante verificar-se que os corpos celestes desempenham papel muito insignificante no totemismo. Na lista dos totens que apresentámos, só encontramos o sol uma vez na Australia, outra na Africa, e algumas vezes na America, appoiando-nos no que sobre o caso dizem Morgan, Bourke e Mac Lennan. O sol era o deus especial dos natchez, mas

não se pode asseverar que fosse um totem. Entre os totens só encontramos também duas constellações e a lua apparece apenas uma vez em Samoa, e apresenta-se-nos uma excepção duvidosa na America, onde a lua seria talvez um totem individual.

Pelo que diz respeito aos totens artificiaes pretende-se geralmente que entre os totens de Bengala se encontram também objectos artificiaes, como, por exemplo, a rede, totem Kurmi. Na America encontramos a tenda como totem dos Kaws; a bola é um totem para os iroqueses onondaga. A boa faca encontra-se nos mandanas; a faca, a cabana e o chapéu são totens dos minnitarios. Schoolcraft falla da corda como totem huron, mas a verdade é que a não achamos na lista de totens hurões feita por Morgan e Powell.

E' provavelmente com o intuito de se collocarem completamente sob a protecção do totem que os membros duma tribu se assimilam ao totem; vestem-se com a pelle ou com qualquer outra parte do animal totem, arranjam os cabellos ou mutilam o corpo para se parecerem com o totem, ou então representam este nos seus corpos por meio de incisões, tatuagens e pinturas. O estado mental revelado por estas practicas manifesta-se mais claramente ainda na crença de muitos indios da America do Norte de que todos elles teem um animal, bisão, vitella, tartaruga, rã, ave, etc., dentro do corpo.

Os minnitarios, antes de entrarem em batalha, cobrem-se com pelles de lobo. A pelle com cauda cahe ao longo das costas do homem, a cabeça d'este passa por um buraco da pelle, ficando a cabeça do lobo sobre o peito do homem.

Lewis e Clarke viram um indio tetonio que levava dois ou tres corpos de corvos com as caudas levantadas na parte posterior da cintura, na cabeça le-

vava uma outra pelle de corvo, dividida em duas partes e disposta de maneira que o bico ficava ao meio da testa. Entre os thlinkits os homens apparecem muitas vezes, nas occasiões solemnes, como dansas, festas commemorativas, funeraes, etc., completamente disfarçados em animaes totens, e em geral, todos os individuos usam pelo menos uma parte facilmente cognoscivel do totem. Os clans do condor no Perú enfeitavam-se com penas d'esta ave da qual se julgavam descendentes.

Os clans do Iowa teem cada um d'elles maneira differente de se pentear; os membros do clan do bufalo usam dois anneis de cabellos imitando cornos. Deve notar-se, porém, que só os rapazes é que usam similhante penteado; quando chegam a adultos rapam a cabeça, deixando apenas no alto uma pequena madeixa.

Nos omahas os rapazes do clan dos hombros negros, bufalo, usam tambem dois anneis de cabelo imitando cornos. O clan hanga dos omahas, tambem clan dos bufalos, usa uma madeixa de cabelo com cerca de duas pollegadas de comprimento em sentido transversal para imitar o dorso do bufalo. O clan das avezinhas, nos omahas, deixa uma pequena porção de cabelo por cima da frente para fingir um bico, alguns dos membros d'esse clan deixam tambem essa pequena porção do cabelo na parte posterior para imitarem o rabo da avezinha, e cabellos deixados por cima das orelhas imitam as azas. O subclan da tartaruga nos omahas, corta todos os cabellos aos rapazes, deixando-lhes ficar apenas seis anneis, dois de cada lado, um outro por cima da frente e outro ainda cahindo sobre as costas, para imitarem as patas, a cabeça e o rabo da tartaruga.

Entre os manganjas da Africa oriental os homens arranjam os cabellos de forma a tomarem o feitio tão



admirado dos cornos de bufalo, outros preferem deixar cair os cabellos numa trança espessa á similitude da cauda do bufalo.

O costume de arrancar os incisivos superiores por occasião da puberdade, costume que se encontra na Australia e em outros pontos, é, ou foi noutros tempos, uma imitação do totem. Os batocas da Africa, dizem que fazem isso para se assimelhaem ao boi, e que aquelles que conservam os dentes todos se assimelham á zebra. Os manganjas limam os dentes para se parecerem com o gato e com o crocodilo. E' caso notavel o de n'algumas tribus australianas, que arrancam os incisivos dos rapazes, os enfeites mais estimados pelas mulheres serem os dois incisivos do cangurú ou wallaby; prendem-nos em forma de V e usam-nos como collar ou nos cabellos. Casos ha tambem em que são dentes dos rapazes os que as mulheres trazem ao pescoço.

O osso, a canazinha ou o pausinho que algumas tribus australianas trazem atravessados no nariz são, talvez, tambem recordações do animal totem, tanto mais que os não trazem constantemente, mas só em caso de perigo. A significação d'este costume é talvez o facto do homem pretender assimelhar-se mais ao seu totem quando entende carecer mais da protecção d'este. Os homens-medicina dos Kurnai só podiam communicar com os espiritos quando traziam ossos no nariz.

Os haidas das ilhas da Rainha Carlota andam todos tatuados com o seu totem, sendo o desenho feito segundo um estilo convencional. Se algumas familias de totem differente viverem juntas na mesma casa, o chefe haida manda tatuar no seu corpo todos os totems dessas familias.

Os iroqueses tambem se tatuavam com o seu totem. E. James, grande auctoridade em tudo quanto

se refere aos indios da America do Norte contesta que esse facto fosse costume geral; mas nós, todavia, pensamos que isso fosse pratica commum. Mackenzie diz que os ojibevaios, chippevaios, tatuam os labios ou a fronte para se differencarem das outras tribus. Os assiniboos faziam no corpo desenhos de serpentes, aves, etc., representando provavelmente os seus totens.

As tribus da America do sul distinguem-se especialmente pela tatuagem; mas não sabemos se são tatuagens totemicas, bem como tambem o não sabemos no que respeita aos indigenas da ilha de Yulo, aos esquimós do Alaska e aos manganjas da Africa.

Numa das ilhas Hervey, no Pacifico do Sul, a tatuagem imitava as riscas de duas especies differentes de peixes, os quaes muito provavelmente eram totens. Os australianos não se tatuam, mas fazem-se cicatrizes, por vezes em forma de desenho, servindo de brazões de tribu e constituídas por linhas, pontos, circulos, semicirculos, etc.

Por outro lado, tambem ás vezes se pinta o totem no corpo do *clansman*, homem do clan. Verificámos o facto nos indios da Columbia inglesa e nos hurões. Cada clan tem maneira differente de pintar a figura, a qual, pelo menos nos chefes no momento da investidura, representa o animal totem. Entre os moquis, os que entram em corridas, dansas, etc., teem cada um d'elles uma representação convencional do totem do seu clan no peito ou nas costas. Catlin desenhou um pawnee, cujo totem era uma cabeça de bufalo; na gravura vem o desenho reproduzido no rosto e no peito do homem.

O *clansman* põe tambem o seu totem, á laia de assignatura, nos tratados ou em quaesquer outros documentos e pinta-o ou grava-o nas armas, na cabana, na canoa, etc. Os indigenas do Darling supe-

perior gravam o totem nos escudos. Os indios que acompanhavam Samuel Hearne na viagem pela bahia de Hudson até ao Pacifico pintavam os totens, sol, lua, aves diversas e carnivoros, nos escudos antes de se baterem. Algumas tribus em tempo de guerra levam estandartes constituídos por figurações dos seus animaes totens pintadas em pedaços de cortiça fixados a paus. Nos thlinkits, os escudos, capacetes, canoas, coberturas, utensilios domesticos e as casas, tudo está marcado com o totem pintado ou gravado. Nos duellos dos campiões eleitos pelos diversos clans thlinkits, cada combatente leva um capacete com a figura do seu totem. Em frente da morada dos chefes e dos homens principaes haidas encontram-se postes que teem esculpido o totem dos moradores. E, como essas casas são algumas vezes habitadas por algumas familias de totem differente, o poste tem muitas vezes um certo numero de totens uns por cima dos outros. Na opinião de alguns auctores estes totens sobrepostos representam os totens paternos da linha feminina por que, como a descendencia é em linha materna, o totem paterno não é sempre o mesmo de geração para geração. Os indios da costa da Columbia inglesa esculpem o totem nas traves que supportam os telhados das casas; pintam tambem os totens por cima da porta e pintam-nos ou esculpem-nos nos remos e nas canoas.

Os pawnies marcam as cabanas, as roupas e os enfeites com os respectivos totens; os delavares, pintavam outr'ora o totem nas suas casas; o clan da tartaruga pintava uma tartaruga inteira, mas já o clan do perú só pintava uma pata do animal; o clan do lobo pintava ordinariamente apenas uma pata do lobo, se bem que ás vezes tambem pintasse os contornos de todo o animal. Nas aldeias ottavas os differentes clans totemicos occupavam bairros separados;

às portas d'estes bairros levantavam-se postes sobre os quaes se collocava a figura do totem ou de parte d'este. Os clans omahas pintavam o totem nas tendas; nos iroqueses o signal totemico por cima de cada wigwam consistia, n'alguns casos pelo menos, na pelle do animal totem, castor, cabrito montês, urso. Algumas vezes tambem empalham a pelle do animal e collocam-na numa estaca em frente da porta. O totem pinta-se ou grava-se no tumulo ou na estaca funeraria; o desenho é ás vezes invertido em signal de lucto, conservando-se sempre por esta forma o nome totemico do individuo e não o nome pessoal. Algumas vezes tambem a pelle empalhada do animal totem é suspensa por cima do tumulo ou collocada ao lado do morto.

A identificação do individuo com o seu totem parece ter sido objecto de differentes cerimonias, por occasião do nascimento, do casamento, da morte e em outras occasiões solemnes.

Cerimonias do nascimento.—Cinco dias depois do nascimento, pintam-se, nas costas duma criança do clan cabeça de cabrito montês dos omahas, manchas vermelhas para imitarem a pennugem do avestruz e ainda riscas vermelhas nos braços e no peito. Todos os homens cabeças de cabrito montês, que assistem a esta cerimonia, fazem manchas vermelhas no peito. Quando uma mulher, nos eslavos do sul, dá á luz uma criança do sexo masculino, uma velha sahe a correr de casa e grita: «*Uma loba deu á luz um lobo*» e passa-se a criança através da pelle dum lobo, como se realmente a criança sabisse d'essa pelle. Cosem-se além d'isso um bocado de olho e outro de coração dum lobo á camisa da criança ou então põem-se-lhes essas mesmas cousas em torno do pescoço e se, porventura, já teem morrido algumas crianças da mesma familia, chama-se ao recém-nascido Lobo. A razão que

se apresenta para justificar esse costume é a de que as feiticeiras que comem as crianças não fazem o mesmo ao lobo.

Por outras palavras, a criança está disfarçada em lobo para enganar os inimigos sobrenaturaes. O mesmo desejo de protecção contra perigos sobrenaturaes pode ser o motivo de costumes totémicos analogos, se é que não é mesmo o do totemismo em geral. A lenda do nascimento de Zamolxis, assim chamado, segundo se diz, porque quando nasceu lançaram sobre elle uma pelle de urso, allude ao costume de, na occasião do nascimento, se envolverem as crianças numa pelle d'urso, costume este que, porventura, é signal dum totem do urso.

A crença dos getas de que os seus mortos vão para Zamolxis viria a ser então uma ideia totémica; os getas por morte transformam-se no seu totem. Se o horoscopo duma criança indú predisser desgraça ou crime, representam um novo nascimento da criança, como produzido por uma vaca; cobrem-na de pannos escarlata e collocam-na numa joeira nova, que se faz oscillar entre as pernas trazeiras duma vaca na direcção das pernas dianteiras e da boca e *vice-versa* para se simular o parto. Em seguida realizam-se as cerimoniaes ordinarias do nascimento, aspensão, etc., e o pae cheira o filho, á semelhança do que a vaca faz com o vitello. Nas Indias, um adulto pode *renascer* passando através duma vaca de ouro para se simular o nascimento. Procedem assim, por exemplo, sempre que alguém se manchou por contacto com os infieis.

Cerimonias do casamento. Nos kalangos de Java, cujo totem é o cão vermelho, friccionam-se os noivos com as cinzas dos ossos d'um cão vermelho. Nos tziganos da Transylvania friccionam-se os noivos com a pelle duma cabra. A pelle da cabra sagrada, Aegis,

que a sacerdotiza de Athenas levava a casa dos recém-casados, foi talvez empregada com este intuito. Em Roma, os noivos sentavam-se sobre a pelle duma ovelha sacrificada por ocasião do casamento. As noivas italianas sujavam a portada da sua nova moradia com gordura de lobo. E' difficil separar-se do totemismo o costume, observado por alguns clans de Bengala, de casarem primeiramente os noivos com uma arvore; a noiva toca com chumbo vermelho, cerimonia frequente de casamento, uma arvore *malwa*, circumda-a com os braços e deixa-se prender a ella; faz-se o mesmo para o noivo com uma arvore *mango*.

Encontram-se ainda na Servia vestigios de casamento com arvores; leva-se a noiva para junto duma macieira, pois que as maçãs teem a sua função muitas vezes nos ritos do casamento entre os eslavos do sul, põe-se debaixo da macieira uma bilha cheia d'agua, e deita-se-lhe dinheiro; tira-se em seguida o véu á noiva e prende-se esta á arvore. Depois a noiva derruba a bilha com um ponta-pé, dão-se tres voltas de dança em torno da arvore e dá-se a cerimonia por finda.

O casamento com a arvore apparecia muito claramente na festa grega dos Dedalos, na qual se cortava um carvalho escolhido por previa e especial adição; em seguida vestia-se o carvalho de noiva, dava-se-lhe uma dama de honor e passeiavam-nos solemnemente num carro. A origem mythica d'esta festa era considerada como um falso casamento de Zeus com um carvalho. Um costume dos índios ricaras mostra quaes as ideias fundamentaes que se encontram na origem d'estas ceremonias de casamento. Costumavam elles fazer um buraco na pelle do peçoço, introduzindo ahi uma corda por meio da qual se ligavam a um tronco de carvalho, pensando que assim adquiriam a força e a rizeza da arvore.

As ideias de substituição ou disfarce, que parecem constituir o fundo d'estas cerimoniaes do casamento, bem como das do nascimento, apparecem claramente nalguns casamentos hindús. Assim, se um homem perdeu successivamente algumas mulheres, deve casar-se formalmente com uma ave, para que outra familia consinta em dar-lhe uma outra mulher. Se algum d'elles desejar possuir terceira mulher, estejam ou não vivas as outras, deve casar-se previamente com uma panella de barro. As bailadeiras de Goa são casadas com punhaes, antes de poderem exercer a sua profissão. As cortesãs filhas de cortesãs são casadas com plantas floridas, que se conservam propositadamente para este fim; regam-se e tratam-se essas plantas com todo o cuidado, deitando-se lucto por ellas quando morrem.

Ha alguns casos de casamento de homem com objectos inanimados, que parecem não ter origem totemica. Cerimoniaes de casamento totemico d'especie differente são praticadas por um clan de tigres entre os gondos; dois homens imitam o animal totem despedaçando á dentada um cabrito montês vivo.

Cerimoniaes da morte. Por occasião da morte tambem o homem do clan procura identificar-se com o totem.

Muitos clans, como já vimos, acreditam que descendem do seu totem, pelo que estão convencidos de que, por morte, retomam a forma totemica. Os moquis, cujos antepassados são serpentes de cascavel, cabritos montêses, ursos, areia, agua, tabaco, etc., acreditam que, depois da morte, se converterão em serpentes de cascavel, cabritos monteses, etc.

Nos hombros negros, bufalos, dos omahas o moribundo era envolvido numa pelle de bufalo com os pellos para fora, pintavam-lhe no rosto o brazão do clan e apostrophavam-no da seguinte maneira: «Vaes

para junto dos animaes bufalos, vaes juntar-te aos teus antepassados, vaes-te embora, ou as tuas quatro almas vão na direcção dos quatro ventos; sê forte! «Nos hangas, outro clan de bufalos dos omahas, havia cerimonia analoga e dizia-se ao moribundo:» Vieste para aqui de casa dos animaes, e voltas para ella; não torças o caminho; se partes, segue o teu caminho.»

Os membros do clan do veado nos omahas, que durante a vida não podem tocar em qualquer parte dum veado nem comerem cabrito montês são enterrados com coberturas de pelle de cabrito montês. As rainhas egypcias eram ás vezes enterradas em sarcophagos com o feitio duma vaca. Nos australianos, os wotjoballukos, homens do totem do vento quente, são enterrados com a cabeça na direcção donde este vento sopra, e os homens sol com a cabeça voltada para o nascente. Nos marias, clan gondo, cujo nome se suppõe derivado de *mara*, arvore, ligam-se os corpos dos adultos machos a uma arvore *mahuva* e queimam-se. Na celebração do anniversario da morte dum parente, os nataranes do Paraguay levavam processionalmente casoares mortos; era provavelmente um symbolo do morto, visto que o casoar era o totem do clan.

Os homens neve nos puteuatmis eram queimados, contrariamente ao que se praticava na tribu, porque se acreditava que, assim como a neve cahe do ceu, assim tambem os corpos dos homens neve não deviam ser enterrados, mas sim tratados de maneira que pudessem ir juntar-se nos ares com o seu parente, a neve. Um dia havia-se enterrado um homem neve e o inverno seguinte foi tão longo e a neve tão abundante que se chegou a perder a esperanza de tornar a vêr a primavera. Então lembrou-se o clan de exumar o cadaver e queimá-lo; immediatamen-

te a neve deixou de cair e a primavera sorriu de subito.

Cerimonias da puberdade. A puberdade nos selvagens é celebrada com cerimonias, algumas das quaes parecem estar directamente ligadas com o totemismo. Há differentes ritos de iniciação entre os australianos; fazem-se aos homens e ás mulheres do clan as cicatrizes de que fallámos e que servem de brazão á tribu ou representam a imagem do totem. Outras cerimonias de iniciação comprehendem o arrançamento dos dentes, etc., costumes estes que, como já dissemos, se julga assimilarem o homem com o seu totem. Se nos lembrarmos de que as regras fundamentaes em que assenta uma sociedade totemica, são leis de casamento ou antes de trato sexual, que se baseiam na distincção dos totens, que as pessoas do mesmo totem não podem ter relações sexuaes, sob pena de morte, veremos immediatamente o significado das cerimonias da puberdade, que se realisam no momento em que a transgressão d'estas regras importantissimas se torna possivel pela primeira vez. A necessidade de *marcar* o individuo parecer-nos-ha mais evidente ainda, se tivermos em conta a divisão enormissima das tribus selvagens em grupos locaes; estes grupos são simultaneamente unidos e divididos por um codigo elaborado com prescrições e interdicções sexuaes, e são ainda separados pelas differenças de dialectos e até de linguas que, na falta dum symbolo vizivel, tornariam illusoria qualquer especie de prescrição e de interdicção. O objectivo principal d'estas cerimonias é, pois, ensinar aos mancebos e ás raparigas as pessoas com quem poderiam casar-se, dando-lhes uma linguagem vizivel que consistia em marcas pessoaes e, como vamos tambem vêr, em gestos por via dos quaes poderiam dar a conhecer o seu totem ou assegurar-se da descendencia dos estranhos,

cuja linguagem não comprehendiam. Sob este aspecto, o estudo d'estas cerimoniaes devia fazer parte da secção que tratasse do lado social do totemismo; mas, como as regras, que por estas cerimoniaes devem ser inculcadas aos interessados, são provavelmente deducções das relações fundamentaes e ainda inexplicadas entre um homem e o seu totem, que constituem a religião do totemismo, podem estudar-se muito bem nesta altura. E' certo que regras de conducta, especialmente para com o outro sexo, formam uma parte d'estes ritos de iniciação; obriga-se o mancebo a *limitar-se á classe, divisão totemica, que o nome lhe impõe... dão-se-lhe a conhecer ao mesmo tempo os segredos da tribu, repetem-se-lhe todas as tardes, em quanto dura a cerimonia, bora esses segredos, que constituem a parte essencial da cerimonia.* E' provavel que o alvo das danças ou pantomimas totemicas, que constituem uma parte dos ritos de iniciação, seja o proporcionar aos mancebos o conhecimento da linguagem de gestos a que nos referimos.

Uma das phases, por exemplo, dum rito australiano consiste na chegada dum certo numero de homens uivando e caminhando com as mãos pelo chão, para imitarem o dingo, cão australiano; finalmente, o director da cerimonia dá um salto, bate as palmas e grita o nome totemico, *cão bravo*. A tribu da costa Murring da Nova Galles do Sul tinha uma cerimonia de iniciação, durante a qual se gritava o nome do totem, *serpente castanha*, e um homem medicina tirava da boca um animal vivo d'esta especie.

Os clans totemicos dos bechuanas teem as suas danças ou pantomimas especiaes; quando querem saber a que clan pertence um estranho, perguntam-lhe o que é que elle dança.

Tambem noutros pontos vamos encontrar a dança como meio para a escolha sexual. Entre os tshim-

sian, uma das tribus totemicas da costa noroeste da America do Norte, as raparigas, na epoca da puberdade, dançam uma dança cerimoniaosa em frente do povo. Nos casias de Bengala, onde a mulher e o homem são sempre de clan differente, as raparigas dançam em honra da lua nova do mês de março; os rapazes não dançam, veem apenas, e muitos são os casamentos que se fazem nesta occasião. A 15 do mês Abh, as raparigas de Jerusalem saham vestidas de branco e dançavam nas vinhas, dizendo: «Olha para aqui, mancebo, e escolhe uma esposa; não te importes com o rosto, mas sim com a familia». As raparigas da Attica, entre os cinco e os dez annos, deviam chamar-se a si mesmas ursas, todos lhes davam esse mesmo nome e ellas imitavam esses animaes. Ninguem queria casar na Attica com uma rapariga que *não tivesse sido ursa*.

Devem distinguir-se as danças totemicas de iniciação das danças animaes, que se effectuavam por occasião da iniciação e que eram destinadas a dar ao noviço poder sobre os animaes. Em certa cerimonia de iniciação da Nova Galles do Sul apresentava-se aos noviços um cangurú feito de hervas, e apresentando-lhes assim um *cangurú morto, dava-se-lhes a saber que lhes era conferido o poder de matarem esse animal*. Os homens prendiam á cintura rabos de hervas e saltavam dum lado para outro para imitarem os cangurús, emquanto outros dois homens os acompanhavam com lanças fazendo menção de os ferirem. Uma outra cerimonia de iniciação australiana consistia na imitação duma caça de vallaby. Estas danças, ou antes pantomimas de iniciação, parecem-se, pois, muito com as pantomimas que os caçadores selvagens celebram antes de irem para a caça. Acreditam esses homens que, por esta especie de magia sympathica, a caça será apanhada, precisamente como os

actores na caça representada na pantomima. E' assim que nos cafres Koosa um homem mette na boca, antes de ir para a caça, um punhado de hervas e anda com as mãos pelo chão para imitar a caça, emquanto os outros caçadores vão gritando e o perseguem até que faça menção de cahir morto. Alguns negros da Africa equatorial occidental fazem uma pantomima de caça de gorillas, antes da caça a valer, e o homem que faz o papel de gorilla finge que se deixa matar.

Antes de marcharem para a caça do urso, os dactahs executam uma pantomima, que consiste no seguinte: um homem medicina cobre-se completamente para este fim com uma pelle d'urso, outros levam mascaras feitas da pelle duma cabeça d'urso e todos os restantes imitam ursos. Quando os bufalos rareiam, os mandans dançam, levando na cabeça pelles de cabeça de bufalo com cornos. Cada especie de caça, diz Chtaeaubriand, tem a sua dança propria que consiste na imitação dos movimentos, habitos e gritos do animal que se quer caçar; trepam como o urso, constroem como o castor, galopam como um bufalo, correm como um cabrito montês e regugam como uma raposa.

Os indios de San Juan Capistrano executavam pantomimas semelhantes em frente da pelle empalhada dum coioete ou dum gato bravo, antes de se pôrem a caminho para a caça. Os antigos gregos tinham danças, cujo objectivo era apanharem-se animaes quadrupedes e aves. Um homem, por exemplo, levava uma cabelleira ou um cabeção que imitava uma especie de mocho e parodiava na ave, sendo crença geral que, por esta forma, a apanharia. Pantomimas analogas, que se executam em presença do animal, podem ser inteiramente racionaes como nos casos correntes em que o selvagem se disfarça com a pelle do animal, chegando assim a attrahi-lo ou a appro-

ximar-se d'elle e matá-lo. E' claro que estas pantomimas são puramente magicas, quando se realizam antes de se effectuar a caçada.

Em taes ritos de iniciação manifesta-se tambem muito claramente o aspecto religioso do totemismo, principalmente por certas danças. A tribu Yuin da Nova Galles do Sul, por exemplo, faz imagens de barro representando o seu totem, e dança diante d'estas. Um homem medicina produz, fazendo-o sahir da sua boca, o encantamento magico apropriado ao totem; assim, mostra uma materia semelhante á cal quando se trata do porco espinho, semelhante ao vidro quando o totem seja um cangurú, etc.

E' tambem na epocha da iniciação que se prohibe aos mancebos o comerem determinadas iguarias; mas como a lista dos objectos defesos, tanto na Australia como na America, abrange cousas estranhas ao totem, parece que nos encontramos em presença d'uma d'essas ideias geraes, mas desconhecidas, das quaes o totemismo não é mais do que manifestação particular. Assim, por exemplo, no momento da iniciação, prohibe-se aos mancebos narryneri comerem de mais de vinte especies diferentes de caça e mais ainda de qualquer alimento reservado para as mulheres, sendo crença geral que a infracção d'estes preceitos tornará os mancebos feios. Na tribu mycolon, perto do golfo de Carpentaria, prohibe-se aos mancebos comerem a aguia-falcão e os filhos, o native companion e filhos, algumas especies de serpentes, tartarugas, formigueiros e ovos de avestruz.

Na Nova Galles do Sul prohibe-se aos mancebos matarem ou comerem: 1.º qualquer animal que excave o solo, porque traz á lembrança os buracos que se fazem por occasião da cerimonia do arrancamento dos dentes; 2.º animaes que tenham dentes salientes, porque fazem lembrar os proprios dentes; 3.º qual-

quer animal que trepe ás arvores, porque estão então muito perto de Daramulun, como, por exemplo, o urso indigena; 4.º qualquer ave aquatica, porque faz lembrar a ablução final; 5.º, acima de tudo, a avestruz porque é Nyalabal, a mulher de Daramulun e ao mesmo tempo a *mulher*, porque o mancebo durante o noviciado não pode sequer olhar para uma mulher nem fallar-lhe, devendo até durante algum tempo tapar a boca com um pano, sempre que uma mulher se encontre presente. Estas regras vão comtudo perdendo gradualmente o rigorismo; assim, um velho dá ao mancebo pedaços do animal defeso ou esfrega-o com a gordura d'esse animal. Os mancebos Nurnais não comem as femeas dos animaes nem o avestruz, nem o porco espinho; mas similhante interdicção levanta-se, besuntando o rosto do homem com a gordura do animal. Por outro lado, diz-se que a iniciação confere aos mancebos muitos privilegios, porque antes d'esta cerimonia muitas iguarias lhe eram defesas. Na Nova Galles do Sul, por exemplo, um mancebo antes da iniciação só pôde comer as femeas dos animaes que apanha; mas depois da cerimonia, que pode durar alguns annos, já poderá comer tudo o que encontrar. No Murray inferior, o avestruz, o perú bravo, o cisne, a pata, o pato preto, e os ovos d'estas aves, são defesos aos mancebos antes da iniciação, sendo crença que, se estas prescripções forem infringidas, os cabellos encanecerão prematuramente aos mancebos, os musculos relaxar-se-hão e encarquilhar-se-hão. Os dieris acreditam que, se um indigena começa a ter cabellos brancos na juventude, ou se tiver muitos pelos no peito na mesma epoca da vida, o facto é devido a ter comido na infancia carne de iguano. Na America do Norte é prohibido aos puberes comerem, durante doze mezes, cabritos monteses novos, perú, caça, ervilhas e sal.

Os andamaores absteem-se de diversas iguarias, tartaruga, mel, porco, durante um ou alguns annos antes da puberdade. N'uma das cerimoniaes que extinguem esta prohibição, o chefe besunta o proprio corpo com mel e com gordura derretida de tartaruga e de porco.

Similhantes cerimoniaes parecem ter tambem por objectivo o admittir os mancebos na vida do clan e, portanto, do totem. Tal parece ser, pelo menos, o significado de certas cerimoniaes caraibas, nas quaes o pae do mancebo agarrava viva uma ave de rapina de determinada especie para com ella bater no filho até o animal morrer com a cabeça esmagada, porque, por este processo, transmittia-se ao futuro guerreiro a vida e o espirito da ave. Em seguida feria o filho por todo o corpo, introduzindo por essas feridas o sangue do animal, cujo coração era comido pelo mancebo. N'algumas tribus australianas, por occasião da iniciação, suja-se o mancebo com sangue extrahido dos braços dos velhos ou de todos os homens presentes, dando-se mesmo a beber esse sangue ao mancebo. Em algumas tribus do Darling esse sangue da tribu é o unico alimento do mancebo durante dois dias.

O costume que vamos citar, tirará quaesquer duvidas ácerca do significativo d'estes ritos. Nos gondos, raça anarica da India central, os rajás teem perdido muito do sangue puramente gondo devido á sua alliança com as mulheres hindús; são já metade hindús, resultando d'isto que, numa das cerimoniaes de installação, se lhes molha a fronte com uma gota de sangue extrahida do corpo d'um indigena de raça pura da mesma tribu que elles. Os australianos procuram dar ao noviço a potencia e a dignidade viris por alguns passes magicos, e os mancebos recebem este dom espiritual com gestos apropriados. N'al-

gumas tribus, os mancebos iniciados dormem sobre os tumulos dos antepassados para absorverem a virtude d'estes. Todavia, é factó bastante de notar que a iniciação d'um mancebo australiano parece que é realizada não pelos homens do seu totem, mas pelos da tribu em que poderá casar.

N'algumas tribus de Victoria nenhum dos parentes do mesmo sangue que o mancebo pode desempenhar qualquer papel na iniciação, não podendo assistir ás cerimoniaes. Será isto, comtudo verdade para todas as tribus e para todos os ritos d'iniciação? Confessamos que o não sabemos.

Deve considerar-se como tendo character totemico a cerimonia de iniciação australiana, na qual se faz a representação de resuscitar um morto, pronunciando-lhe o nome totemico. Um velho é posto n'um tumulo e cobrem-no com uma camada ligeira de terra; ao ouvir o seu nome totemico reergue-se para viver. Tambem, por vezes, se acredita que o proprio mancebo é morto por um ser chamado Thuremlui, que o corta em pedaços, restitue-lhe a vida e arranca-lhe um dente. A ideia basica d'esta crença parece ser a d'um segundo nascimento ou do começo d'uma vida nova para o noviço. D'aqui resulta o costume de se dar outro nome ao mancebo no momento da circumcisão ou da cerimonia do arrancamento dos dentes ou da unção com o sangue da tribu.

Nos indios da Virginia e nos Quojas da Africa, os mancebos simulavam ter esquecido toda a sua vida anterior, parentes, lingua, costumes, etc., e tinham de aprender tudo como um resemnascido. Um clan lobo do Texas tinha o habito de se vestir com pelles de lobo e correr com as mãos pelo chão uivando e imitando os lobos; acabavam os membros do clan por desenterrarem um homem vivo do clan, homem enterrado propositadamente para esse fim, e, entre-

gando-lhe um arco e flechas, intimavam-no a fazer o que os lobos fazem, roubar, matar, decepar. Era talvez uma cerimonia de iniciação que revelava ao noviço a dupla origem do clan: os lobos e o solo, porquanto é crença commum dos clans totemicos que sahiram originariamente do solo.

Parece que deve vêr-se um laço entre esta morte e esta resurreição ficticias d'um homem do clan e a morte real e a supposta resurreição do proprio totem. Já vimos que algumas tribus da California matavam o busardo, que o enterravam e deitavam luto por elle; mas acreditava-se tambem que a ave resuscitava.

A mesma ideia quasi apparece n'uma cerimonia dos zunis descripta por uma testemunha ocular, Cushing. Conta este viajante que um grupo de cincoenta homens se pôs em marcha para o país dos Espiritos ou, como os zunis lhe chamam, para o *país de nós outros*, que regressaram quatro dias mais tarde, trazendo cada homem um cesto cheio de tartarugas vivas e activas. Levaram uma d'essas tartarugas á residencia de Cushing onde lhe apresentaram os votos de boas vindas, e renderam honras divinas á tartaruga á qual fallaram nestes termos: «Oh meu pobre filho ou parente, meu irmão ou minha irmã, tinhamos-te perdido. Quem sabe o que tu nos eras? Talvez fosses meu bisavô ou minha avó». Apesar d'isso, mataram a tartaruga no dia seguinte, depositaram-lhe os ossos e a carne na praia, *para que ella pudesse mais uma vez voltar á vida eterna para o meio das suas companheiras nas aguas negras do lago dos mortos*. A ideia de que a tartaruga estava morta era apaixonadamente repellida pelos indios que diziam que *ella apenas mudara de casa e fôra viver para a região de nós outros perdidos*. Não é clara a explicação d'estas ceremonias; é possivel, como alguém já disse, que

constituíssem sacrificios expiatorios nos quaes Deus morre pelo seu povo. Em appoio d'esta interpretação, devemos citar o costume dos egypcios carregarem de maldições o touro sacrificado. Os sacrificios solemnes do totem não devem confundir-se com a morte do animal destinado a servir de *alimento*, mesmo quando ao animal morto se peçam muitas desculpas e se manifeste grande pesar pelo facto. Qualquer que seja o significado d'estas cerimoniaes, a verdade é que as não encontramos nas tribus totemicas menos civilisadas, mas apenas nos povos que, como os zunis e os egypcios, embora conservassem o totemismo, haviam já attingido certo grau de civilisação. A ideia de immortalidade do totem individual, que sobresahe d'estas cerimoniaes, parece ser um alargamento da ideia da immortalidade da especie que é, porventura, um dos principios essenciaes do totemismo, encontrando-se o exemplo typico d'este caso em Samoa. Não é, pois, necessario suppôr que festas analogas, acompanhadas de lamentações e de gritos de alegria, com as quaes se celebra a morte annual e o reapparecimento da vegetação, tenham origem directamente totemica. Ambas, independentes uma da outra, podem derivar da observação da mortalidade do individuo e da immortalidade da especie.

Estreitamente aparentados tambem com o totemismo, embora em desaccordo com as regras do parentesco totemico, são os grupos ou associações de dançarinos sagrados, que desempenham papel importante na vida social de muitas tribus da America do Norte. Esses grupos, na maioria, usam nomes de animaes e executam danças caracteristicas; possuem tambem signaes distinctivos, que usam durante as danças e que consistem muitas vezes, embora nem sempre, numa parte do animal, pelle, garras, etc., de que o grupo tirou o nome.

Essas associações não são compostas de parentes no sentido totemico, o que os distingue dos clans totemicos; mas de membros que compraram o privilegio da admissão, e que em cada grupo são quasi todos da mesma idade, ficando num os rapazes, noutro os adolescentes e assim successivamente. Nalgumas tribus, os grupos são constituídos por membros dos dois sexos; noutras, os membros de cada grupo são todos do mesmo sexo.

Alguns d'estes agrupamentos são encarregados de determinadas funcções policiaes, mantem a ordem no acampamento, nas marchas, nas caças, etc. Deve procurar-se a origem d'estas associações provavelmente no sentimento da insufficiencia protectora do totem, procurando-se, por esta forma, alcançar protecção mais effcaz. E' d'isto que resulta o facto de certos agrupamentos terem *mézinhas* para friccionarem os corpos, antes de entrarem em combate, mézinhas que os tornam invulveraveis. Comtudo, o grupo serpente dos moquis dá-nos o exemplo d'um grupo de parentes, *Kinship group*, que, pelo desenvolvimento natural, formou uma associação religiosa. E, provavelmente, não é este o unico caso.

Os clans descriptos por Philander Prescott, como existentes nos dacotahs, em 1847, parecem ter sido associações religiosas e não propriamente clans totemicos. Eram constituídos pela união de pessoas que se serviam das mesmas raizes como medicamento. Cada *clan* tinha o seu *medicamento* especial; havia entre elles guerras continuas, por se acreditar que cada um empregava o seu medicamento magico para fazer mal aos membros dos outros *clans*. Cada *clan* tinha um animal sagrado, urso, lobo, bufalo, etc., que venerava durante a vida e não podia comer nem matar, quando fosse um animal inteiro, não podendo sequer prendê-lo ou offendê-lo. Julgava-se que

a violação d'estas regras acarretaria desgraças sobre o violador. Tudo isto é, na realidade, totemico; mas o modo d'admissão no clan pela grande dança medicina parece mais apropriado a associações de dançarinos sagrados.

Cabe agora dizermos algumas palavras ácerca de duas especies secundarias de totens, aos quaes já alludimos.

Totem sexual (sex-totem)

Na Australia, e em nenhuma outra parte que sabemos, cada sexo tem, pelo menos em algumas tribus, um animal sagrado especial. Cada individuo usa o nome d'esse animal, considera-o irmão ou irmã; não o mata nem consente que o membro do outro sexo o mate. Estes animaes sagrados estão estricta e absolutamente dentro da definição do totem. E' assim que nos Kurnai se chamava a todos os homens *yeerung*, *avestruz*, e a todas as mulheres *djetung*, *tutinegra soberba*; as aves chamadas *yeerung* consideravam-se irmãs dos homens e as *djeetung* irmãs das mulheres. Se os homens matavam uma *tutinegra soberba*, as mulheres atacavam-nos, dando-se o mesmo quando as mulheres matavam um *avestruz*. *Yeerung* e *djeetung* eram os antepassados mythicos dos Kurnai.

A tribu Kulin, em Victoria, tem, além dos dezaes totens do clan, dois pares de totens sexuaes, um dos quaes é identico ao dos Kurnai e o outro é constituido pelo morcego, como totem masculino e a coruja como totem das mulheres.

Este ultimo casal é reconhecido, até mesmo nas regiões do extremo noroeste de Victoria, como irmão do homem e irmã da mulher. Na tribu da costa Murring o *avestruz* é, como entre os Kurnai e os Kulin,

o irmão do homem; mas a irmã da mulher é o picanço. Nos mukjaravaintes, na Victoria occidental, que teem clans totens regulares, cacatua branca e preta, iguana, gralha, aguia, etc., todos os homens teem ainda como totem o morcego e as mulheres o picanço. O grupo Ta-ta-thi, das tribus da Nova Galles do Sul, tem tambem, alem do seu clan-totem, um casal de totens sexuaes, o morcego para os homens e a coruja para as mulheres; homens e mulheres chamam-se respectivamente morcegos e corujas, sendo motivo de luctas violentas a morte d'um morcego por uma mulher e a d'uma coruja por um homem. Diz-se de algumas tribus de Victoria que o morcego vulgar pertence aos homens, que o defendem contra qualquer ataque, chegando quasi a matarem as proprias mulheres para o protegerem. O mocho pertence ás mulheres, e, embora ave de mau agouro, que com o piar nocturno espalha por toda a parte o terror, é protegido com toda a intensidade. Se um homem matar uma d'estas aves, as mulheres irritam-se tanto como se lhes houvessem matado um filho, e sovam o homem com paus assás compridos. Em Gunbower Creek, no Murry inferior, os indigenas chamavam ao morcego o irmão do negro, e nunca o matavam, porque, diziam, se matassem um morcego, fatalmente morreria uma das suas mulheres. Na tribu do porto Lincoln, na Australia do Sul, o macho e a femea dum lagarto pequeno parecem ser totens dos homens e mulheres; diz-se, pelo menos, que cada sexo vota odio mortal ao sexo opposto d'estes animaisinhos. Os homens destroem o lagarto femea e as mulheres o lagarto macho. Segundo um dos seus mithos, teria sido o lagarto quem criara os sexos na especie humana.

E' evidente que não devem confundir-se os totens-sexuaes com os clans-totens. Pensar com Fison e

Howitt que os totens sexuaes não passam de clan-totens no estadio de transição do parentesco feminino para o masculino, seria confundir-se o sexo com o parentesco. Poder-se-hia sustentar similhante opinião, quando só era conhecida a existencia entre os Kur-nai dos totens sexuaes; similhante hypothese deve naturalmente ser posta de parte se encontrarmos, onde quer que seja, totens sexuaes coexistindo com os clans-totens, pois que a especie de descendencia, masculina ou feminina, nenhuma importancia tem. Os totens-sexuaes parecem ser mais sagrados que o clan totem; assim, homens ha que, não impedindo quem quer que fosse de lhes matar o seu clan-totem, defenderiam energeticamente o totem sexual contra qualquer ataque por parte do outro sexo.

Totem individual

Não só os clans e os sexos, mas tambem os individuos, teem o seu totem. Igualmente os individuos o teem em certas classes de objectos, em regra especies animaes, porquanto nas relações entre os individuos e esses objectos se encontram os caracteres totemicos de respeito e protecção mutuos. As relações entre o totem individual e o homem duram só a vida do individuo; não se transmite por herança o totem individual, ao contrario do que, como vimos, se dá com o do clan. Os exemplos da existencia de totens individuaes são raros, mas bem caracteristicos na Australia; são porém, em grande quantidade na America do norte.

Cita-se o caso dum homem-medicina australiano cujo totem, herdado da mãe, era o cangurú; o seu totem secreto, isto é individual, era a serpente-tigre, porquanto as serpentes d'esta especie não lhe faziam

mal. Os australianos, em geral, parecem chegar ao conhecimento do seu totem individual sonhando que foram transformados no animal da especie que adoptam para totem. E' assim que um homem, que, em sonhos, se transformara algumas vezes em lagarto, acreditava que adquirira certo poder sobre esses animais; conservava um lagarto domesticado, que, diziam, lhe dava sciencia sobrenatural e lhe servia d'agente nos maleficios. Esse homem era conhecido pelo nome de Bundjil Bataluk, isto é, velho lagarto. Outro homem sonhou por tres vezes que era um cangurú; ficou, portanto, aparentado com os cangurús e, desde esse momento, foi-lhe defeso comer qualquer pedaço de cangurú ensanguentado; não podia sequer levá-lo comsigo, sendo-lhe apenas permittido comer cangurú cozido, pois que, se ousasse comer cangurú ainda sangrando, os espiritos arrebatá-lo-hiam pelos ares.

Na America, o totem individual é geralmente o primeiro animal que um mancebo veja em sonhos durante os longos e solitarios jejuns, que os americanos fazem por occasião da puberdade. O mancebo mata o animal com que sonhou e passa a usar-lhe a pelle ou as pennas como amuleto, principalmente na guerra e na caça. Um homem pode até por esta forma, embora pareça ser caso excepcional, adquirir alguns totens, um homem-medicina ottava tinha seis totens individuaes, entre elles a pega, a tartaruga, o cisne e a gralha, porque sonhara com todos esses animaes durante o jejum da iniciação.

O respeito manifestado pelo totem individual varia de tribu para tribu. Entre os indios lebres, cabeças de cães e escravos, um homem não deve, tanto quanto lhe seja possivel, comer, tocar ou matar o seu totem individual, que nessas tribus parece ser sempre um carnívoro. Todos os homens trazem com-

sigo a imagem do seu totem comprada a um negociante, e, se não é feliz na caça, tira a imagem, passa-a pelo fumo e faz-lhe um discurso. Os sacrificios feitos em honra do totem individual são, por vezes, muito importantes. Sabe-se que um mundano deu um dia liberdade a todos os seus cavallos, abandonando-os para sempre, como sacrificio feito á sua *medicina* ou totem individual. A's vezes sacrificam-se tambem phalanges por occasião do jejum da puberdade. Os indios mosquitos da America central, depois de haverem sonhado com um animal assignalam a sua união com o totem extrahindo sangue de diferentes partes do corpo.

Os innuitos de Alaska, que não são indios mas esquimós, e não teem clan-totem, não manifestam repugnancia em comerem o seu animal totem e mudam de *patrono* sempre que sejam mal succedidos nos seus negocios; as mulheres d'esta gente não teem animaes totens. Os indios do Canadá mudavam do *okki* ou *manitú*, totem individual, logo que julgavam ter motivos para estarem descontentes com elle, as mulheres tinham tambem os seus okkis ou manitús, mas não lhes ligavam tanta importancia como os homens, os quaes se tatuavam com o totem individual. Nos indios de San Juan Capristano, modelava-se no braço direito do noviço o totem individual visto em sonhos durante o jejum, servindo-se para o effeito d'uma pasta feita de hervas esmagadas, a qual, pela acção do fogo, gravava a imagem do totem na carne.

Algumas vezes, o totem individual adquire-se por outra forma, qual é a de o darem á criança por occasião do nascimento. Com esse intuito nas tribus do isthmo de Tehuantepec, os parentes da mulher que estava prestes a dar á luz, reuniam-se na cabana d'esta e desenhavam no solo figuras de diversos animaes, apagando-as á proporção que as termi-

navam. Assim procediam até que a criança nascesse, e a figura que, nesse momento, estivesse representada no solo era a do animal *tona* ou totem da criança. A criança olhava depois pelo seu animal totem, na crença de que a sua vida pessoal estava intimamente relacionada com a vida d'este e na de que os dois morreriam ao mesmo tempo.

Em Samoa invocavam-se successivamente alguns *deuses*, por occasião do nascimento das crianças. O *deus*, cujo nome se pronunciava no momento do parto, vinha a ser o totem do recém-nascido. Estes *deuses* eram cães, enguias, tubarões, lagartos, etc. Um homem de Samoa comia sem escrúpulos o *deus* dum outro, e não comia o seu, porque isso lhe causaria a morte ou lhe acarretaria grandes desgraças. Entre os quichés da America central, o feiticeiro dá á criança o nome dum animal, passando este a ser o anjo da guarda da criança. E' possível que em todos estes casos o totem seja herdado; o totem da criança é talvez o do pai ou o da mãe. Numa tribo da America central, o filho dum chefe podia escolher um totem novo ou adoptar o do pae; mas um filho que não preferisse o totem paterno era para este um objecto de odio durante toda a vida. Algumas vezes os okkis ou manitus, que se veem em sonhos não, são totens mas sim feitiços, e, neste caso, não são constituídos por uma classe de objectos, mas por objectos isolados, taes como, por exemplo, uma arvore, um rochedo, uma faca, um cachimbo, etc. Quando os okkis ou manitus não são adquiridos, como ás vezes acontece, por uma preparação especial, como o jejum, mas arranjados ao acaso, tambem de nenhum modo são totens, mas pura e simplesmente feitiços. Os andamanes parecem ter um totem individual, porque é defeso a todos os homens e a todas as mulheres comerem durante a vida um ou alguns peixes e qua-

drupedes. Em geral, o alimento defeso é o que a mãe julga nocivo ao filho; mas, se não ha nenhum que o seja, a criança tem a liberdade d'escolher o animal de que deve privar-se. Alguns habitantes de Motu, em Bank Islands, teem uma especie de totem individual a que chamam *tamaniu*. Este totem é constituído por qualquer objecto, em geral um animal, lagarto ou serpente, e ás vezes tambem por uma pedra. O individuo que tem esse totem pensa que a sua vida está ligada á existencia do *tamaniu*; se este morrer, se o quebrarem ou se se perder, a pessoa cujo totem é, morrerá. A escolha do *tamaniu* é perfeitamente livre; ás vezes encontram-no bebendo uma infusão de certas hervas e pondo em monte a liga, vindo a ser o *tamaniu* o primeiro ser vivo que se veja nesse monte. Vigiam-no, mas não o alimentam nem o adoram. Acredita-se que o *tamaniu* acode ao chamamento; mas, como parece ser um objecto individual, é mais um feitiço do que propriamente um totem.

Ao lado dos clans-totens, totens sexuaes e totens individuaes ha, como já dissémos, algumas outras variedades de totens; mas, addiando por agora o estudo d'elles, examinaremos primeiro a organização social baseada no totemismo.

Aspecto social do totemismo ou relações dos homens do mesmo totem entre si e com os de totem diferente.

1.º Todos os membros dum clan totemico se consideram parentes, ou irmãos; são obrigados a prestarem-se auxilio e protecção. O laço totemico é mais forte que os laços de sangue ou de familia, na accepção moderna da palavra; essas relações foram ex-

pressamente verificadas nos clans da Australia occi-
dental e da America do noroeste, e encontram-se
provavelmente em todas as sociedades em que o to-
temismo está ainda em pleno vigor. Disto resulta que,
nas tribus totemicas, cada grupo local, necessaria-
mente composto em consequencia da exogamia, pelo
menos de dois clans totemicos, pode ser dissolvido a
cada instante nos seus elementos totemicos por qual-
quer lucta sangrenta. N'este caso, o marido e a mu-
lher devem sempre collocar-se em clans separados,
se porventura a lucta ou a guerra rebentou entre os
seus dois clans. Os filhos vão para o lado do pae ou
da mãe, conforme o genero da descendencia. Se um
individuo derramou sangue dum membro d'outro
clan, todo o clan do aggressor é responsavel pela
acção d'este; todo o clan do individuo atacado tem o
direito de exigir satisfacção da affronta. Esta solida-
riedade parece que não é levada mais longe em
nenhum outro ponto do que entre os goajiros da
America do sul. Estes encontram-se divididos em
trinta clans; a descendencia é em linha feminina; se
um homem se cortar com a sua faca ou cahir do ca-
vallo ou se fizer mal de qualquer maneira, a familia
do lado da mãe reclama-lhe immediatamente o preço
do sangue, porquanto, sendo elle do seu sangue, não
lhe é permittido prodigalizá-lo sem o pagar. A fami-
lia do pae exige tambem uma compensação, a qual
todavia é menor.

Matar um homem do seu clan é commetter um
crime horrivel. Em Mangaja um *attentado d'este ge-
nero* era considerado como offensivo do proprio deus,
do totem. O significado litteral de *taatua*, matar um
homem do clan, é *ferir ou matar o deus*.

2.^o **Exogamia.** As pessoas do mesmo totem não
podem contrahir casamento umas com as outras nem
terem relações sexuaes. Os navajos acreditam que, se

casassem no seu clan, os ossos se lhes secariam, ou então morreriam. A pena, porém, que resulta da infracção d'esta lei fundamental, não é apenas natural; o clan tambem castiga o criminoso. Na Australia as relações sexuaes com uma pessoa dum clan defeso são, em regra geral, castigadas com a pena de morte.

Pouco importa que a mulher seja do mesmo grupo local ou que haja sido feita prisioneira de guerra numa outra tribu. Um homem dum clan defeso seria perseguido e morto pelos homens do seu clan; o mesmo acontece com a mulher. Nalguns casos, todavia, se os criminosos conseguem escapar, durante certo tempo, perdoa-se-lhes. Na tribu Ta-ta-thi, da Nova Galles do Sul, nos raros casos de casamento defeso, mata-se apenas o homem; á mulher batem-lhe ou ferem-na com uma lança, inflingindo-lhe algumas vezes, simultaneamente, os dois castigos, até que fique quasi moribunda, allegando-se, para não a matarem, que, provavelmente, fora violentada. Ainda mesmo em casos de amores illegitimos observam-se estrictamente os defesos do clan, sendo qualquer violação olhada com horror extremo e punida com a pena de morte. A punição, comtudo, vae muitas vezes só até á paulada ou á lançada. Nalgumas tribus de Victoria, os irmãos ou parentes masculinos duma mulher que observassem signaes d' affecto ou de galanteio entre essa mulher e um homem da *mesma carne*, bateriam na mulher; o homem seria levado á presença do chefe e, accusado de querer misturar-se com a sua propria carne, seria objecto censuras severas. Se persiste, se foge com a mulher que ama e o apanham, batem-lhe, fazem-lhe muitas feridas na cabeça, e se a mulher foi consentidora batem nesta tambem a ponto de a deixarem quasi morta. Uma excepção importante, se a observação é exacta, encontra-se numa tribu de Porto Lincoln. Esta tribu está dividida em dois clans, mattiri

e karraru. Os individuos do mesmo clan nunca casam uns com os outros; mas não consideram incestuosas as uniões menos virtuosas entre membros do mesmo clan. Jison escreveu-me dizendo que essa asserção não é verdadeira. Ha ainda uma outra excepção, que só nos é relatada por uma testemunha, na tribu Kunandahuri. Diz-se tambem que nas tribus do Murray e do Darling inferiores, etc., qualquer grau de parentesco sanguineo é motivo de impedimento para casamentos; comtudo, as relações sexuaes são perfeitamente permitidas, encontrando-se com frequencia todas as especies de incesto.

Na America, os algonquinos consideram crime enormissimo o casamento dum homem e duma mulher do mesmo totem. Citam-se casos em que foram mortos pelos seus mais proximos parentes individuos que haviam infringido as regras d'exogamia. Nos ojibevaios a morte parece ter sido tambem a pena infligida contra os crimes d'esta natureza; nos luchosos e nos tinnehs o castigo é, por vezes, um tanto ridiculo. Assim, diz-se do homem que desposou uma irmã, ainda que a mulher com quem casou venha d'outra tribu e que não haja entre os dois a menor consanguineidade, que casou com a propria carne.

Nalgumas tribus a interdicção applica-se apenas ao clan totemico dum homem, podendo este desposar uma mulher de qualquer totem. Tal é o caso, por exemplo, dos haidas das ilhas da Rainha Carlota, e, segundo parece, dos narrinyeris da Australia e das tribus da Australia oriental, descriptas por Georges Grey. Com mais frequencia, porém, a prohibição alarga-se a alguns clans, entre os quaes são defesas as alianças matrimoniaes. E' necessario dar-se nome a um grupo exogamico d'esta natureza, constituido por clans da mesma tribu; chamar-lhe-hemos, como L. H. Morgan, *phratría*, e defini-lo-hemos como divisão exo-

gamica intermedia entre a tribo e o clan. Os exemplos mostrar-nos-hão que, em muitos casos, a phratria era originariamente um clan totemico, que se subdividiu.

Exemplos. Os indios crecks estão actualmente divididos em cerca de vinte clans, urso, corvo, panthera, gato-bravo, lobo, rapoza, castor, sapo, toupeira, polêcat, ratão-lavear, milho, vento, etc., alguns dos quaes, porém, já se encontram extinctos. Estes clans são ou eram exogamicos, e, assim, um urso não devia esposar uma ursa, etc. E, ainda mais, uma panthera não devia casar não só com uma panthera, mas nem mesmo com uma mulher gato-bravo, do que se conclue que os clans da panthera e do gato bravo formam uma phratria. Um sapo não podia casar com um membro do clan de tchu-kotalgi actualmente extincto. Os sapos e os tchu-kotalgi formavam, portanto, uma phratria. E' provavel que tivessem existido outras phratrias d'este genero, mas a verdade é que d'ellas se extinguiu a propria lembrança. Os moquis do Arizona estão divididos, pelo menos, em vinte e tres clans totemicos, agrupados em dez phratrias. Duas d'estas phratrias comprehendem tres clans, oito comprehendem dois, havendo, além d'isso, um clan isolado. Os choctavos estavam divididos em duas phratrias, cada uma das quaes comprehendia quatro clans; era defeso o casamento entre membros da mesma phratria, mas era permitido entre os membros de clans de phratrias differentes. Os chickasas estão divididos em duas phratrias, sendo a primeira a da panthera que comprehendem quatro clans, a saber, do gato-bravo, ave, peixe e cervo, e a segunda a phratria hespanhola que comprehendem oito clans, ratão lavem, hespanhol, real, hus-ko-ni, esquilo, alligator, lobo e melro. A tribo seneca dos iroqueses estava dividida em duas phratrias, cada uma d'ellas com qua-

tro clans, sendo os duma os do urso, lobo, castor, tartaruga e os da outra os do cervo, gallinhola, garça e falcão. Na origem, o casamento era defeso o casamento entre elles, como nos choctavos, a dentro da phratría, mas permittido com os membros dos clans da outra phratría. Estas regras de interdicção não foram mantidas; em nossos dias, um seneca pode casar com mulher de qualquer clan que não seja o seu. A phratría, no sentido que attribuímos a esta palavra, já não existe, pois, nos senecas; mas existe ainda no ponto de vista religioso e social. A tribo cayuga dos iroqueses tinha tambem duas phratrias, uma de cinco e outra de tres clans, respectivamente urso, lobo, tartaruga, gallinhola, enguia e cervo, castor e falcão. Os iroqueses onondagas teem tambem oito clans distribuidos desigualmente por duas phratrias, lobo, tartaruga, gallinhola, castor, balle, uma; cervo enguia e urso, a outra. Nos iroqueses tuscaroras, o urso, o castor, a grande tartaruga e a enguia constituem uma phratría e o lobo pardo, o lobo amarello, a pequena tartaruga e a gallinhola formam outra. Os viandotes, hurões, estão divididos em quatro phratrias, urso, cervo, tartaruga raiada, uma; tartaruga das terras altas, tartaruga negra, grande tartaruga lisa, outra; falcão, castor, lobo, a terceira, a serpente do mar e o porco espinho, a quarta.

As phratrias dos thlinkits e dos mobicanos merecem attenção especial, porque cada phratría tem um nome que é, ao mesmo tempo, o nome d'um dos seus clans. Os thlinkits estão divididos em phratría dos corvos, com os clans corvo, rã, pata, otaria, mocho, salmão, e phratría do lobo com os clans lobo, urso, aguia, baleia, tubarão, pinguin. Os membros da phratría do corvo devem esposar os da phratría do lobo e reciprocamente.

Se tomarmos em linha de conta a grande funcção

que na mythologia thlinkit os antepassados das duas phratrias desempenham, e o facto dos nomes das duas phratrias serem tambem os nomes d'um de seus clans, parecer-nos-ha verosímil que os clans do corvo e do lobo fossem os clans originaes dos thlinkits, que se dividiram mais tarde em phratrias. E' esta, pelo menos, a opinião do missionario russo Veniaminof, a melhor e uma das mais antigas autoridades. A formação das phratrias por subdivisão d'um clan parece ainda mais evidente, no que diz respeito aos mohicanos. Teem elles a phratría do lobo, com os clans lobo, urso, cão, opossum; a phratría da tartaruga com os clans pequena tartaruga, grande tartaruga, tartaruga de lama, enguia amarella; a phratría do Perú com os clans Perú, grou, pintainho. Somos quasi forçados a concluir que a phratría da tartaruga era originariamente um clan tartaruga que, se subdividiu n'um certo numero de clans cada um dos quaes teria adoptado o nome duma especie particular de tartaruga; o clan da enguia amarella é muito provavelmente subdivisão ulterior. Factos d'este genero, levar-nos-hão, porventura, á explicação dos split-totens. Estes parecem devidos á segmentação d'um clan unico, original, que tinha por totem um animal inteiro; este clan ter-se-hia dividido n'um certo numero d'elles, cada um dos quaes teria tomado o nome d'uma parte do animal ou de uma das suas variedades. Provavelmente, foi esta a origem dos lobos pardos e dos lobos amarellas, das grandes tartarugas e das pequenas tartarugas dos iroqueses tuscaroras, das aguias negras e das aguias brancas, dos cervos e das caudas dos cervos nos kaws, da tartaruga das terras altas, raiada e negra, da tartaruga de lama e da grande tartaruga lisa dos wiandotes. Esta conclusão ainda mais se impõe no que diz respeito aos hurões, por causa da funcção que a tartaruga desempenha na

mytologia dos hurões e dos iroqueses ; esta tartaruga, segundo as crenças d'essa gente, foi a que recebeu a primeira mulher no dorso, quando esta cahiu do ceu, tartaruga que formou e carregou com a terra enquanto o solo se ia condensando.

Esta explicação da origem dos split-totens é confirmada pelo costume de denominar cada membro d'um clan por um nome que esteja em relação com o nome totemico commum a todo o clan. Entre os nomes dados, por occasião do nascimento, aos rapazes do clan do veado, nos omahas, encontram-se os seguintes, corno molle, corno amarello, corno arboreo, etc ; entre os nomes de homens do mesmo clan encontram-se os de veado, veado em pé, veado branco, veado grande, peito negro do veado, a extremidade do rabo do veado ; entre os nomes de mulher do mesmo clan veem-se os de corça femea, corça caudata, etc ; nos nomes de homens dos hombros negros dos omahas encontram-se os de lingua negra de bufalo, o que anda atrás do rebanho, hombro espesso, e assim successivamente. Costume analogo se encontra nos indigenas de Encounter-Bay, da Australia do sul. Um dos seus totens é o pelicano e pode dar-se a um homem o nome, por exemplo, de algibeira de pelicano. Evidentemente os split-totens podem derivar do facto d'uma familia se separar do seu clan que mais tarde se subdivide, designando-se esses clans, em harmonia com os nomes dos seus fundadores, por exemplo, veado branco, algibeira de pelicano etc., e os split-totens, como figado de urso, cabeça de tartaruga, estomago de porco.

Do mesmo facto resultam tabús como os dos sub-clans nos hombros negros, dos omahas, ou dos sub-clans da tartaruga, tambem dos omahas, grande tartaruga, tartaruga que não foge, tartaruga de peito vermelho, tartaruga matizada de olho vermelho. Como

complemento, Warren diz formalmente que um clan muito importante dos ojibevaios, o do urso, era antigamente dividido em sub-clans, cada um dos quaes tomava para totem uma parte do corpo do urso, cabeça, pés, costas, etc., e que actualmente todos esses clans se fundiram por tal forma, que constituem apenas dois grandes clans, o urso commum e o pardacento. Pode suppôr-se que a segmentação do clan da tartaruga que, em nossa opinião, se fez já nos iroqueses tuscaroras, começa a fazer-se nos iroqueses onondagas, porque, n'estes ultimos, o nome d'esse clan é hahnowa, termo geral para tartaruga. Esse clan porém, dividiu-se em dois, os hagantegonas, grande tartaruga, e os nikanotwaska, pequena tartaruga, os quaes se julga constituirem fundamentalmente um só clan.

Por outro lado, conhecem-se exemplos de fusão de clans, como entre os haidas, onde os ursos negros e os rorquaes se uniram. O mesmo factó parece, até certo ponto, ter-se dado nos omahas e nos osagios e, por este motivo, podemos suppôr que se deu uma fusão de clans, se verificarmos que tabús, apparentemente independentes, são respeitados pelo mesmo clan, como, por exemplo, a prohibição de tocar no verdete, no carvão mineral e na pelle d'um gato. A fusão dos clans explicaria tambem certos signaes totemicos, que parecem constituídos por partes de diversos animaes unidas umas ás outras.

As phratrias são mais importantes na Australia do que na America. Howitt e Fison, que tanto trabalharam para o avanço dos conhecimentos que possuímos ácerca do sistema social dos australianos, deram a essas divisões exogamicas o nome de *classes*, termo este que está sujeito a objecções, por quanto não implica que taes divisões se baseiem no parentesco nem que sejam divisões intermediarias, ao

passo que o termo grego *phratria* encerra os dois conceitos e satisfaz perfeitamente ás nossas necessidades,

Vimos exemplos de tribus australianas, cujos membros podem casar com os membros de qualquer outro clan que não seja o seu; se bem que tribus d'esta especie pareçam constituir excepção. Por vezes, tambem, uma tribu australiana é dividida em duas *phratrias* exogamicas, cada uma das quaes abrange um certo numero de clans totemicos; em maior numero, porém, se encontram sub-*phratrias* intercaladas entre a *phratria* e os clans. N'este caso, cada *phratria* divide-se em duas sub-*phratrias* que abrangem os clans totemicos. Citaremos, primeiro, exemplos da organização mais simples.

A tribu turra da península de York, na Australia do sul, está dividida em duas *phratrias*, a *wiltu*, aguia-falcão, e a *multa*, phoca. A *phratria* da aguia-falcão abrange dez clans totemicos, os quaes são os do rato, wallaby, cangurú, iguana, serpente-wombert, bandicoot, bandicoot negro, gralha, wallaby dos rochedos, e avestruz; a *phratria* da phoca abrange seis clans totemicos que são *butter-frish*, pato bravo, tubarão, salmão, barbo do mar *eschnapper*. As *phratrias* são naturalmente exogamicas; mas, á semelhança do que se dá na America do norte, nos choctavos, mohicanos e, segundo parece, na maior parte das tribus americanas, cada clan d'uma *phratria* pode aliar-se a todos os clans da outra. A tribu *wotjballuk*, a noroeste de Victoria, está dividida em duas *phratrias*, cada uma das quaes abrange tres clans totemicos, dando-se entre ellas as mesmas regras de casamento, que acima referimos. As tribus *negarego* e *theddora* da Nova Galles do sul estão divididas em duas *phratrias*, *merung*, aguia-falcão, e *gugemidik*, gralha, cada uma das quaes se subdivide em oito clans totemicos.

Na Australia, como na America, encontramos o exemplo d'uma tribu, cujos clans estão dispostos por phratrias, mas que, além d'isso, tem um clan isolado. Assim succede na Victoria occidental onde cinco clans se encontram dispostos da maneira seguinte :

Primeira phratría { 1.º clan da catatua de grande bico
2.º clan do pelicano

Segunda phratría { 3.º clan da catatua banksian
4.º clan da serpente boa
5.º clan da codorniz

Os clans 1 e 2 podem casar-se com os clans 3, 4 e 5; os clans 3 e 4 com os clans 1, 2 e 5 e o clan 5 com os 1, 2, 3 e 4. A tribu australiana typica está contudo dividida em duas phratrias exogamicas e cada uma d'estas em duas sub-phratrias; estas, por sua vez, abrangem qualquer numero de clans totemicos. Sendo as phratrias exogamicas, as sub-phratrias e os clans tambem o são. A tribu kamilaroi da Nova Galles do sul servir-nos ha de exemplo do caso.

Nas tribus d'este genero são muito mais numerosas as interdicções matrimoniaes. Uma sub-phratría só pode casar-se com determinada sub-phratría da outra phratría; assim um murri, por exemplo, só pode casar com uma kumbo e reciprocamente, e um kubi só pode matrimoniar-se com uma ipai e vice-versa.

Vejamos o quadro representativo :

Phratrias	Sub-phratrias	Clans-totemicos
Dilbi	Murri (1).....	Cangurú, opussum, bandicoot, padimla, iguana, pato preto, aguia-falcão, peru escudo, peixe amarello,
	Kubi.....	
Kupathin ..	Ipai.....	Avestruz, serpente tapete serpente negra, cangurú, vermelho, mel, rã, bacalhau.
	Kumbo.....	

Sob esta organização dá-se o caso de, estando a tribo igualmente distribuída pelas phratrias e sub-phratrias, um homem só poder escolher a mulher num quarto da população feminina total, ao passo que na organização em phratrias e clans a escolha feita pelo homem pode incidir em metade da população.

A tribo kiabara, ao sul de Mariboro, na Queenslandia, dar-nos-ha outro exemplo.

Phratrias	Sub-phratrias	Clans-totemicos
Dilebi (agua da maré alta).	Baring (tartaruga)	?
	Turouvine (morcego)	
Cuçetine (relampago).	Bulwin (serpente-tapete).	?
	Bunda (gato-indígena).	

(1) Os nomes dados ás subphratrias são os usados pelos homens de cada uma d'ellas. Ha uma forma feminina correspondente, obtida pela adjução de tha ao masculino. Assim, de

Neste caso, os barings esposam as bulcoins e reciprocamente.

Um característico notavel da organização especial das tribus australianas é o das divisões duma tribu terem o seu equivalente conhecido em outras tribus de lingua differente. Um indigena, que viajara muito pela Australia, affirmava *que, nas differentes tribus que visitara nas suas viagens, lhe haviam fornecido temporariamente esposas sobre as quais tinha direitos reconhecidos como naturais, tendo sempre tido a possibilidade de se informar, se a mulher pertencia ou não a uma divisão de tribu, a dentro da qual elle poderia casar, se bem que os diversos logares percorridos estivessem separados ás vezes por mais de mil leguas e as linguas fossem absolutamente differentes.* Diz-se que é facil provar-se que as divisões se correspondem numa e noutra tribu, qualquer que seja o affastamento destas; tal é o caso das tribus da ribeira Flinders e das tribus da ribeira de Mitchell, que estão separadas por numerosas tribus intermediarias espalhadas por uma area de quatrocentas milhas. Apesar de tudo, as classes dos dois grupos de tribus correspondem-se exactamente em sentido e em regras, muito embora os nomes e os totens possam ser differentes. Todavia, possuimos muito poucas informações exactas ácerca d'esses clans *equivalentes.* Acontece muitas vezes que o marido e a mulher

murri forma-se meatha, pela contracção de murritha; kubi dá kubitha; ipai, ipatha; kumbo, butha, da contracção de kumbatha. Numa tribu da Victoria occidental, a terminação feminina é hecar; na Queenslandia é em, nalgumas outras tribus é un ou gun. A tribu de Wide-bay, na Queenslandia, parece ter cinco subphratrias com nomes masculinos e femininos. Nalgumas tribus os nomes masculinos e femininos das subphrathrias são palavras distinctas. Omittiram-se os nomes femininos na descripção das regras de casamento e descendencia, para maior simplicidade.

falam linguas differentes; ainda depois do casamento, nenhum d'elles pensa sequêr em trocar o seu dialecto pelo do conjuge. Nalgumas tribus de Victoria occidental, um homem não pode casar com uma mulher que falle a mesma lingua que elle. Na primeira visita que algum d'elles faça a outra tribu, não pode servir-se da lingua d'essa mesma tribu (1).

Esta correspondencia systematica de tribus distinctas, affastadas uma da outra, entre as quais o casamento é permittido e confere certos direitos aos membros d'estas divisões, pareceria indicar um estado de communismo sexual muito extenso, do qual não encontraríamos exemplos em nenhuma outra parte; mas não é esse, certamente, o caso da America, onde o casamento se faz sempre fóra do clan, sem duvida, mas a dentro da tribu. Na Australia tambem um homem é obrigado sempre a casar-se num certo grupo de parentesco, que pode estender-se através de toda a Australia, sendo todavia perfeitamente limitado e definido. Se designarmos por endogamia a prohibição do casamento fóra dum certo grupo de parentesco, quer esse grupo exclua ou comprehenda o proprio grupo do homem, quer lhe seja identico, o casamento nas sociedades totemicas da Australia, da America e da India, é simultaneamente exogamico e

(1) O costume de obrigar a mulher a conservar-se silenciosa algum tempo depois do casamento é, porventura, sobrevivencia do costume de se esposarem mulheres de lingua differente. D'este facto resultou tambem o incidente lendario da noiva muda. Numa lenda grega moderna, um tanto semelhante á lenda de Peleu e Thetis, a noiva muda é uma Nereida. Schmidt parte d'esta lenda para apresentar a hypothese de que a expressão de Sophocles, citada pelo scholiaste sobre Pindaro, quer dizer que Thetis esteve calada toda a vida depois do casamento. Nos caribas a linguagem dos homens differia um pouco da linguagem das mulheres, dando-se o mesmo caso entre os subaias do Paraguai.

endogamico; um homem não pode casar no seu proprio clan, nem fóra dum certo grupo de parentesco.

Algumas tradições australianas relativas á origem d'estas diversas divisões de tribus merecem ser mencionadas, embora sejam bem pouco dignas de credito. A tribu dos dieris tem uma lenda segundo a qual o casamento era inteiramente livre até que o Muramura, o Espirito bom, lhes ordenasse dividirem as suas tribus em ramos e darem a esses grupos os nomes de objectos animados e inanimados, cães, gatos, avestruzes, iguanas, chuva, etc.; o mesmo Muramura prohibe aos membros da mesma divisão o casarem entre si. As tribus de Victoria occidental, cujos totens são a catatúa de bico grande, o pelicano, a catatúa banksian, a serpente boa e a codorniz, dizem que o seu mais remoto antepassado era uma catatua de bico comprido que tinha por esposa uma catatua banksian; os filhos foram do clan da mãe. Comtudo, como, pelas leis de consanguineidade, lhes era defeso casarem-se, foram coagidos a introduzir *carne fresca*, para o que o unico meio era casarem com gente estranha indo, para isso, procurar mulheres a regiões distantes, introduzindo-se assim os totens pelicanos, serpente e codorniz.

3.º Regras de descendencia — Na grande maioria das tribus totemicas da Australia e da America do norte, a descendencia é em linha feminina, isto é, as crianças ficam pertencendo ao clan totemico da mãe. Na Australia, as tribus de descendencia feminina estão para as de descendencia masculina na proporção de 4 para 1; na America de 3 ou 2 para 1. O quadro que vai seguir-se é muito rudimentar; as tribus da Australia occidental, por exemplo, que apresentamos como uma só tribu, são, sem duvida, muito numerosas. De resto, é possivel que as tribus de Victoria occidental, que citamos, baseados na

auctoridade de Dawson, abranjam algumas tribus que já hajam sido mencionadas separadamente por outros autores.

Quadro de descendencia em linha masculina e feminina

Australia — Descendencia feminina

1, Australianos de oeste; 2 e 3, negaregos e theodoras; 4, wakelburas; 5, kunandaburis; 6, mukjarawaints; 7, yerrunthullys; 8, koogo-bathys; 9, kombinegherrys; 10, wonghibons; 11, barknjis; 12, ta-ta-this; 13, keramins; 14, wirajuris, 15, wolgals; 17 a 26, tribus de Victoria occidental, em numero de dez; 27, wa-imbios; 28, tribu de Porto Lincoln; 29, kamilarois; 30, tribu do Monte Gambier; 31, tribu de Darling; 32, tribu Mackay na Queenslandia.

Descendencia masculina

1, turra; 2, narrinyeris; 3, kulins; 4, aldolingas; 5, wolgals; 6, ikulas, apenas parcialmente; 7, kiabaras; 8, mycoolons; 10, uma grande tribu ou grupo de tribus, cujos nomes não foram dados, ao sul do golfo de Carpentaria.

Os guruditch-maras teem a descendencia masculina, mas as regras de exogamia já desapareceram.

Pelo que respeita aos kurnais de Victoria não sabemos ainda, apesar de tudo quanto disseram Fison e Howitt, se a descendencia entre elles é em linha masculina ou feminina. A existencia de totensexuaes, que Fison e Howitt consideraram prova de descendencia masculina para os rapazes e feminina

para as raparigas, na realidade não prova cousa nenhuma. A tribu é organizada por districtos locais e um homem não pode ir buscar esposa no districto do pai nem no da mãe. E' facilimo dar-se um engano no estudo das prohibições locais, como claramente se infere da exposição feita por Dawson ácerca das tribus de Victoria occidental. Ahi, um homem não pode casar na tribu do pai, a qual parece ser uma divisão local. Poder-se-hia inferir d'este facto que a descendencia é em linha masculina; mas, além d'estas divisões exogamicas locais, ha nessas tribus clans totemicos, de maneira que os filhos pertencem ao clan materno e não podem contrahir casamento nesse clan. A descendencia é, sem duvida, no fundo das cousas, em linha feminina.

America — Descendencia feminina

1, thlinkits; 2, Columbia britannica; 3, haidas; 4, tortos; 5, kutchins; 6, iroquêses; 7, wiandotes ou hurões; 8, indios Bella Coola, Columbia britannica; 9 a 17, creeks, seminolas, hitchetes, yoochees, alabamas, coosatees, natchez; 18 e 19, choctavos, cherokees; 20, lenape ou delaware; 21 e 22, otoes e missuris; 23, mandanas; 24, minnitarios; 25, upsarokas ou gralhas; 26, chickasas; 27, menimonees; 28, munsees; 29, mohicanos; 30, pequots; 31, varrangasets; 32, moquis; 33, goajiros; 34, aravakos.

Descendencia masculina

1 omahas; 2 punkas; 3 iovas, 4 kaus, 3 winnebagoes; 6 ojibevaios; 7 pottavatamios; 8 miamis; 9 shaunees; 10 sancos e rapozas; 11 pés negros de sangue, 12 pés negros piegan; 13 abenakis.

Nas tribus totemicas da Africa, a descendencia nos damaras, por exemplo, é em linha feminina encontrando-se, tambem, vestigios de parentesco feminino entre os bechuanas. Nos bakalaioa a propriedade segue a linha masculina, sem que, todavia, isto seja prova concludente para a descendencia masculina ⁽¹⁾; em todos os clans vizinhos dos bakalaioa a descendencia é feminina e a propriedade acompanha as mulheres. Em Bengala ha numero importante de tribus totemicas, mas Risley e os seus collaboradores não encontraram abi nenhuma tribu de descendencia feminina, havendo apenas vestigios d'ella numa só tribu. Em Assam, que outrora pertencia a Bengala, o coronel Dalton affirma, pelo contrario, que os kasiaa estão divididos em tribus exogamicas, nas quais a descendencia é em linha feminina, dizendo tambem ainda, baseado na auctoridade do coronel Yule, que alguns individuos manifestam repugnancia supersticiosa para com determinadas especies de alimentos, não consentindo que lhos levem para casa. O coronel Dalton pergunta se uma tal superstição não estará em relação com as divisões das suas tribus, facto este que, realmente, se dá com os varões de Chola em Nagpur e os bechuanas da Africa, que não podem comer o animal que deu o nome á tribu. A verdade é que, se este facto não constitue um caso

(1) A propriedade pode acompanhar a linha masculina, muito embora a descendencia seja em linha feminina, como se dá entre os indigenas da Australia occidental e em algumas tribus de Victoria. Em Mota, Bank Islands, onde o parentesco é em linha feminina, a propriedade territorial é em linha feminina, isto é, passa para os filhos da irmã, mas a propriedade pessoal é em linha masculina, passando, por conseguinte, para os filhos, sendo costume os filhos resgatarem a propriedade territorial por meio da propriedade pessoal. Sobre este assumpto consulte-se R. H. Codrington em *Trans-and. Proc. Soc. of. Victoria*.

de totemismo, muito se parece com elle. Nos clans exogamicos dos garos d'Assam, a descendencia é igualmente em linha feminina e algumas das suas lendas obrigam a pensar no totemismo.

Na organização australiana em duas phratrias, quatro sub-phratrias e clans totemicos, existe uma forma particular de descendencia, da qual até hoje ainda se não apresentou nenhuma explicação plausivel. Parece que, em todas as tribus assim organizadas, as crianças não entram na sub-phratria do pai, nem na da mãe, sendo a descendencia masculina ou feminina conforme a phratria, em que a criança entrar, fôr alliada da do pai ou da da mãe. No segundo dos casos que acabamos de indicar, temos o que pode chamar-se descendencia feminina indirecta; no primeiro descendencia masculina. Comtudo só na sub-phratria é que a descendencia vem assim a ser indirecta; no clan totemico é sempre directa, pertencendo a criança ao clan do pai ou ao da mãe. Portanto, na organização australiana typica, a descendencia é directa na phratria, indirecta na subphratria, novamente directa no clan totemico, seja ou não em linha masculina.

Apresentamos agora o schema da descendencia nos kamilaroi, na parte respeitante ás phratrias e subphratrias.

Phratrias	O homem	Casa com uma	Os filhos são
Dilbi	Muri	Kumbo	Ipai
	Kubi	Ipai	Kumbo
Kupathin....	Ipai	Kubi	Muri
	Kumbo	Muri	Kubi

Estamos em presença, pois, dum exemplo de descendencia em linha feminina indirecta, por isso que os filhos pertencem á subphratria alliada com a da mãe. Comtudo, para os totens a descendencia feminina é directa. Se o pai, por exemplo, fôr um muri cangurú e a mãe uma Kumbo avestruz, os filhos serão Ipai avestruz; se a mãe fôr uma Kumbo Bandicoot os filhos serão Ipai Bandicoot.

Vejam os agora o schema da descendencia na tribu Kiabara :

Phratrias	O homem	Casa com uma	Os filhos são
Dilebi	Baring	Bulwim	Turowine
	Turowine	Bulwin	Baring
Cubatina	Bulcoin	Turowine	Bunda
	Bundha	Baring	Bulcoin

Estamos em presença dum exemplo de descendencia masculina indirecta, por isso que os filhos pertencem á subphratria alliada com a do pai. Não possuímos indicações a respeito dos totens, mas, por analogia com a descendencia feminina indirecta, podemos suppôr que pertencem ao pai, caso este que, na realidade, é verdadeiro para uma grande tribu ou grupo de tribus que habitam para os lados do sul do golfo de Carpentaria. As suas regras de casamento e de descendencia, no respeitante ás sub-phratrias, assemelham-se ás de Kiabara; os totens, que, no curso inferior da ribeira de Leichhardt, são peixes, transmitem-se de pais para filhos.

Tem-se dito que, nalgumas tribus australianas,

os filhos adoptam os totens paternos e as filhas o materno. Os dieris da Australia do sul, por exemplo, estão divididos em duas phratrias, cada uma das quaes abrange dezaseis clans totemicos, a saber, lagarta, cão, rato, cangurú, rã, gralha, mula do mar, etc. Na opinião de S. Gason um homem cão casa com uma mulher rato; os rapazes provenientes d'esta união são cães e as raparigas ratos; Howitt, porém, suppõe que Gason se enganou neste caso, por isso que nos dieris todas as crianças pertencem ao clan totemico da mãe.

A tribu ikula, estrella da manhã, que estancia na extremidade da grande saliencia australiana, comprehende quatro clans totemicos, buderu ou raiz, kura ou cão indigena, budu ou digger, e wenung ou vombat.

Na opinião de Roe as regras do casamento e da descendencia nesta tribu são as expostas no quadro que segue:

O homem	Casa com uma	Os filhos são
Budera (m).....	Kura (f) ou Wenung (f).....	(m) Budera; (m) Kura. (m) e (f) Budera.
(m) Kura.....	(f) Budera ou (f) Budu.....	(m) Kura; (f) Budera. (m) e (f) Kura.
(m) Budu.....	(f) Wermy	(m) Budu; (f) Wenung
(m) Werny.....	(f) Budu.....	(m) Wenung; (f) Budu

Em conformidade com estas indicações, o filho em todos os casos, excepto em dois, segue o

totem do pai, a filha o da mãe. As duas excepções a que alludimos, são os casos em que um Budera casa com uma Wenung ou um Kura com uma Budu, visto que os filhos, independentemente do sexo, seguem sempre o totem paterno. Hovitt, comtudo, escreveu-me para me informar de que informações por elle tomadas posteriormente levantaram em seu espirito duvidas ácerca da exactidão, dos dados apresentados nas investigações de Roe.

Além das tribus cuja descendencia está definitivamente fixada em linha masculina ou feminina ha, ainda um certo numero de tribus que oscillam entre a descendencia masculina e a feminina, nas quais, por outros termos, uma criança pode entrar indifferentemente no clan da mãe ou no do pai. Apoiando-nos nas investigações de Bachofen, Mac Lennan, Morgan, podemos ter a certeza de que semelhante oscillação assignala um estado de transição da descendencia feminina para a masculina, mas não a reciproca. Nos haidas, as crianças pertencem regularmente ao clan totemico da mãe; sómente em casos excepçionaes, quando o clan do pai é muito reduzido em numero, pode dar-se o recém-nascido á irmã do pae, para que ella o amamente. Diz-se então d'essa criança que pertence á tia paterna e consideram-na como fazendo parte do clan do pai. Entre os delawares, a descendencia é regularmente na linha feminina; mas pode fazer-se entrar uma criança no clan do pai, dando-lhe um dos nomes especialmente applicados ao clan paterno.

Ha pratica semelhante nos chawnees, entre os quais, todavia, a descendencia é em linha masculina, representando a transferencia para o clan materno ou para outro qualquer verdadeira excepção. Nas ilhas Heevey, no Pacifico do sul, os pais resolviam antes do nascimento da criança o clan a que

deveria pertencer, dando-se a preferencia ao clan paterno. A's vezes, porém, se o clan paterno era obrigado a fornecer victimas humanas, a mãe fazia adoptar a criança pelo clan a que ella mãe pertencia, proferindo sobre a criança o nome do seu totem. Em Samoa, na occasião do nascimento, dirigiam-se primeiramente preces ao totem do pai; mas, se o parto era moroso invocava-se o totem da mãe. O totem, cujo nome era proferido no momento preciso do nascimento, ficava sendo definitivamente o da criança.

As formas de mudança de parentesco de que acabamos de fallar, affectam sómente a criança; outras ha que affectam a criança por intermedio da mãe, por isso que para se fazer entrar a criança no clan paterno se muda primeiramente o clan da mãe. Este facto, como Mac Lennan accentua, foi talvez a origem e, sem duvida, tambem a consequencia dum costume, em harmonia com o qual se consagrava uma das mulheres dum homem ao Bossum ou deus privativo d'esse homem. A transferencia da mulher para o clan do marido parece ter dado origem ao costume de salpicar os noivos com o sangue um do outro ⁽¹⁾. Nalguns dos clans totemicos de Bengala, a noiva entra no clan do marido bebendo ou comendo solememente com elle. Podem tambem comprar-se as mulheres e os filhos d'estas. Nos banyais do Zambeze as crianças pertencem á familia da mulher, se o marido nada deu por ella; mas, se tiver dado aos sogros uma determinada porção de gado, os filhos ficam perienecendo ao pai. Nas ilhas Watubela, entre a Nova Guiné e as Celebes, um homem pode com-

(1) Em Bengala parece ter degenerado semelhante costume, contentando-se em se salpicarem com um liquido vermelho. Tambem nalguns pontos, por exemplo, entre os dyaks, o sangue dos noivos é substituido pelo dum animal.

prar a mulher antes do casamento, ou, sem pagar nada, viver maritalmente com ella em casa dos sogros, trabalhando para estes e para a mulher. No primeiro caso, os filhos pertencem ao pai; no segundo pertencem á familia da mãe, reconhecendo-se, todavia, ao pai o direito de mais tarde os comprar por determinado preço. O mesmo factó se dá em Samatra. Nalgumas tribus da California o marido fica pertencendo á familia da mulher, trabalhando para essa mesma familia até pagar integralmente o valor da mulher e dos filhos. Os filhos de mulher que não haja sido comprada, são tidos por bastardos e tratados com desprezo.

O choco, costume segundo o qual o marido se deita na cama por occasião do nascimento duma criança e se faz tratar como se estivesse doente, não é porventura mais do que uma ficção, que tem por objectivo assegurar ao pai os direitos que pertenciam só á mãe em outros tempos, quando ainda vigorava o matriarchado. A mesma ideia se encontra, talvez, na origem do costume muito espalhado, mercê do qual os homens se disfarçavam em mulheres e estas em homens, por occasião do casamento. Na ilha grega de Cos, por exemplo, o noivo envergava trajos femininos quando ia receber a noiva; na Africa central, os massais andam vestidos de mulher durante um mês depois do casamento. As raparigas d'Argos punham barbas postiças quando se deitavam com os maridos. O costume alsaciano dos disfarces por occasião das vindimas provém, certamente, de antigas cerimoniaes do casamento; se bem que devamos dar outra explicação ácerca de taes disfarces.

Da mesma maneira uma cerimonia dos todas da India austral tem talvez por objectivo fazer entrar a criança no clan paterno. Ao cabo do setimo mês de gestação do primeiro filho, a mulher retira-se com o

marido para a floresta, onde ao pé duma arvore recebe das mãos do homem um arco e flechas. Depois, a mulher pergunta ao marido qual é o nome do arco d'elle, por isso que, segundo parece, cada clan tem nome differente para designar o arco. A pergunta e a resposta são feitas tres vezes. Em seguida, a mulher põe o arco e as flechas ao pé da arvore, local em que o casal fica toda a noite, ceiando e almoçando no dia seguinte, antes dos noivos voltarem para casa.

Parece que, como regra geral, os membros dum clan totem não se comem uns aos outros, havendo comtudo excepções numerosas. Os kurnai e os maneroos respeitam esse defeso; comem os inimigos mortos, mas não os amigos. As tribus circumdantes do golfo de Carpentaria, pelo contrario, comem, depois duma batalha, os amigos mortos e não os inimigos; estas mesmas tribus comem tambem as suas proprias crianças mortas. Algumas tribus de Victoria matam alguns dos recém-nascidos, comem-nos e dão-nos a comer aos filhos mais velhos, por pensarem que a força dos filhos mortos irá augmentar a d'aquelles que os comem. Nalguns pontos da Nova Galles do Sul comiam o primogenito a certa altura duma cerimonia religiosa. O costume de se comerem os pais, quando velhos, torna-se perfeitamente comprehensivel desde que nos lembremos de que, para esses que o praticam, *a vida da familia não deve extinguir-se*. Algumas tribus de Victoria, que comiam os parentes, mas não os inimigos nem os membros duma tribu estrangeira, affirmavam que seguiam similhante pratica, não para satisfazerem o apetite, mas para symbolizarem o respeito e a saudade pelos mortos. De resto, só comiam os corpos dos parentes mortos de morte violenta. Os dieris teem regras muito precisas respeitantes a esta especie de banquetes, Assim, a mãe pode comer os filhos e estes a mãe; mas o pai

não pode comer os filhos nem estes o pai. Uma tal pratica confirma a opinião de Howitt de que os *dieris* ainda se encontram no estadio da descendencia em linha feminina, aquelle em que o pai, por ser membro de tribu differente, nenhum direito tinha sobre os filhos. O costume de comer os mortos é parallelo ao de se besuntarem os individuos com os liquidos provenientes da decomposição. O objectivo d'estas cerimoniaes e d'outras semelhantes é a conservação da vida, a qual se suppõe incarnada no corpo e sangue dos *kinsmen*, no circulo do parentesco. Deste facto resulta que em certas tribus, na occasião da circumcisão, se collocam os rapazes numa plataforma constituida pelos corpos dos homens vivos da tribu. Quando lhes arrancam os dentes são postos os mancebos aos hombros dos homens; o sangue corre sobre o peito d'esses homens, mas não o limpam, tanto mais que, não podendo o sangue da tribu cahir no solo, é forçoso que seja recebido pelos corpos dos homens da tribu. A sangria dos indigenas da Australia adopta-se como tratamento contra a dôr de cabeça, etc.; quando se procede á operação ha a maxima cautela em não derramar o sangue pelo solo, fazendo-o, para isso, cahir sobre as pessoas. Da mesma forma quando sangram alguém, para provocarem a chuva, fazem com que o sangue caia para cima de homens e não para o solo. Uma outra forma da transfusão do sangue, isto é, da vida do parentesco, se encontra tambem numa cerimonia funebre australiana, que consiste em os parentes se ferirem por sobre o corpo morto, até que este e a sepultura estejam cobertos de sangue, crentes de que assim o morto se fortalece e poderá ir resuscitar noutra terra. Nalgumas tribus sul americanas moem-se os ossos dos mortos, mistura-se com o pó assim obtido um determinado liquido e engole-se tudo.

Quando uma tribo norte americana vai em marcha e acampa, acampam juntos os membros de cada clan totemico. Os diferentes grupos conservam uma ordem fixa e toda a tribo dispõe-se em um grande circulo ou em alguns circulos concentricos. Se a tribo é sedentaria e vive em aldeias ou em povoações maiores, cada clan tem um bairro especial. Os clans dos osagios estão divididos em clans de guerra e clans de paz.

Quando estes clans andam na caça ao bufalo acampam em partes oppostas do circulo da tribo. Os clans de paz não podem matar nenhum animal; devem, pois, alimentar-se de vegetais, a não ser que troquem com os clans de guerra vegetais por carne. Os membros do mesmo clan são enterrados no mesmo local, o qual é separado dos recintos occupados pelos outros clans.

D'aqui resulta o facto de marido e mulher não poderem ser enterrados no mesmo local, visto que pertencem a clans diferentes. Os thlinkits teem um costume digno de nota, qual é o do cadaver ser levado para uma pyra e ahí ser queimado por homens d'outro totem. Tambem nessa occasião os representantes do morto distribuem presentes, mas estes devem ser dados sempre aos membros dum outro clan.

Devemos agora voltar ao aspecto religioso do totemismo, para tomarmos em consideração alguns factos que resaltam do seu estudo sob o aspecto social. Já vimos que algumas phratrias, na America e na Australia, usam nomes de animaes, e temos boas e justificadas razões para aceitarmos que os animaes que nos thlinkits e nos mohicanos dão o nome ás phratrias hajam sido clans-totens. O mesmo se poderia asseverar dos nomes de phratrias australianas, como aguia-falcão, gralha, phoca, ou, pelo menos, dos dois primeiros, por isso que a aguia-falcão e a gralha são

clans-totens em outras tribus, além de tambem serem figuras importantes da mythologia australiana.

Aguia-falcão e gralha applicavam-se como nomes de phratría em grande parte de Victoria e na maior parte do extremo occidental da Nova Galles do sul; são tambem clans-totens dos dieris da Australia do sul, dos mukjarawains de Victoria occidental e das tribus ta-ta-thi e keramin da Nova Galles do sul. A aguia-falcão é, além d'isso, clan-totem dos kamilarois, dos mycoloons da Queenslandia, dos barinjís da Nova Galles do Sul e dos Nuinmurburas da Queenslandia; a gralha é um clan-totem do clan turra, da tribu do monte Gambier, dos Kunandaburis de Queenslandia e dos woeghibons da Nova-Galles do Sul.

Os dieris acreditavam que a aguia-falcão infligia castigo nos casos de violação de qualquer regra referente ao arrancamento dos dentes. Nos Kurnais é muito venerada a aguia-falcão; as pennas e as garras são empregadas na magia e o animal desempenha grande função nas lendas em companhia do mocho; os Kurnais tambem veneram muito a gralha, que consideram um dos seus antepassados e consultam como ave de presagio.

Segundo um mytho de Victoria, a gralha e a aguia falcão são os geradores ou, pelo menos, dois dos geradores da raça humana. Actualmente a gralha e a aguia-falcão são estrellas. Segundo um outro mytho de Victoria, a aguia-falcão e a gralha foram os criadores do mundo; dividiram os negros do Murray em duas classes, clans ou phratrias, a da aguia-falcão e a da gralha.

Além d'isso, na Australia encontram-se vestigios de split-totens. A tribu ta-ta-thi, da Nova Galles do sul, contem, por exemplo, dois clans aguia-falcão, a castanho-claro e a castanho-escuro, figurando cada

um d'estes dois clans em cada uma das duas phratrias. Nos kamilarois ha um clan cangurú e outro clan cangurú vermelho, ambos nas duas phratrias. Na tribu kunandaburi da Queenslandia, ha os clans seguintes, serpente castanha, serpente castanha manchada, serpente tapete, rato, rato d'algibeira, ou cangurú rato e rato das urzes. Nos mukjarawaints de Victoria occidental ha catatuas brancas e pretas, serpente preta e serpente côr de camurça; em outras tribus de Victoria ha as catatuas de bico comprido e a catatua banksian. Nos wakelburas da Queenslandia ha grandes abelhas e pequenas abelhas em diferentes phratrias; nos mycoolontes ha os patos sibilantes e os patos negros.

De tudo isto poderíamos concluir que os objectos de que as phratrias australianas tiram os nomes foram em outros tempos totens; mas parece que ha provas directas de que as phratrias e as sub-phratrias conservam ainda, pelo menos em algumas tribus, os seus totens. A tribu de Porto Mackay, na Queenslandia, por exemplo, está dividida em duas phratrias, yungaro e wutaru com as subphratrias Gurgela, burbia, wungo e kubera.

A phratría yungaroos tem por totens o alligator, o wutaru o cangurú, ao passo que as sub-phratrias teem por totem o avestruz ou a serpente tapete, o iguano, o opossum, o cangurú ou o perú. Como as sub-phratrias d'esta tribu são consideradas equivalentes ás sub-phratrias dos kamilarois, parece poder concluir-se que as sub-phratrias dos kamilarois, murri, kubi, ipai e kumbo, teem ou tiveram tambem totens. Resulta d'este facto que nas tribus divididas em phratrias, sub-phratrias e clans, cada homem tem tres totens, o da phratría, o da sub-phratría e o do clan. Se accrescentarmos a estes o totem sexual e o individual concluiremos que nas tribus aus-

tralianas typicas cada homem teria cinco especies diferentes de totem. Ignoramos até que ponto um homem deve obediencia ao seu totem de sub-phratría e ao da phratría, parecendo mesmo ter sido geralmente desconhecida a existencia d'esses totens considerados separadamente dos clans totens. Podemos comtudo suppôr que a força dos laços totemicos está na razão inversa da extensão do totem e que, por conseguinte, o totem do clan é o laço principal dos quaes os totens da sub-phratría e da phratría não passam de formas atenuadas. Poderia talvez vêr-se nesta sobreposição de totens um ensaio rudimentar de classificação dos objectos naturais em grupos analogos aos nossos generos, especies, etc. Esta classificação alastra-se nalgumas tribus australianas a toda a natureza. A tribu de Porto Mackay divide toda a natureza em phatrias, como se vê no quadro seguinte, sendo o vento pertença duma phratría, a chuva d'outra; sendo o sol wutaru, a lua yungaru, repartindo-se igualmente as estrellas, arvores e plantas por outras phatrias.

Como o totem dos wutarus é um cangurú e o dos yungarus um alligator, equivale isto a dizer-se que o sol é um cangurú e a lua um alligator. A tribu do monte Gambier, na Australia do sul, está dividida em duas phatrias, kurai, e kroki, que, por seu turno, estão subdivididas em clans totemicos. Tudo quanto existe na natureza pertence a um clan totemico, como se vê no quadro da pagina seguinte.

Stewart, cuja auctoridade acatamos, fallando d'esta classificação diz que baldadamente procurou encontrar o motivo de semelhante disposição e que, perguntando a que divisão pertencia um boi, após uma curta pausa, obteve como resposta que era boortwerio, visto que comia herva. Depois objectou que um carangueijo não comia herva e comtudo era boort-

werio, ao que lhe responderam por forma a impedir qualquer discussão que os pais d'elles haviam dito que o carangueijo era de feito um boortwerio.

Phratrias	Clans-totemicos	Abrangendo
Kumi	1 Mula : Peixe-falcão .	Fumo, Madresilva, Arvores, etc.
	2 Parangal : Pelicano .	Cães, Coniferas, Fogo, Frio, Flui.
	3 Wa : Gralha	Chuva, Trovão, Relamgo, Inverno, Saraiva, Nuvens, etc.
	4 Wila : Catatua negra	Estrellas, Lua, etc.
	5 Karato : Serpente inofensiva	Peixes, Arvores de cascavel, Phocas, Enguias.
Krokī	1 Werio : Arvore de chá	Patos, Wallabis, Mochos, Carangueijos, etc.
	2 Murua : Raiz comestivel	Batardas, Cordonizes, Dolvich, especie de cangurú pequeno.
	3 Karal : catatua preta sem crista	Cangurú, Carvalheiras, Verão, Sol, Outomno, Fem, Vento, Fem.

Já tivemos ensejo de referir as palavras de Stewart a proposito do respeito que qualquer individuo consagra aos animais da sua subdivisão, respeito esse que parece implicar a prohibição do homem matar não só o seu proprio totem, se este é animal,

mas ainda qualquer animal da classe totem. Podemos, d'accordo com Howitt, chamar *sub-totens* a todos os objectos naturais classificados como dependentes dum totem e respeitados como este. A tribu wakelbura, da Queenslandia, está dividida em duas phratrias, malera e wuthera, quatro sub-phratrias, kurgila, baropai, wungo e obu, e alguns clans totemicos. Tudo quanto ha na natureza está classificado numa phratría e sub-phratría. Uma arvore de folhas largas, por exemplo, é da phratría Malera e da sub-phratría Banba; o mesmo acontece com o dingo ou cão indigena. Quando morre um homem da tribu, deve-se cobrir-lhe o corpo com os ramos duma arvore que pertença á phratría e á sub-phratría do morto. Assim, um mallera-banba, por exemplo, será coberto com as folhas da arvore que é tambem mallera-banba.

Quando se convoca uma assembleia o bastão do mensageiro deve ser da mesma divisão do mensageiro e de quem o mandou. Diz-se que um grupo de tribus da Nova Galles do sul acredita que todas as cousas na natureza estão distribuidas pelos homens da tribu; uns chamam a si as arvores, outros as planicies, estes o ceu, as estrellas, a chuva, o vento, etc.

Howitt, a proposito dos sub-totens da tribu dos wojoballuus, do noroeste de Victoria, diz o seguinte: «Parecem-me totens em determinado estadio de desenvolvimento. O vento quente tem pelo menos cinco sub-totens, a catatua branca dezasete, dándose casos identicos com os outros. Estes sub-totens estão a ponto de adquirirem uma especie de independencia, como no-lo prova o exemplo que vamos apresentar. Um homem que era krokitch-wartwut, vento quente, tres serpentes e duas aves, se bem que de todos elles reclamasse muito especialmente, como

pertencendo-lhe, o moiwuk, serpente tapete. Parece, portanto, que o seu totem, o vento quente, estava em via de se subdividir em totens inferiores, vindo esse homem a encontrar-se classificado na divisão vento quente serpente tapete, se a civilização não tivesse ido interromper aquelle progressivo desenvolvimento supprimindo a tribu quasi toda. Apresentamos agora um novo quadro de phratrias, clans totemicos e sub-totens.

Phratrias	Clans-totemicos	Sub-totens
Krokitch ...	Vento quente. Catatua branca sem crista. . . Tudo quanto pertença ao sol.	Cada totem tem subordinado um certo numero de objectos, animais ou vegetaes, por exemplo, cangurú, arvore de gomma vermelha, etc.
Gamutch. . . .	Vibora surda. Catatua preta. Pelicano. . . .	A mesma cousa.

Confrontando o importante testemunho de Howitt a proposito do desenvolvimento dos totens com o que já indicámos a respeito da formação das phratrias, poderemos por esse meio conceber o crescimento, a maturação e a decadencia dos totens. Como sub-totens encontram-se no estado embrionario; como clans-totens estão em pleno vigor e como totens de sub-phratria e phratria começam a declinar. Logo que um totem haja attingido o seu desenvolvimento pleno, começa a enfraquecer até que ao cabo reentra no grande reservatorio da natureza de que sahiu, sendo então substituido por outros totens até que todas as cousas da natureza estejam, por assim dizer, em movimento. Depois dum periodo em que

todas essas cousas se reúnem de todos os lados, semelhantes a soldados que entrem na fileira, cada objecto de per si toma o seu logar na grande marcha dos totens. (1)

Quando, pela mudança do parentesco feminino para o masculino e pelo estabelecimento duma tribu em residencias fixas, uma sociedade deixa de se parecer com um caleidoscopio de clans incessantemente moveidos, quando essa sociedade adquiriu uma tal ou qual permanencia de formas, é justa a esperança de se verem, mercê duma memoria mais firme devida ao progresso da civilização, os totens que adquiriram extensão tal que se tornaram divindades de grupos importantes, não mais cahindo em esquecimento, antes conservando uma cathogoria elevada na gerarchia religiosa. Debaixo da sua dependencia veem agrupar-se os totens das subdivisões de tribu, quer como divindades subordinadas, quer como manifestações differentes dos deuses superiores da tribu.

Pelo menos assim parece ter sido o estado do totemismo na Polynesia, onde as condições geographicas favoreciam o isolamento e, portanto, a permanencia de grupos locais, situação de estabilidade que não podia ser alcançada pelos selvagens das planicies da Australia nem dos plainos e das savanas da America. Encontramos, pois, na Polynesia, alguma cousa que muito se approxima dum Olympo totemico; em Samoa havia deuses de aldeia e deuses particulares de familia, sendo a mesma divindade incarnada em diversos animais. Assim um deus havia, por exemplo, incarnado no lagarto, no mocho e na centopeia; um segundo no morcego, em aves domes-

(1) Tanto na America como na Australia, os totens parecem ter estado numa situação de fluxo e refluxo, como, pelo menos para os iroquêses, demonstrou Beaucamp.

ticas, no pombo, no ouriço do mar; um outro no morcego, no congro, na ameijoia, no mugem, e na tartaruga; outro ainda no mocho e no mugem; mais um na ave *Porphyris samoenses*, no pombo, no francelho e na enguia e mais outro ainda na tartaruga, no congro, no octopodio e no lagarto dos jardins. (4)

Poder-se-hia admittir a hypothese de que estas divindades de formas multiplas são totens de tribus ou de phatrias a que se juntam, sob forma de incarnações, os totens de subdivisões de tribus e de phatrias. Como o facto de se attribuirem as qualidades humanas ao totem constitue a essencia propriamente dita do totemismo, é evidente que uma divindade sahida dum certo numero de animaes ou plantas, ou que abranja uns e outras, deve tender cada vez mais a repellir os attributos naturais, que se contradigam e annullem, conservando apenas as qualidades humanas que, para a intelligencia do selvagem, são o elemento commum de todos os totens, dos quaes essa intelligencia é a resultante complexa. Numa palavra, o totem da tribu tende a tornar-se um deus anthropomorphico. A' medida que vai tomando uma forma cada vez mais humana, os totens subordinados descem da dignidade da incarnaçào ao papel mais humilde de validos e clientes, até o dia em que, tendo completamente desaparecido os laços, que os uniam aos deuses superiores, uma geração de mythologos procura restabelecer esses laços pelo methodo, aliás facil, do simbolismo. Ora o simbolismo não é mais

(4) Horacio Hale diz que os clans totemicos americanos não eram estaveis mas sim mutaveis, dividindo-se, colligando-se, desvanecendo-se incessantemente. E' util consultar-se Dodge na obra *Our wild Indians* (Os nossos indios selvagens) ácerca da rapida desagregação das tribus da America do Norte, apenas entregues a si.

do que o veu ornamental e transparente que um seculo exquisito e de requintado gosto tem prazer de lançar sobre a ignorancia que possui do passado.

Ponhamos de parte as mudanças sociaes que favoreceram a passagem do totemismo para uma forma mais elevada da crença; neste caso, encontramos na propria philosophia totemica vestigios da formação duma divindade superior e distincta de todos os individuos da especie totemica. Alguns indios da America do norte julgam que cada especie de animal tem um irmão mais velho, origem de todos os animaes da especie, maravilhosamente grande e poderoso. Os irmãos mais velhos das aves estão no ceu, os dos quadrupedes nas aguas. Os patagonios, divididos em tigres, liões, guanacos, avestruzes, etc., pensam que todos os seus clans teem cada um a sua divindade apropriada em vastas cavernas subterraneas, em que as almas dos homens do clan vão morar depois da morte. Os peruvianos pensavam que havia no ceu um representante de cada especie animal terrestre, sendo este quem olha pela procreação e desenvolvimento da especie.

Em todas estas crenças está abandonado o ponto de vista estrictamente totemico. O totemismo puro é democratico; é uma religião d'igualdade e de fraternidade, em que todos os individuos da especie totemica valem a mesma cousa. Portanto, se um individuo da especie se eleva á dignidade de irmão mais velho, d'espírito guardião, se occupa uma cathegoria superior em dignidade a todos os outros, o totemismo praticamente foi abandonado e a religião, simultaneamente com a sociedade, caminha para o monarchismo.

O totemismo, como religião, tende a transformar-se em adoração, primeiramente de animais divinizados, depois de deuses anthropomorphicos com attri-

butos animais, ao passo que, se considerarmos o aspecto social do totemismo, vemos os clans totemicos transformarem-se em clans locais. Entre os Kurnais, encerrados entre as montanhas e o mar, as phratrias e os clans foram substituidos por grupos locais e exogamicos, que tiram o nome da região e algumas vezes tambem de homens notaveis. A tribo da costa Murring substituiu tambem as divisões de parentesco pelos grupos exogamicos e locais; e, muito embora os seus totens sejam degenerados e irregulares, gozam ainda sobre o povo duma certa auctoridade, porquanto um homem não pode esposar uma mulher do clan local *aberto* (1), desde que ella tenha o mesmo totem. Os clans totemicos dos bechuanas estão em via de se transformarem em grupos locais; os clans estabelecem-se então num districto particular conhecido pelo nome de *morada dos homens camurças, habitações dos homens macacos*, etc.

E' facto que na America não encontramos a substituição dos grupos de parentescos pelos grupos locais; mas observa-se já ahi uma tendencia para esse estado de cousas no affrouxamento das regras exogamicas nas tribus muito affastadas umas das outras. Nos omahas, por exemplo, entre os quais a descendencia é em linha masculina, um homem pode casar com mulher do mesmo totem, comtanto que pertença a outra tribo (2).

(1) Pode dar-se o nome de clan aberto áquelle com cujos membros é permitido casar-se.

(2) Parece que os dacotas perderam o sistema totémico desde 1867. Na Australia, embora a exogamia de clan pareça permanecer intacta, a exogamia das subphratrias affrouxou no caso dos kamilarois, que parece excepcional, os quais podem esposar a irmã do pai.

Distribuição geographica do totemismo

Na Australia o totemismo é quasi geral (4); da America do norte pode dizer-se que prepondera ou preponderou em todas as tribus a léste das montanhas Rochosas e em todos os indios, mas não nos esquimós, da costa do noroeste até á fronteira dos Estados Unidos. Por outro lado, auctoridades muito competentes sustentam não haverem encontrado o totemismo nas tribus de Washington occidental, do noroeste de Oregon e da California. No Panamá é muito provavel que exista entre os guaynús. Cada tribu, familia e individuo tem um animal guardião, a mór parte das vezes uma especie de papagaio.

Na America do sul encontra-se o totemismo entre os guajiros nas fronteiras de Venezuela e da Columbia, nos arawacos da Guyana, nos negros Bush da mesma região e nos patagonios; encontramos-lo, pois, entre tribus muito affastadas umas das outras, e é-nos licito suppôr que exista um pouco por toda a parte, o que, todavia, não passa de mera conjectura, attendendo ao fraco conhecimento que sobre o assumpto temos da America do sul.

Os indigenas do Perú e os salivas do Orenoco acreditavam que as suas tribus descendiam de animais, plantas e objectos naturais, como o sol e a terra; mas isto não constitue prova definitiva de totemismo.

Na Africa, como tivemos occasião de vêr, o tote-

(4) As unicas excepções conhecidas são os kumais do léste de Victoria e os guraditchmoras do oeste de Victoria. Dos indigenas do Murray inferior diz-se que não estão divididos em clans, castas ou gráus, mas vivem num pé de absoluta igualdade. Em nosso modo de vêr, porém, este facto não exclue provavelmente a existencia de clans totemicos.

mismo prevalece na Senegambia, nos bucalaios do equador e nos damaras e bechuanas do sul, encontrando-se tambem vestigios de totemismo no Achanti, onde diversos animais são adorados em diferentes districtos; na Africa Oriental onde os gallas estão divididos em duas secções exogamicas e teem o defeso de determinados alimentos, pois que na Abyssinia certas familias não comem determinados animaes ou determinadas partes dos animais. O territorio dos hovas de Madagascar está subdividido em districtos, cujos nomes são mais nomes de clans e de partes de tribu que nomes de logar, sendo um d'elles *ave possante*, isto é, aguia ou abutre. Um mesmo clan occupa districtos separados. Uma tribu de Madagascar vê numa especie de lemur a incarnação do espirito dos antepassados, tendo, por consequencia, horror pela morte d'esses animais. Outras tribus e familias malgaches não comem porco nem cabra; outras, ainda, abstem-se de certos vegetais, não consentindo mesmo que lhes entrem em casa. A unica occasião em que os sacalavas matam um touro é na cerimonia da circumcisão, na qual, durante a invocação habitual, collocam a criança no dorso do touro.

Como vimos, tambem ha em Bengala numerosas tribus totemicas nas raças anaricas. Na Siberia, os yakutos estão divididos em clans totemicos; não matam o totem, cisne, pato, corvo, etc.; os clans são exogamicos. Os habitantes do Altai estão divididos em vinte e quatro clans que, embora misturados, conservam fortemente o sentimento do clan.

Os clans são exogamicos e cada um d'elles tem divindade e ceremonias religiosas proprias. Os dois unicos nomes de clans d'estas tribus e d'outras que lhe são aparentadas, cuja significação é conhecida, são nomes de animais. Na China tambem ha vestigios de totemismo. Quanto á Polynesia, vimos que o tote-

mismo existia em Samoa; na Melanesia, existe nas ilhas Fidji, nas Novas Hebridas, nas ilhas de Salomão. Entre os dyacos a carne de alguns animais é defesa em certas tribus e ha respeito por determinadas plantas, etc. O totemismo existe tambem nas ilhas d'Ambon, Uliase, Leté, Mou, Lakor, Kaisar, Makissar, Wetar, e os archipelagos de Aaru e Babar. Nas Philipinas existem vestigios de totemismo; adoram-se ahi certos animais e acredita-se que as almas dos antepassados residem em arvores.

Nas nações antigas, o totemismo existiu sem duvida, entre os egypcios e, com todos os visos de probabilidade, entre os semitas, gregos e latinos. Se conseguirmos provar a existencia do totemismo para um só povo arico, fica provada para todos os d'esse grupo ethnographico, porquanto o totemismo não poderia ter-se desenvolvido num ramo arico depois da dispersão. Não existem provas nem probabilidades de adaptação do totemismo em outros povos. O professor Sayce pensa que existiu nos antigos babilonios; mas os argumentos apresentados não são conclusivos.

Origem do totemismo

Até agora ainda se não apresentou explicação satisfatoria da origem do totemismo. Para Spencer, reside numa interpretação errada de sobrenomes. Assim, os selvagens, primeiramente, teriam adoptado para nome o dos objectos naturais e, com o andar dos tempos, confundindo esses objectos com os seus antepassados do mesmo nome, adoraram os objectos da mesma maneira que adoravam os antepassados. A objecção que pode formular-se contra esta theoria é a de que attribue influencia demasiada aos malentendidos philologicos. John Lubbock é tambem de pa-

recer que o totemismo tira a sua origem do costume de se darem ás pessoas e ás familias nomes de animais; mas não tomou em consideração os élos intermináveis da adoração dos antepassados e dos mal entendidos philologicos, privando assim a sua theoria de tudo quanto lhe poderia dar alguma verosimilhança.

Para concluirmos, accentuaremos que a tendencia do totemismo é fazer conservar certas especies de animais e de plantas, devendo, portanto, ter actuado bastante na fauna e na flora dos países em que existiu; mas esta questão bem como a, que se lhe liga intimamente, relativa á importancia do totemismo para a domesticidade originaria das plantas e dos animais está fóra dos lindes d'este nosso trabalho.

Bibliographia. Além das auctoridades a que tivémos ensejo de nos referir, a litteratura do totemismo é muito restricta. J. F. M. Lennan, em artigos publicados na *Fortnightly Review* de outubro e novembro de 1869, e fevereiro de 1870, foi o primeiro que reconheceu a importancia do totemismo para a historia primitiva da sociedade. Mais tarde E. B. Tylor na *Early History of man Kind*, pag. 281 e seg.; John Lubbock em *Origine of civilization*, pag. 260 e seg. A. Lang em *Custom and Myth*, pag. 260, E. Clodd, em *Myths and Dreams*, pag. 99 e seg. W. Robertson Smith, *Kinship and Marriage in Early Arabia*, trouxeram novamente a lume este assumpto. E' tambem recommendavel a leitura da *Encyclopedia Britannica*, 1.^a edição, art. *Sacrifice*, vol XXI, pag. 135.

FIM



INDICE

Totem.....	5
Clan-totem.....	6
Aspecto religioso do totemismo.....	7
Totem sexual.....	35
Totem individual.....	53
Aspecto social do totemismo.....	57
Distribuição geographica do totemismo.....	94
Bibliographia.....	97



SALOMÃO REINACH

A ORIGEM DOS ARIAS

TRADUCÇÃO

DE

AGOSTINHO FORTES

A origem dos árias

No banco das escolas ensinaram-nos que as civilizações e as raças da Europa haviam tido o berço no planalto central da Asia. Disseram-nos tambem que essas raças e essas civilizações se chamavam *aricas*, e d'este facto resultou o adquirirmos o habito de nos servirmos d'esse termo, sem comprehendermos bem o que significa. Os árias, segundo a theoria ainda hoje geralmente seguida e ensinada, são asiaticos que, em epoca muito remota, se estabeleceram uns na India e na Persia, outros nas differentes regiões da Europa.

D'alguns annos, porém, a esta parte, os sabios começaram a apresentar objecções a pontos em que os seus predecessores não haviam pensado maduramente. Assim, perguntaram se seria verdade scientificamente assente, a origem asiatica das linguas falladas pelos gregos, romanos e celtas; fizeram tambem notar que a linguagem não é criterio para determinação da descendencia physica da raça, podendo perfeitamente acceitar-se a existencia duma familia de linguas *aricas*, sem que, por isso, seja forçoso admittir-se uma *raça* arica, isto é, um grupo de homens aparentados pelo sangue, distinctos uns dos outros, mesmo originariamente, por caracteres physicos particulares (1).

Estes assumptos teem sido nos ultimos tempos ob-

(1) Considero os chamados *ários* como uma invenção de gabinete e não como um povo primitivo, diz R. Hartmann na obra *Die Nigritier*. A respeito de árias, não sei o que sejam. Não os conheço, por isso não posso fallar d'elles, affirma G. de Mortillet

jecto das mais ardentes discussões, principalmente em Inglaterra e Allemanha. A obra mais notavel sahida d'essa discussão é a de O. Schrader, professor de Iena, cuja segunda edição, intitulada *Comparação das linguas e historia primitiva*, appareceu em 1890 e foi immediatamente traduzida para inglês por Jevons. Na propria Inglaterra, dois volumes mais recentes de Rendall e Taylor, intitulados um o *Berço dos árias*, e outro a *Origem dos árias*, expuseram, com tanta elegancia como exactidão, as theorias que umas ás outras disputavam o campo scientifico. O professor Max Müller, partidario da theoria que hoje está sendo batida em toda a linha, interveiu na lucta com um livro erudito e fino *As biographias das palavras e a patria dos árias*. Em francês não ha mais do que artigos, embora muito bem feitos, publicados pelo jesuita belga, Van den Gheyn, em diferentes revistas, e nos relatorios do *Congresso internacional dos catholicos*, reunido em Paris no mês de abril de 1888. *Não se nos affigura, pois, inutil darmos a conhecer*, servindo-nos dos trabalhos de Schrader, Rendall, Taylor, etc., o estado duma questão que não pertence apenas ao dominio dos linguistas e dos anthropologistas, mas que é digna de despertar fortemente a curiosidade dos historiadores.

I

Vejam, primeiro que tudo, o que significa a palavra *ária*. Na lingua classica da India antiga, o sams-

no *Bulletin de la Société d'anthropologie*. Devemos, declara Virchow na *Correspondenzblatt*, precaver-nos ao fallarmos de árias. O ária typico, tal como a theoria no-lo apresenta, ainda não foi descoberto.

crita, *arya* é um adjectivo que quer dizer *nobre*; mas na lingua dos hymnos denominados Vedas, os quais pertencem a epoca anterior, o termo *arya*, até certo ponto pelo menos, parece ser uma designação ethnica, applicada ao grupo de conquistadores que introduziram na India a lingua fallada pelos poetas dos Vedas. Ahi os *árias* oppõem-se aos *dasyas*, como o povo invasor que se oppõe ás populações contra as quais lucta e acaba por subjugar. A origem do termo *arya* é desconhecida, e só por hypothese, assás inverosimil, é que se procurou relacionar esse termo com a raiz de *arare* que significa cultivar ou lavar.

No *Zendavesta*, o mais antigo livro da Persia, trata-se duma região denominada *Airyanem Valéjô*, isto é, fonte ou nascente dos arias. Os geographos gregos deram o nome de *Ariana* a toda a região comprehendida entre o Oceano indico, o Hinducôs e o Caspio; o historiador Hellanico cita a palavra *Arya* como sendo um dos nomes da Persia. O rei Dario I nas inscrições cognomina-se a si mesmo de *Arija*, nome este que entra na composição de muitos outros nomes persas, que os historiadores da antiguidade nos transmitiram, não havendo hoje duvidas de que o nome moderno da Persia, *Iran*, seja tambem um derivado d'esse termo. Comtudo é conveniente acolher com scepticismo todos os pretendidos derivados do termo *arya*, que se teem visto na nomenclatura geographica. Nada ha que prove que esse termo, como muitos teem pensado, se encontre na palavra Armenia e na que designa a gente germanica dos Arios. Tambem o da Irlanda, *Eriá*, nada tem provavelmente comum com *ária*; muito embora se haja emittido a hypothese de que a forma primitiva d'esta palavra começava por um *p*, que cahira, accrescentando-se que a Irlanda muito remotamente se chamara *Piverion*, termo este que significava *terra gorda* ou *fer-*

til, e que pode approximar-se da palavra *Pieria*, designação duma provincia da Grecia (1).

Se quisessemos fallar com toda a precisão e rigor, só deveríamos empregar o termo *árias* a proposito dos hindús e dos persas, representando um verdadeiro abuso de linguagem o have-lo applicado a povos que, desde a aurora dos tempos historicos, se encontram fixados em regiões muito affastadas da Ariana. Estes povos, porém, fallam linguas cuja affinidade com a dos persas e a dos indios é incontestavel, pelo que se deu o nome de *linguas áricas* a todos estes idiomas, que mantem tão intimo parentesco. O termo é commodo por pouco extenso, mas, ao empregá-lo, nunca devemos esquecer que o seu uso se baseia em factos linguisticos e não em tradições historicas. Assim emittiremos uma opinião cuja verosimilhança se approxima da certeza, se dissermos, por exemplo, que Vercingetorix fallava uma lingua árica; mas apresentaremos uma hypothese meramente gratuita, na qual diremos cousas que não sabemos bem o que sejam, se declararmos que o mesmo Vercingetorix era um *ária*.

II

Foi o grande Leibnitz quem primeiro comprehendeu todos os proveitos que a ethnographia devia tirar da comparação das linguas, dizendo a tal respeito que nada havia que pudesse contribuir mais para o

(1) Rhys, *Revue celtique*, tom. II, p. 115 e 116. O nome grego da Irlanda, *Ierne*, teria dado origem a *ierá nesos*, *insula sacra*, *ilha sagrada*, designação applicada a essa ilha por Avieno no poema *Ora maritima*, v. 108. Gaidor, *Revue celtique*, tom. II, pag. 352.

esclarecimento das origens dos povos. Leibnitz havia já tambem combatido o preconceito popular que fazia do hebraico biblico a mãe de todas as linguas; mas, nem, por affastado semelhante erro, se deixou de conservar a ideia *á priori* de que o berço dos povos europeus se deveria procurar na Asia. Até os celtomanos dos fins do seculo xviii, que apresentavam o celtico, ou melhor o baixo bretão, como lingua primitiva da humanidade, se julgavam obrigados a demonstrar, accumulando para tanto as comparações mais extravagantes e aventureosas, que o celtico era radicalmente identico ás linguas da Asia, por isso que os celtas d'ahi haviam emigrado ⁽¹⁾.

Um linguista eminente da escola antiga, Adelung, cuja actividade se manifestou nos primeiros annos do seculo dezanove, considerava verdade assente e incontestavel ter sido a Asia o berço de todos os povos.

Geographicamente, escrevia Adelung em 1806, na introdução da sua grande obra *Mithridates*, a Europa não é mais do que um prolongamento da Asia, logo foi á Asia que a Europa deveu os seus primeiros habitantes. Na opinião de Adelung o planalto central da Asia fôra tambem o ponto de partida da emigração que povoou as duas Americas antes de Colombo.

E' bem conhecida a revolução feita nos estudos linguisticos pela descoberta da afinidade do samscrito com as linguas da Europa. Desde os fins do seculo xvi sabia-se que o persa e o allemão apresentavam grandes similhanças, sendo bastante pueris as primeiras explicações que appareceram do facto. Assim, por exemplo, dizia-se que os godos, antepassados dos allemães, durante a sua permanencia nas

(1) Veja *Origines gauloises* de La Tour d'Ambergue, anno V, pag. 95.

margens do mar Negro, tinham tirado palavras do vocabulario persa. Nestas condições, reconhecia-se a necessidade de procurar qualquer outra explicação, quando William Jones, em 1886, reconheceu que o samscrito não se assimilava menos que o persa ás linguas europeias. A lingua samscritica, escrevia Jones, é mais perfeita que a grega, mais rica que a latina, manifesta, quer nas raizes verbaes, quer nas, formações grammaticaes, relações tão intimas de parentesco com estas duas linguas que não podemos explicar o caso por mera casualidade. Essas relações são de ordem tal que nenhum philologo ha que, estudando simultaneamente as tres linguas, se não convença de que proveem todas da mesma origem, a qual, porventura, já não existe. Motivos analogos, embora menos decisivos, permitem suppôr-se que o gothico e o celta, por muito misturados que andem a elementos estranhos, teem a mesma origem que o samscrito.

Ao escrever estas linhas, o grande samscritologo inglès adiantava-se não só á sua epoca, mas a todos os sabios da geração que se lhe seguiu.

A publicação da *Grammatica comparada* de Bopp, em 1833-1835, é que conseguiu collocar acima de qualquer contestação o parentesco dos idiomas que, cerca de 1830, haviam começado a ser qualificados de *indo-germanicos*, se bem que a afinidade das linguas celticas com o samscrito, com tanta felicidade affirmada por William Jones, só foi assente depois da primeira edição da *grammatica* de Bopp.

III

Apresentando-se uma serie de palavras como o gothico *fadar*, o latim *patcr*, o grego *patér*, e o samscrito *pitar*, poder-se-hia suppôr que uma d'essas for-

mas era primitiva, ou que provinham todas duma forma primitiva perdida. Esta ultima hypothese, que é a verdadeira, foi apresentada por William Jones, mas parece que ninguem lhe prestou a atenção devida. Durante muito tempo foi a forma samscritica considerada mãe de todas as outras, illusão que ainda hoje é largamente perfilhada pelas pessoas estranhas aos estudos philologicos. Essa opinião constitue o fundo da celebre obra de F. de Schlegel, publicada em 1808, *Lingua e sciencia dos hindús*, na qual se explica a identidade de lingua, de mythologia e de religião dos povos chamados arias ou indo-europeus pela hypothese de colonias partidas da India para virem estabelecer-se na Europa, onde se misturaram com as populações primitivas. Link, pelo contrario, em 1821, affirmou a mais alta antiguidade da lingua dos antigos persas, o zenda, localizando, por consequencia, nos planaltos da Media, da Armenia e da Georgia o berço das linguas indo europeias (1).

Rhode, sabio bem pouco conhecido, num livro publicado em Francfort-am-Mein, em 1820 (2), foi o primeiro que determinou para centro primitivo dos arias o planalto da Asia central, que passava aos olhos de muitos por centro de todo o genero humano, a região montanhosa em que o Iaxartes (Syr Daria) e Oxus (Amu-Daria) teem as suas nascentes. Rhode foi tambem, talvez, o primeiro, depois de Jones, que reconheceu que o samscrito, assim como o zenda, não era uma lingua primitiva, mas que um e outro são linguas irmãs cuja mãe desapareceu. Pelo que dizia respeito á primeira emigração dos indo-europeus, Rhode invocava para a explicar uma passagem celebre do começo do Zend-avesta, na qual se diz que o povo

(1) H. F. Link, *Die Urwelt und das Alterthum*, 1821.

(2) J. G. Rhode, *Die heilige Sage des Zendveolkes*. 1820.

iranico foi forçado a retirar-se para o sul impellido por uma invasão de frio (1). Um resfriamente subito de temperatura no planalto da Asia central teria sido, portanto, a determinante da dispersão dos arias primitivos. Causa notavel é que ideia analogica se encontra nas obras de Quatrefages e Saporta, os quaes são de opinião que a humanidade primitiva fóra expulsa do seu habitat circumpolar pela formação dos gelos do norte, ou seja nos inicios da epoca glaciaria (2).

IV

A honra de ter sido o primeiro que applicou a este problema os dados fornecidos pela geographia botanica, esclarecidos pela comparação das linguas, cabe a Julio de Klaphroth. Em 1830, num artigo do *Journal asiatique*, accentuou este sabio que o nome do vidoeiro é a unica designação duma arvore, que se encontra simultaneamente em samscrito e nas linguas congeneres, em samscrita *bhürju*, em russo *bereza*, etc, e d'este facto concluiu que a população da India que falla o samscrito devia ter ido do Norte. Esses povos, diz Klaphroth, não encontraram na nova patria as arvores que já conheciam, á excepção do vidoeiro, que cresce nas encostas meridionaes do Himalaya.

Augusto Pott sustenta como um dogma a origem asiatica das linguas indo-europeias. *Ex oriente lux*, e a marcha da civilização acompanhou sempre a do sol. O berço d'estas linguas é tambem para elle a região regada pelo Oxus e o Iaxartes, desde as en-

(1) *Vendidad*, fargard I, 3, 4.

(2) Quatrefages, *l'Espèce humaine*, 1877, pag. 132; *Histoire des races humaines*, 1877, pag. 133; Saporta, *Revue des deux mondes*, de 15 de outubro, 1881 e de 4 de maio de 1883.

costas septentrionaes do Himalaya até ao mar Caspio (1).

Christiano Lassen, em 1847, fez reaparecer, na grande obra ácerca das *Antiguidades da India*, a these de Rhode e collocou o berço dos indo-europeus ao norte da Sogdiana (2).

A ideia de fazer servir o conhecimento dos vocabularios para o da civilização primitiva dos povos parece ter sido realizada pela primeira vez, em 1820, por James Crawford, que, na *Historia do archipelago indico*, comparou com esse intuito as diversas linguas da familia polinesica (3). Dessa comparação concluiu Crawford que os polinesios primitivos conheciam os rudimentos da agricultura, trabalhavam o ferro e o ouro, vestiam-se de cascas e plantas textis, mas desconheciam os fatos de lã, e já haviam domesticado a vacca e o bufalo, etc. O dinamarquês Rask, em 1818, num livro publicado em Copenhague, indicara as vantagens que poderiam provir para a reconstituição da civilização indo-europeia primitiva de comparações semelhantes; mas o primeiro que resolutamente entrou nesse caminho foi Eichhoff que, num livro intitulado *Parallelo das linguas da Europa e da Asia*, publicado em Paris, em 1836, assentou verdadeiramente os principios da sciencia que Kuhn e Pictet haviam de constituir sob a designação de *paleontologia linguistica*.

Kuhn, no programma publicado em 1845, mostrou pela concordancia dos nomes designativos de parentesco, que os indo-europeus, antes de se separarem, deveriam ter tido vida familiar muito bem

(1) F. A. Pott, *Etymologische Forschungen*, 1883; *Indogermarischer Sprachestamm*, na *Encyclopaedia d' Ersch e Gruber*, 1880.

(2) Chr. Lassen, *Indische Alterthumskunde*, v. I, (1847).

(3) J. Crawford, *History of the indian archipelago*, 1820.

organizada (1); pensava até que haviam attingido o estado politico, baseando-se para isso em analogias como a que se dá entre o samscrito *rájan* e o latim *rex*. Da concordancia dos nomes dos animaes domesticos deduziu Kuhn que os indo-europeus deviam ter levado vida de pastores, accrescentando que as suas riquezas em gados e aves deveriam ser sensivelmente iguaes ás dos seus descendentes de hoje, attribuindo-lhes tambem o conhecimento dos rudimentos da agricultura. Em 1850, appareceu a segunda edição do programma de Kuhn; no espaço que mediou entre as duas edições, Jacob Grimm, occupara-se do mesmo assumpto na sua Historia da lingua allemã, em 1848, sustentando nella, para a vida dos indo-europeus, o character de pastoril, na occasião da passagem d'essa gente da Asia para a Europa (2).

Assente a origem commum das linguas indo-europeias, impunha-se o problema de as agrupar. Bopp, em 1833, primeiramente admittiu um grupo asiatico, formado pelo samscrito e zenda, e dois grupos europeus, um greco-latino, o outro celto eslavo-germanico; mas, em 1850, na segunda edição do seu programma, Kuhn affirmou que as linguas eslavas haviam permanecido por mais tempo em contacto com as da Asia do que com as outras, e Bopp deu-se presa em perfilhar a mesma opinião (3).

V

Já é tempo de nos referirmos á grande obra de Adolfo Pictet, verdadeira obra-prima no genero,

(1) A. Kuhn, Zur aeltesten Geschichte der indo-germanischen Voelker, 1845.

(2) J. Grimm, *Geschichte der deutschen Sprache*, 1848.

(3) Numa memoria ácerca da lingua dos antigos prussos, publicada pela Academia de Berlim, na serie dos *Abhandlungen*.

obra-prima de synthese que teve, todavia, o defeito de apparecer antes do tempo proprio, quando o trabalho analytic ainda não estava bastante adiantado. A obra de Pictet intitula-se *As origens indo-europeias e os árias primitivos, ensaio de paleontologia linguistica*, e foi publicada em Paris em 1859-1863, apparecendo segunda edição, um tanto modificada, em 1877. Divide-se em cinco livros, o primeiro dos quaes trata da geographia e ethnographia, o segundo de historia natural, o terceiro da civilização material dos arias, o quarto da vida social d'estes e o quinto, finalmente, da vida intellectual, moral e religiosa dos mesmos.

Para Pictet, a patria dos indo-europeus é a Bactriana e assentando, mais propriamente do que demonstrando, este principio, o autor attribue aos árias o conhecimento de animaes indigenas na Bactriana, até em casos em que a comparação dos vocabularios a tal o não auctoriza. Assim, embora reconhecendo que o nome do camelo, *camelus*, é semita e não arico, julga Pictet muito verosimil que os arias primitivos houvessem conhecido esse animal, por isso que o *camelo de duas bossas é indigena na Bactriana*. Ha nesta conclusão evidente falta de rigor, verdadeira petição de principio.

Outro defeito da obra de Pictet, e defeito que a faz de bem perigosa consulta para os novatos nestes estudos, é estar cheia de aproximações arriscadissimas de palavras que apresentam analogias meramente fortuitas. Na epoca em que Pictet escreveu, embora a sciencia comparativa das linguas já houvesse sido constituida por Bopp e Pott, estava-se ainda, na analyse das formas grammaticaes e dos elementos do vocabulario, muito longe da precisão minuciosa a que hoje se chegou o que é de rigor nestes trabalhos. A phonetica, ou seja a sciencia da

transformação dos sons, apenas realizou as suas maiores conquistas de 1877 ou 1882 para cá, como se pode verificar na obra de F. Bechtel, *Die Hauptprobleme der indogermanischen Lautlehre seit Schleicher*, publicada em 1892. Não devemos condemnar Pictet por, nesta materia, não ter avançado mais que os grandes linguistas do tempo, mas nem por isso é menos de lamentar que elle tenha feito afirmações decisivas em casos em que os documentos e os instrumentos de analyse de que dispunha, deixavam immenso a desejar.

VI

O desenho ideal traçado por Pictet do estado dos árias primitivos, povo jovem e vigoroso, dedicado á agricultura e á criação de gados, com a vida de familia muito desenvolvida e já no inicio da organização politica, seduziu principalmente os allemães que, cedendo aos seus instinctos idyllicos, entreteceram sobre o assumpto phantasias sem conto. Chegava a parecer que se encontrara um novo paraiso terreal sob as camadas fosseis da linguagem; mas, em verdade, é forçoso confessar-se que o methodo d'estes pretendidos historiadores do passado indo-europeu não era muito exigente. Assim, do facto de serem diferentes os nomes das doenças nas diversas linguas da familia indo-europeia, concluiu Justi, em 1862, que tão felizes mortaes só desappareciam da vida ao peso dos annos ou em resultado de feridas recebidas na guerra (1).

Schleicher, em 1863, insistiu no facto importan-

(1) F. Justi, *Ueber die Urzeit der Indogermanen*, no *Taschenbuch* de Raumer, 1862, pag. 301-342.

tissimo de muitos termos designativos de objectos usuaes poderem ter sido o resultado d'*emprestimos*, não remontando, por isso, necessariamente ao fundo primitivo da lingua (1).

Porque não se teriam transmittido as palavras de geração em geração, á maneira dos contos populares e das lendas? Schleicher insistiu tambem numa verdade quasi evidente, mas que nem assim deixa de ser constantemente desprezada d'aquelles que estudam estas questões. A falta dum termo identico em linguas congeneres não auctoriza a admittir-se que a cousa ou a relação expressa por essa palavra houvesse sido ignorada dos árias primitivos, porquanto um termo pode perfeitamente perder-se no decorrer dos seculos. Max Müller citou como exemplo o francès *papier*, italiano *carta*; seria, porventura legitimo concluir d'este facto que os romanos, cuja lingua é a base do italiano e do francès, tivessem ignorado o uso do papel? Tambem, na mesma ordem de ideias, o nome indo-europeu que designa pae, falta nos eslavos, o que designa filho nos latinos, o designativo de irmã nos gregos, e, todavia, deviam ter sido palavras vulgares. E, porventura, não assistimos ainda hoje ao desaparecimento no francès do termo *bru*, que no vocabulario corrente vae sendo substituido pelo vocabulo composto *belle-fille*? Max Müller, Whitney e Benfey chamaram a si, embora só parcialmente, o assumpto que Pictet brilhantemente tratara em conjuncto, e julgamos perfeitamente dispensavel, por inutil, o insistirmos nas divergencias de pormenorição que surgiram entre esses sabios. O mundo animal dos arias primitivos tem sido estudado por Foers-

(1) A. Schleicher, *Der wirthschaftliche Kulturstand des indogermanen Urvolkes*, em *Jahrbücher für National oehronomie*, 1863, pag. 401-411.

temann Pott, Misteli e outros, mas todos esses trabalhos foram sobrepujados pela notabilissima obra de V. Hehn, intitulada *As plantas cultivadas e os animaes domesticos na passagem da Asia para a Europa* ⁽¹⁾, publicada pela primeira vez em 1870, e depois em edições successivas.

Infelizmente as traducções de trabalho tão notavel não tentaram ainda um editor, nem mesmo em França. Hehn manifesta-se aberta e resolutamente pela hypothese da origem asiatica, mas dá provas de muito louvavel circumspecção em muitos outros pontos. Assim, insiste na necessidade de se estudar a historia do sentido das palavras, antes de attribuirmos aos tempos mais remotos o conhecimento do objecto designado pelo vocabulario por intermedio dum termo muito antigo. Por exemplo, se o termo correspondente a *equus* e a *hippos* existiu na lingua mãe, na qual parece ter tido a forma *ekwos*, que direito temos de concluir d'esse facto que o quadrupede assim chamado foi domesticado logo que appareceu? O cavallo conhecido dos arias primitivos podia ter sido perfeitamente o cavallo selvagem. Tambem um dos nomes da cabra se encontra em samscrito e em lithuanio e será, porventura, isto prova de que a cabra domesticada haja feito parte dos rebanhos dos arias? Applicando este processo de critica a outros termos, V. Hehn demonstrou que o quadro da civilização árica traçado por Pictet era, pelo menos em parte, obra de imaginação, na qual comparações muitas vezes exactas tinham levado a conclusões erradas. Ao contrario de Pictet, Hehn apresenta ainda a hypothese de que o passado mais remoto dos arias

(1) V. Hehn, *Kulturpflanzen und Hausthiere in ihrem Uebergang von Asien nach Grienchenland und Italien sowie in das übrige Europa*, 1870.

pertence não á epoca dos metaes, mas sim á da pedra polida, ou seja á epoca neolithica.

V. Hehn insistiu nos numerosos empréstimos feitos pelas linguas áricas ás dos povos semitas, que dispunham de civilização material muito mais adiantadas. Tomaschek, numa longa critica ao livro de Hehn (1), rasgou novos caminhos para a investigação, fazendo notar que os árias receberam menos dos semitas que dos povos do norte, finlandeses, ugrios e tartaros. A verificar-se a opinião de Tomaschek, tirar-se-hia a importante consequencia de que a civilização árica se constituiu ao contacto do mundo tartaro mais do que pela irradiação do mundo semítico (2).

A obra de Hehn não produziu immediatamente effeitos sensiveis sobre a sciencia. Ainda em 1873, o linguista Fick, na obra intitulada *Sobre a unidade originaria da linguagem dos indo-germanos da Europa* (3), descreveu a civilização primitiva dos árias com as mesmas côres idyllicas que Pictet empregara, accusando os que pensassem de maneira diferente de enamorados do darwinismo. Apenas um darwinista, isto é um homem para quem a philosophia idealista seja letra morta, poderá, diz elle, considerar a historia dos árias na origem como a duma condição miseravel, a dum estado social rude e grosseiro. Desta forma, depois de Pictet, Fick tornara a achar a chave do paraíso.

(1) *Zeitschrift für oesterreichische Gymnasien*, 1875, pag: 520

(2) Th. Koeppen, em 1886, num trabalho publicado na Russia sustentou que árias e finlandeses tinham origem commum e que a sua patria deveria procurar-se na Europa occidental. Sobre o caso veja-se uma larga apreciação desta obra, feita por Slieda em *Archiv für Anthropologie*, 1891, v. XX, pag. 262.

(3) A. Fick, *Die ehemalige Sprachenheit der Indo-germanen Europas*, 1873.

VII

Em 1853 foi feita por Schleicher a primeira tentativa para agrupar como mais intimamente aparentadas algumas das famílias de linguas indo-europeias.

O illustre sabio, a quem o problema da classificaçã das linguas por tão longo tempo preocupou, corrigiu, em 1861, a arvore genealogica que anteriormente organizara, e apresentou uma outra que se tornou até certo ponto classica, por muitas vezes reproduzida em trabalhos de vulgarisação. Para Schleicher, os árias, depois de haverem caminhado juntos, durante algum tempo, dividiram-se em dois grandes grupos, um dos quaes se dirigiu para leste e o outro para occidente ⁽¹⁾. O grupo oriental só tardia-mente se dissolveu, indo os indús para um lado e os persas para outro. Na epoca, porém, em que o grupo ainda era homogeneo, um ramo poderoso destacado do tronco commum, dirigiu-se para o sul da Europa, separando-se depois em tres ramos, os gregos, os albanos e os italo-celtas. Estes que caminhavam juntos na direcção dos Alpes, foram os derradeiros que se scindiram, alcançando os celtas a Gallia e os italianos a Italia. O grande grupo occidental soffreu menos perturbações. Constituido pelos antigos germanos, lithuanios e eslavos, pôs-se em movimento para o oriente da Europa, produzindo-se, ao cabo de algum tempo, nova scisão; por isso que os letto-eslavos, analogos aos italo-celtas, se separaram dos outros, caminhando á parte, e acabando por se dividirem tambem nos dois grupos, lithuanos e eslavos.

(1) A. Schleicher, *Kieler algemeine Monatsschrift*, 1853, pag. 786; *Die deutsche Sprache*, 2.^a ed., pag. 83.

Na verdade, a arvore genealogica de Schleicher constitue só por si uma historia primitiva completa dos povos que fallaram e fallam ainda hoje as línguas áricas. Facilmente reproduzimos a situação d'esses pastores, cujos descendentes haviam de ser os senhores do mundo, pondo-se a caminho com os seus rebanhos, em demanda de novas moradias, dum clima mais doce e de pastagens mais ricas; depois, gradualmente, nesse povo em marcha, vão surgindo discordias, divisões, e a emigração, que primeiramente rasgara apenas um sulco, bem depressa divergiu, como um leque, do Ganges ao Danubio e do Danubio ao Loire.

Por muito grandiosa que possa ser, esta historia assim resumida num traçado graphico, tem o defeito de assentar em bases muito fracas. Qual é, na realidade, o criterio adoptado por Schleicher para estabelecer a chronologia das scisões, cuja serie, em seu modo de vêr, constitue a *prehistoria* dos árias? E' apenas a menor ou maior similhança com o que elle pretende saber da lingua mãe ou, melhor ainda, as maiores ou menores alterações de cada lingua árica. Assim, crente de que as linguas germanicas, lithuanias e eslavas, são mais affastadas do ária primitivo que o samscrito e o grego, Schleicher admite que os antepassados dos germanos, lithuanios e eslavos, foram os primeiros a separar-se do tronco commum, a perderem o contacto dos irmãos. Ora, primeiro, não está provado de maneira nenbuma que o lithuanio, por exemplo, seja mais affastado da *lingua mãe* que o samscrito; depois, ainda que assim fosse, a prova não era concludente, por isso que não é verdade que uma lingua se altere mercê duma emigração que a affaste do centro primitivo. Tem-se notado muitas vezes que o francês dos franco-canadianos é mais archaico que o dos franceses de França, em vez de

se haver corrompido mais rapidamente e de haver perdido as suas características. O mesmo se dá com o hespanhol e o português dos judeus de Salonica, que fallam linguagens semelhantes ao hespanhol e português antigos. O grau d'alteração duma lingua, que, de resto, é sempre difficillimo avaliar, nada nos esclarece, pois, ácerca dos destinos d'essa lingua, nem dos d'aquelles que a propagaram. O que ficou da arvore de Schleicher foi apenas a concepção dos grupos secundarios, o indo-persa por um lado, o italo-celta e o letto-eslavo por outro.

A existencia de taes grupos pode admittir-se como verosimil com argumentos de natureza linguistica; mas entraremos no dominio das hypotheses, logo que, por exemplo, affirmemos que os italianos e os celtas, na marcha do oriente para o occidente, caminharam ao longo do Danubio, antes de se separarem ao pé dos Alpes austriacos. A tal respeito nada se sabe, e o defeito da arvore genealogica de Schleicher está em ter convencido muitos historiadores de que, na realidade, se poderia saber qualquer cousa.

VIII

A theoria da arvore genealogica tem, sem duvida nenhuma, a vantagem de ser clara e fallar vivamente á imaginação pela simplicidade das hypotheses que suggere; mas será, porventura, a unica que possa apresentar-se para explicar a diffusão das linguas áricas e as variedades que duma região para outra apresentam?

Um dos mais profundos linguistas do nosso tempo, Johannes Schmidt, não é d'essa opinião, porquanto, sob o nome de *theoria das vagas*, *Wellentheorie*, apresentou, em 1872, um systema absolutamente an-

tagonico do de Schleicher ⁽¹⁾, systema que fôra presentido desde 1866 pelo celebre romanista Hugo Schuchardt na obra fundamental sobre o *Vocalismo do latim vulgar*.

Vejam os no que consiste a hypothese de Schmidt. Num vasto territorio occupado continuamente por homens que fallavam a lingua árica primitiva, do Atlantico ao Indo, em epoca muito remota, produziram-se *cetenros de differenciação*, dos quaes irradiaram para as regiões circumvizinhas certas particularidades dialectaes e lexicographicas. Schmidt compara essas alteraçõs, que vão distendendo-se dum ponto para outro, ao movimento das vagas no mar. Na origem, entre o samscrito e o celtico havia um numero muito consideravel de dialectos intermédios, que constituíam como que um plano inclinado entre essas duas linguas, falladas nos dois extremos do vasto dominio geographico abrangido pelo arianismo. Mais tarde, como resultado da supremacia politica de certos grupos que fallavam determinadas linguas, desappareceram esses intermediarios e, segundo a espirituosa expressão de Schmidt, *o plano inclinado transformouse em escada*. Houve então fronteiras precisas entre as differentes linguas, fronteiras que constituíram como que os limites naturaes dos povos. A hypothese d'esse desapparecimento dos dialectos intermediarios está de resto historicamente confirmada e, assim, vemos, na Italia, o dialecto do Lacio, o romano, abafar os outros dialectos italiotas, e, na formação do francès moderno, vemos desempenhar as mesmas funcções o dialecto novilatino da Ilha de França.

E' de justiça dizer-se que a theoria de Schmidt fôra já entrevista por Pictet na sua grande obra

(1) Schmidt. Die Verwandtschafts-verhaeltnisse der indogermanischen Sprachen, 1872.

acerca das origens indo-europeias⁽¹⁾, onde diz: «O que é certo, no estado actual dos conhecimentos, é que entre os povos da familia árica se nota como que uma cadeia continua de relações linguisticas especiaes que, por assim dizer, corre parallelamente á das suas posições geographicas... As emigrações longinquas foram talvez precedidas por uma extensão gradnal, no percurso da qual se foram provavelmente formando pouco a pouco dialectos distinctos, mas sempre em contacto uns com os outros e tanto mais analogos quanto mais vizinhos eram».

Como se vê, a todas as theorias que possam resumir-se sob a forma duma arvore genealogica, indicando separações successivas dos povos em marcha commum do oriente para o occidente, a de Schmidt oppõe uma concepção muito menos hypothetica, muito mais conforme com o que, sem duvida, se deu no momento da constituição das linguas romanas da Europa, qual é a duma unidade linguistica primitiva num terreno bastante extenso, unidade essa que foi quebrada pela formação de centros dialectaes entre os quaes se estabeleceu lucta pela existencia e dos quaes só alguns conservaram até nossos dias a individualidade.

Schmidt teve, sem duvida, presente ao espirito o exemplo do imperio romano, no qual, no tempo de Marco Aurelio, o latim se fallava nas margens do Danubio, nas do Sena e nas do Ebro, como em Medjerda, e tomou a peito muito razoadamente explicar a formação das linguas áricas pela historia da formação das linguas novilatinas na Idade média. O latim, porém, convertido em lingua de parte consideravel do mundo, não fôra originariamente mais do

(1) Pictet, *Origines indo-européennes*, § 5, p. 48, citado por Schrader a p. 93 de *Sprachber-gleichung*.

que a lingua particular do Lacio e hoje sabemos com toda a certeza como se espalhou pela Gallia, Hespanha, Africa do norte, valle do Danubio, etc. Tem sempre havido um ponto de partida, um centro d'acção e extensão primitivamente bastante limitado. Por isso, tambem, o sistema de Schmidt não supprime o problema da origem das linguas áricas, e, quer a sua explicação da diversidade das linguas, do *processus dialectal*, seja verdadeira ou falsa, fica sempre para se determinar o ponto geographico do qual irradiou a lingua mãe de toda a familia. E, por este motivo, a publicação do seu livro, em vez de desanimar as pesquisas iniciadas no começo do seculo dezanove, imprimiu a estas novo impulso.

IX

Todos os sabios, de que nos occupámos até agora, procuravam, como vimos, o centro de dispersão das linguas áricas na região comprehendida entre o Himalaia e o Caucaso. As divergencias de opinião, que desde logo se manifestaram sobre o assumpto, apenas se referiam ás differentes regiões situadas entre estes lindes geographicos. A theoria bactriana de Pictet foi e é ainda, porventura, a mais seguida, tanto mais que encontrava apparencias de confirmação nas observações do linguista genebrês respeitantes ás designações das estações entre os árias. Estes, na realidade, distiguiam o inverno, a primavera e o verão; tinham tambem nomes cummuns para a neve e para a chuva. O clima da Bactriana, onde os invernos são rudes, convinha, pois, a este povo primitivo. Finalmente, o conhecimento dos mineraes, vegetaes e animaes domesticos, que Pictet attribuia aos árias indivisos parecia concordar perfeitamente com a hypothese que

lhes determinava para residencia prehistorica a Bactriana.

Um illustre zoologo belga, J. J. d'Omalius d'Halloy, que morreu quasi centenario em 1875, foi o primeiro que, em 1848, protestou contra a theoria da origem asiatica dos europeus (1). Na analise da memoravel discussão por elle provocada em 1864, teremos occasião de apresentar os argumentos que em prol da sua opinião publicou, e tão apreciados foram, na Sociedade de Anthropologia de Paris. Em 1859, Halloy publicou a quarta edição d'um summario esplendido, intitulado: *Das raças humanas, ou elementos de ethnographia*, que é o desenvolvimento duma memoria que lêra em Bruxellas, em 1839. Encontra-se ahi muito claramente formulada a affirmacão de que os árias da Persia e da India eram conquistadores dos da Europa. O auctor appoiava-se por um lado em analogias de ordem historica, insistindo no facto das conquistas perduraveis terem irradiado todas do occidente para o oriente; por outro lado, fazia valer o argumento anthropologico da proponderancia do tipo louro não asiatico entre os homens do ramo europeu; todavia punha quasi completamente de lado a linguistica, não suspeitando sequer a importancia que, para esclarecimento do problema árico, reveste a comparacão dos vocabularios. «Se os europeus, escreve Halloy, fossem originarios da Asia, a sua mythologia e as suas antigas poesias deveriam fazer allusões aos elephantes e aos camellos, o que, na rea-

(1) No *Bulletin de l'Académie de Belgique*, 1848, t. XV, p. 549. Esta ideia começa já a mostrar-se nas notas apresentadas por J. d'Omalius á mesma Academia, de 1839 a 1844. Os historiadores da questão árica desprezaram completamente os direitos de prioridade de Omalius; a D. Brinton cabe a honra de os haver reivindicado para quem de direito eram (*Science*, n.º de 24 de junho de 1892, pag. 360.)

lidade, se não dá». A objecção não é destituida de valor, mas apresentar-se-nos-ha muito mais forte e empolgante dez annos mais tarde, quando Benfey a renovar em nome da linguistica.

Dos philologos, foi o inglêz Latham o primeiro que levantou a voz em discordancia com o que até então geralmente se admittia (1). Em um livro intitulado, *Elementos de philologia comparada*, publicado em Londres em 1862, desenvolveu a theoria, já por elle enunciada em 1851, numa edição da *Germania* de Tacito, de que a patria dos indo-europêus se devia procurar na propria Europa (2). Latham, para fa-

(1) Em 1842, Lord Ltton Bulwer contestava de maneira geral a hypothese da origem asiatica dos árias. — Um leitor da *Republique Française*, onde este nosso trabalho foi primeiramente publicado, indicou-me um livro verdadeiramente estupendo intitulado *Novas verdadeiras etymologias medicas tiradas do gaulês*, por Lenglet-Mortier, veterinario e Diogenes Vamdamme. Em Quesnoy, 1857. Encontram-se em obra tal algumas passagens curiosas, como a que transcrevemos: «O occidente e o norte da Europa antiga, principalmente a região situada entre 43.º e 52.º de latitude, são o berço das artes. O clima, a configuração, a natureza do solo exigem ahí, mais que em qualquer outro ponto, esforços, trabalhos em commum, e reunião politica. Será na Asia, onde a natureza provê espontaneamente, por assim dizer, ás necessidades do homem, que devemos ir procurar o genio e a industria? Não queremos dizer com isto que a Europa occidental seja o berço da humanidade, mas affirmamos que ahí saltaram do embate duma população sempre numerosa e composta as primeiras faixas, os primeiros raios da luz civilizadora, que dahi partiram os primeiros reconhecimentos e a civilização do antigo mundo conhecido e que a lingua d'essa região, na mais remota antiguidade, era a dos sabios, a dos mestres civis e religiosos dos outros povos.» (p. 7). Por entre etymologias verdadeiramente disparatadas, (p. 26 e 27), lê-se que a *Asia* era um vasto sistema de provincias povoadas por lavradores e mercadores; a *Asia* seria a *Gallia* e teriam sido missionarios gauleses quem teria dado as instituições aos médas. «O nosso pais foi o berço da agricultura e ainda hoje é o mestre das sciencias agronomicas».

(2) R. G. Latham, *Elements of comparative philology*, 1862.

zer semelhante asserção, baseia-se em analogias linguísticas existentes nas línguas do grupo letto-slavo com o samscrito, concluindo que, numa época remota, gente que fallava o samscrito deveria ter estado com contacto com gente que fallava o letto-slavo. Ora como o dominio dos indo-europeus da Europa é mais vasto que o dos indo-europeus da Asia, Latham manifesta a opinião de que da Europa é que partiu o grupo menos importante, em vez de partilhar, como os predecessores n'este ramo d'estudos, a opinião opposta.

Latham não foi ouvido, nem refutado; ninguém lhe prestou attenção. Já as idéias originaes de J. d'Omalius haviam encontrado a mesma indifferença; mas já não vinha longe o dia em que a curiosidade publica se applicaria com enthusiasmo a estas questões.

O principio do anno 1860 marca época memoravel na historia da sciencia do homem. Foi então, na realidade, que a opinião quasi unanime dos sabios francezes e ingleses, reconhecendo a exactidão dos factos affirmados por Boucher de Perthes, fez recuar até o começo da época quaternaria a presença do homem no solo da antiga Gallia (1).

Durante muito tempo pensara-se, admitindo-se como axioma, que a Europa fôra povoada por imigrantes asiaticos pertencentes a um dos grupos ethnicos mencionados pela Biblia e pelos historiadores classicos. E, subitamente, descobriam-se na Europa, nas margens do Sena e do Somma, bem como nas cavernas do sudoeste da França, vestigios incontestaveis da actividade do homem, em época anterior de muitos seculos á que os mais antigos textos histori-

(1) Veja Reinach, *Antiquités Nationales*, 1889, tom. I, p. 14 e ss.

cos ou as proprias narrações mythologicas nos deixam entrevêr. Desde esse momento era inevitavel que a pouco e pouco se fosse deixando de vêr na Europa uma dependencia da Asia e que, postos completamente de parte quaisquer prejuizos ou preconceitos, se recommençasse o exame de questões que se não apresentavam já sob o mesmo aspecto de havia dez annos. A questão da origem dos árias pertencia a esse numero, e foi o geologo J. J. d'Omalius d'Halloy, a quem já nos referimos, quem ousou primeiro que ninguem chamá-la ao tribunal da sciencia anthropologica, então no seu inicio.

X

A 4 de fevereiro de 1864, J. J. d'Omalius d'Halloy apresentou na secretaria da Sociedade de anthropologia de Paris as tres interrogações que seguem, rogando que sobre ellas recalisasse a discussão.

1.^a — Quais as provas da origem asiatica dos europeus?

2.^a — As linguas de flexão, em vez de terem passado da Asia para a Europa, não teriam antes ido da Europa para a Asia.

3.^a — Os povos actuaes que fallam idiomas celticos, irlandês, gallês, baixo-bretão, highlandês da Escossia, e que, até agora e por esse motivo, se consideram oriundos da Asia, não serão antes os descendentes dos povos autochtonos da Europa occidental?

A discussão d'estes assumptos, nessa epoca de muita novidade, começou a 18 de fevereiro de 1864

D'Omalius observou que, na epoca historica, os povos da Europa fizeram immensas conquistas e fundaram numerosas colonias nas outras partes da terra, ao passo que os outros povos fizeram muito poucas

conquistas sobre os europeus. E estas mesmas foram mais irrupções momentaneas do que estabelecimentos permanentes, por isso que no momento actual não ha europeus submettidos a povos d'outras regiões, a não serem os do imperio ottomano. Ao contrario d'isto, as conquistas e colonias dos europeus tiveram sempre grande character de solidez, os gauleses estabeleceram-se demoradamente na parte da Asia Menor que lhes deve o nome de Galacia; os gregos de Alexandre fundaram na Asia estados poderosos que se alargaram até o Indo; romanos exerceram soberania durante alguns seculos sobre parte da Asia e da Africa. De nada vale a objecção da pequenez da Europa e da pouca intensidade da sua população em tempos muito remotos, por isso que a historia nos apresenta Zermak conquistando com seis mil cossacos uma região quasi tão grande como a Europa, Cortez submettendo com algumas centenas de hespanhoes o vasto imperio do Mexico, a Inglaterra, pequena como é, mantendo sob o seu jugo mais de duzentos milhões de asiaticos, e a Australia povoando-se em menos de cincoenta annos com mais d'um milhão de europeus.

Foi Broca quem respondeu a J. d'Omalius. Primeiramente, disse o erudito professor, cumpre distinguirem-se duas questões, que devem ser examinadas separadamente, a saber: 1.^a d'onde provêem as raças que hoje povoam a Europa? e 2.^a d'onde provêem as linguas actualmente falladas na Europa? E' muito provavel que estas duas questões, tantas vezes desarrazoadamente confundidas, não possam ter soluções identicas. «Sou, disse Broca, da opinião do nosso veneravel collega d'Omalius na accepção de que, para mim, os habitantes da Europa são hoje, ponco mais ou menos, o que eram na epoca da immigração asiática; mas, pelo que diz respeito ás linguas indo-

européias, creio que ha razão em sustentar que seguiram marcha do oriente para o occidente».

A tendencia de Broca era reduzir a pequeno numero os immigrants vindos da Asia, que haviam trazido as linguas áricas para a Europa. Insistia nas differenças anatomicas que os europeus apresentam, embora hoje fallem todos linguas áricas. Evidentemente, se havia unidade de linguagem, nada havia, comtudo, que se assimilasse á unidade de typo physico e de raça. «Concebo como possivel, dizia Broca, que *alguns milhares* de asiaticos tenham vindo installar-se na Europa, trazendo consigo as suas leis, costumes e linguas; concebo até que, á semilhança do que vimos em epochas relativamente recentes, houvesse povos que mudassem de lingua, assim como que os primitivos europeus houvessem accettato a lingua d'esses povos estranhos; mas, se havia então um milhão de habitantes na Europa e os celtas, pois que este seria o nome dos primeiros invasores, fossem cem mil, se tanto fôr preciso, é certo que ao cabo dum pequeno numero de gerações os celtas teriam, porventura, sido ligeiramente modificados no seu typo organico; mas pode-lo-hiam ter sido profundamente na linguagem, nos costumes e na religião.»

Bertillon, em opposição a Broca, fez notar que os europeus que fallavam linguas áricas se lhe affiguravam como offerecendo notavel conformidade de caracteres anatomicos. Era sua opinião, pois, que o sangue árico havia sido *largamente infundido na Europa*. Girard de Rialle lembrou que o samscrito e o zenda se distanciavam menos da lingua mãe que os outros idiomas da mesma familia, concluindo d'esse facto que as regiões, onde essas linguas eram falladas, eram as mais vizinhas do ponto originario de todo o grupo.

Fazendo novamente uso da palavra, depois de discussão tão confusa, J. d'Omalius com perfeita clareza apresentou o aspecto anthropologico da questão. Ensinam-nos, disse elle, que havia na Europa povos morenos de olhos negros, que, em determinada epoca foram conquistados por povos de olhos azues e cabelos louros vindos da Asia. Esta mistura de elementos morenos e louros na Europa é incontestavel; mas é necessario demonstrar, e não apenas affirmar, que os invasores louros tinham vindo da Asia. Pretende-se que ha na Asia povos de raça loura; mas, sempre que a sério os procuramos, não se encontram, verificando-se apenas a existencia num pequeno ponto do Himalaya de alguns povos, pouco numerosos, como os Siaposh, ou no Caucaso, os Osseta, que podem descender perfeitamente de europeus conquistadores. Os historiadores chineses, na verdade, fallaram dum povo de olhos verdes e cabellos vermelhos, mas trata-se dum typo arruivado e não louro. Por outro lado, por mais alto que remontemos na historia, encontramos sempre povos louros no centro da Europa. «Sou levado a crêr, diz J. d'Omalius, que esses povos, desde a mais remota antiguidade, estiveram na Europa; esses povos bellicosos e conquistadores captaram para a Germania, entre os antigos, o nome de *officina de povos*, levaram, como é sabido, as suas conquistas muito longe.» J. d'Omalius não foi menos feliz, respondendo á objecção de Girard de Rialle. Em seu modo de vêr, affirma d'Omalius, a perfeição admirada no samscrito e no zenda, quando comparados com as outras linguas áricas, provinha unicamente da superioridade da civilização dos povos que fallaram essas duas linguas. Poderia ter acrescentado que essas linguas nos são conhecidas por documentos escritos muito antigos, de epoca em que o eslavo, o celtico, o proprio latim, ainda nos não são familiares,

por isso que só os conhecemos de periodo relativamente recente da sua historia. E será realmente legitimo comparar o celtico do 8.º seculo christão, ou seja a lingua da mais antiga litteratura irlandesa que possuímos, com o hindú dos Vedas ou o zenda do Avesta que tem sobre o celtico uma antiguidade de quinze seculos pelo menos? Podemos tambem a este proposito lembrar o que se dá com o francês do Canadá, menos alterado que o da mãe-patria, e o facto do lithuano, sob certos aspectos, parecer mais proximo da lingua mãe que o samscrito. Todos os argumentos baseados na maior ou menor conservação das linguas são, por assim dizer, espadas de dois gumes; d'elles nenhum proveito se pode tirar neste ou naquelle sentido e, por isso, o melhor que temos que fazer é pô-los completamente de parte.

A discussão continuou a 3 de março, incidindo primeiramente sobre factos historicos pouco familiares aos anthropologistas que os invocavam. Readquiriu interesse com a intervenção de Pruner-Bey, o rival de Broca, sabio hoje muito esquecido, mas que desempenhou papel muito importante na epoca que pode cognominar-se a *idade heroica* da anthropologia.

Exploramos o oriente e não o colonizamos, disse Pruner-Bey. Nenhum estabelecimento definitivo e duravel poude ser fundado pelos europeus na Asia. Ha louros na Asia, não só no Caucaso e na Armenia, mas no Libano e no Kurdistão. Desta forma destroem-se as duas objecções apresentadas por d'Omalius contra a these geralmente admittida da origem asiatica dos árias louros da Europa. As tradições dos hindús e dos iranianos transportam a sua patria primitiva para a região comprehendida entre o mar Caspio e o Hinducos; gregos e italianos penetraram pelo norte nas peninsulas que occupam nos tempos

historicos. Os celtas, em suas lendas, referem tambem que emigraram do oriente para o occidente; o mesmo movimento do este para oeste se encontra na tradição dos germanos, dos eslavos e dos escandinavos. Foram os árias que trouxeram da Asia para a Europa os animais domesticos, os cereais, o conhecimento do trabalho dos metais. E' tambem para a Asia que devemos lançar as vistas para procurarmos a origem das linguas áricas, pois que é lá que se encontra o samscrito, a mais pura e perfeita de todas.

Lagneau, em seguida, com mais erudição do que methodo, continuou o exame dos textos antigos relativos aos cimmericos, celtas e ligures. J. d'Omalius respondeu, em 17 de março, a Pruner-Bey, e provou-lhe quão frageis eram todos os dados historicos em que o contradictor se baseiava para localizar na Asia o ponto de partida da irradiação árica.

A analyse do resto da discussão, em que se trocaram muitas palavras vãs e inuteis, levar-nos-hia muito longe; o nosso objectivo, ao lembrá-la, foi apenas o accentuar o merecimento e o valor d'Omalius d'Halloy, de todos os anthropologistas o unico que sustentou uma opinião cujos adeptos immensamente se multiplicaram dez annos depois.

XI

Um indianista celebre, Benfey, apresentou, em 1868, idéias analogas ás de Omalius, ⁽¹⁾. «Desde que a geologia provou, escreveu Benfey, que a Europa tem sido habitada desde tempos immemoriais. todos os motivos allegados para a immigração dos árias da Asia na Europa caem por terra e reduzem-se a pó.»

(1) Benfey prefacio do *Woerterbuch der indog. Grundspache* de A. Fick, 1868, pag. XX.

Benfey accrescentava que, na fauna indo-europeia primitiva, faltam os nomes do lião, do tigre e do camello; bastava isto para obrigar a collocar-se o dominio primitivo das linguas áricas em qualquer outra região que não seja a Asia central (1). Era entre as bocas do Danubio e o mar Caspio, ao norte do mar Negro, que Benfey se inclinava a collocar o berço d'estas linguas (2). Tal é, tambem, digamo-lo desde já, a conclusão que a sciencia contemporanea parece ter adoptado definitivamente.

Em 1870, o patriotismo exagerado veio envolver-se na questão, e Luis Geiger tentou provar que a patria primitiva dos indo-europeus era o centro e o oêste da Allemanha (3). Geiger fez valer principalmente argumentos tirados do reino vegetal.

As tres arvores, que mais espalhadas parecem ter sido no periodo indiviso, são o vidoeiro, a faia e o carvalho. Ora a faia, em epoca muito antiga, parece ter dominado principalmente na Allemanha central. Geiger esqueceu-se, porém, de que as linguas asiaticas da familia árica, não apresentam para a faia designação analoga á do allemão *Buche*, latim *fagus*, grego *phégos*, na accepção de carvalho; é certo que se poderia ter perdido um termo correspondente, mas a argumentação de Geiger só teria valor se esta palavra se encontrasse igualmente nas linguas da Europa e da Asia. A identidade das designações da faia no grupo europeu, prova apenas, como Fick viu, que esse grupo, antes da separação viveu na parte central da Europa (4).

(1) A isto respondeu-se: 1.º Que os hindús na epoca do Rigveda, não conheciam o tigre nem o camello. 2.º Que o lião se não encontra no planalto do Pamir.

(2) Benfey, *Allgememe Zeitung*, 27 de julho de 1875. *Beilage*.

(3) Geiger, *Entwicklungsgeschichte der Menschheit*, 1871, pag. 113.

(4) A. Fick. *Woerterbuch*, 2.ª ed. p. 1047.

Pictet já notara que os árias primitivos só distinguíam tres estações, primavera, verão e inverno. Geiger muito engenhosamente aproveitou a seguinte passagem de Tacito que, na *Germania*, fallando dos germanos, diz: «Desconhecem igualmente o nome e os fructos do outomno.» A passagem é, sem duvida, curiosa, mas é quasi inutil dizer-se que não auctorisa a ir procurar-se a patria árica primitiva nas florestas e países da Germania.

O grande orientalista F. Spiegel interessou-se pelo problema em 1869 e 1871. Manifesta tendencias analogas ás de Benfey (1); pensa que o sneste da Europa conviria muito melhor que o planalto do Pamir á formação e desenvolvimento da raça árica. Spiegel, porém, tem uma ideia muito particular da dispersão dos árias para o oriente e para o occidente. Em sua opinião, o primitivo povo árico estendeu-se lenta e progressivamente, absorvendo nas suas fronteiras povos differentes, cujos costumes e usos apropriava em parte, mas aos quais impunha a lingua. E, como estes povos tinham idiomas proprios, o fundo linguistico que lhes pertencia reagiu sobre a nova lingua que iam aprendendo, e assim se formaram os dialetos que, com o tempo, se constituíram em linguas isoladas. É interessantissimo approximar estes pontos de vista dos de Johannes Schmidt, a que já nos referimos atraz.

Cuno, em 1872, marcou para dominio primitivo dos árias toda a região comprehendida entre o Atlantico e o Ural (2): lithuanios, eslavos germanos e celtas, em sua opinião, são autochtonos; os gregos provinham da região dos lithuanios. D'esta fôrma o do-

(1) *Ausland*, 1869, p. 272; 1871, p. 553; idem, 1872, p. 961 e *Eranische Altherthumskunde*, tom. I, 1871, p. 426.

(2) J. G. Cuno, *Forschungen im Gebiete der alten Voelkerkunde*, 1871.

mínio árico confina com o domínio finlandês, e isto explica, na opinião de Cuno, as analogias existentes nas duas famílias de linguas. Esta ideia reapareceu mais tarde e contém, provavelmente, um quinhão de verdade, muito embora o estudo methodico das analogias entre as linguas áricas e finlandêsas esteja ainda por fazer.

Desconhecendo, segundo parece, o trabalho de Cuno, a sr.^a Clémence Royer, no congresso internacional d'anthropologia realizado em Bruxellas, em 1872, protestou contra a hipotese da origem asiatica dos árias (1). «Considerada em massa na sua unidade, dizia a erudita traductora de Darwin, a nossa população europeia indigena é loura. Se ha morenos na Europa, é que vieram d'outra parte; se ha louros noutros pontos é porque foram para ahi. A lingua árica, cujos elementos primitivos chegaram a reconstituir-se, appareceu na Europa; na Europa foi fallada originariamente e não na India, para onde foi da Persia, nem na Persia para onde foi talvez do Caucaso. Na India e na Persia só se encontram populações indigenas morenas; as que fallam ou fallaram dialectos áricos eram apenas meños escuras, e, se povos morenos fallam linguas áricas, é porque as apreheram de emigrantes europeus originariamente louros, que se confundiram com a raça morena indigena.»

Invocando a embryogenia, a sr.^a Royer accentuava que quasi todas as crianças europeias são louras e que, sobretudo, nascem louras, até que mais tarde se fazem morenas, ao passo que, as que excepcionalmente nascem morenas, nunca se fazem louras. Deduzir-se-hia d'este facto que a raça indigena, aquella

(1) *Congresso de Bruxellas, Relatorio, p. 574 e seg.*

que maior numero de elementos genealogicos forneceu ás nossas raças, era uma raça loura. A questão foi renovada com muita minucia pela sr.^a Royer na Sociedade de Anthropologia de Paris, em 1873, mas a communicacão que apresentou, por afogada numa onda de hipoteses, não deu azo a nenhuma discussão.

Em 1872 e 1873, o notavel linguista Fr. Müller manifestou-se a favor da opiniao de Benfey de que a separacão das tribus aricas se effectuou a sudeste da Europa, acrescentando, todavia que os árias, em epoca muito mais remota, haviam habitado os planaltos da Armenia (1); hipotese esta que se lhe affigurava a imposta pela identidade de raça dos árias com os hamita-semitas e os caucasicos. A hipotese da origem armenia dos árias foi renovada mais tarde, em 1884, por Brunnhofer, que, para lhe dar verosimilhança, se appoiou em approximações etymologicas muito arriscadas (2).

XII

Benfey, como já vimos, insistira na falta do nome do leão na fauna árica primitiva para assim negar que a patria dos árias pudesse ter sido a Asia central. Similhante argumento foi lançado á discussão

(1) Fr. Müller *Geographisches Jahrbuch*, 1872, *Probleme der linguistischen Ethnographie*, 1873.

(2) Brunnhofer, *Ueber den Ursitz der Indogermanen*, Bale, 1875. O autor insiste nos nomes de ribeira *Kur* e *Araxe*, que, espalhados no dominio indo-europeu, só se encontram reunidos na Armenia. O caso, porém, está em provar-se que esses nomes são verdadeiramente indigenas na Armenia, região que só foi occupada pelos indo-europeus cerca do seculo selimo antes de Christo. (Sayce. *The cuneiform inscriptions of Van*, no *Journal of the Royal asiatic society*, l. xiv, p. 377.

em 1873, numa engenhosa memoria apresentada por Pauli (1).

Benfey suppunha que o termo semitico *laisch* fôra levado para o grego *lis*, *leôn*, dando este ultimo origem ao latim *leo* e este ao germanico *lewo*, actualmente *loewe*. A esta asserção respondeu Pauli dizendo que era inadmissivel a derivação *laischlis*; estabeleceu para a epoca proethnica uma raiz *liv*, que despertava a idéia de côr amarella e pallida, da qual derivou o latim *lividus* e explicou por esta raiz os nomes do leão nos diferentes povos áricos da Europa. Na verdade, a etimologia d'estas palavras é ainda completamente obscura e a hipotese de Pauli não é de todo convincente; todavia, tem a vantagem de haver feito desaparecer da discussão, até mais seguros dados, um argumento que parecera de altissimo valor a um sabio da cathegoria de Benfey (2).

Hehn, defensor da hipotese asiatica, accentuou em 1873, numa monographia sobre o sal (3), que o nome d'esta substancia, *sal*, *hals*, etc. só se encontra nas linguas europeias. Portanto, concluiu Hehn, os árias não conheceram o sal antes de se haverem separado, só o conheceram quando, no inicio da migração, o ramo occidental foi levado ás margens do lago Aral e do mar Caspio. A falta de designação commum para mar tem sido já muitas vezes accentuada.

Argumentos d'esta natureza, embora impressionantes á primeira vista, teem menos que mediocre força demonstrativa, porque nada ha que impeça que

(1) Carl Pauli, *Die Tsenennung des Loewewen bei den Indo, germanen*, 1873.

(2) E' esta tambem a opinião do Joh. Schmidt, que, todavia, não admite a explicação de Pauli, nem as que mais tarde appareceram pára o mesmo termo. (*Die Urheimath der Indogermanen*, 1890, p. 11-12.

(3) V. Hehn, *Das Salz*, 1873.

termos correspondentes ao latim *sal* ou *mare* possam ter-se perdido em iranico e samscrito.

Não obstante os diferentes trabalhos que indicámos, a opinião de que os áriás vinham da Asia era adoptada quasi sem discrepancia pelos sabios. Encontra-se a prova d'isto num artigo importante de Virchow, intitulado *Os povos primitivos da Europa*, do qual, em julho de 1874, se publicou uma traducção na *Revista scientifica*. Virchow escreveu: «Por mais distanciadas que possam ter sido as epochas em que os diferentes povos da Europa entraram no dominio da historia... por toda a parte as antigas tradições nos levam não a raças fixas, mas sim a povos nomadas... De vez em quando, faz-se menção de habitantes indigenas: os gregos fallam dos autochtonos, os italianos dos aborigines; mas é legitimo perguntar se, porventura, esses mesmos indigenas, não haviam tambem sido anteriormente nomadas. O que ha certo é que as raças civilizadoras vieram todas de longe e todas as tradições locais indicam que o movimento se deu do oriente para o occidente. As tradições gregas mencionam a Asia menor, as italianas as costas do mar Adriatico; os celtas que povoaram o territorio da França actual e vieram do mar Negro, subindo o Danubio, os germanos da Allemanha, occuparam primeiramente durante certo tempo o centro da Russia; na propria Suecia, as tradições apresentam-nos os *ases* como tendo vindo da extremidade oriental do continente... Felizmente não é indispensavel o saber-se quando e por que ordem cada um dos diversos ramos áricos ingressou na Europa e em que epoca aqui se fixou definitivamente. Seria difficillimo precisar qualquer cousa a este respeito, por isso que o movimento do oriente para o occidente dos velhes grupos áricos se continuou, para alguns d'elles nos tempos historicos até á grande invasão do

quinto seculo depois de Christo. O que, todavia, é facil assentarmos é o facto, appoiado na tradição, na historia, na philologia, na archeologia, nas sciencias naturaes e até, finalmente, na simplez analogia, de que *todos os povos europeus de origem árica vieram do Oriente.*»

Virchow analisou tambem a opinião, muito em voga em 1874, de que os invasores áricos, louros e de cabeça comprida, vieram sobrepôr-se a um fundo mais antigo de populações atrigueiradas e de cabeça redonda, aparentadas com os laponios e os finlandeses. Virchow objectou que os cranios redondos prehistoricos encontrados no norte da Europa, Allemanha, na Dinamarca e na Belgica, em nada se assimilavam aos cranios dos laponios e dos finlandeses dos nossos dias, e que algumas cavernas habitadas em epoca muito remota tinham apresentado cranios allongados dum typo tal que nos sentiriamos tentados a qualificá-los de áricos, se não se *soubesse* (?) que a raça árica só muito tempo depois penetrara na Europa. E, depois, ainda, «quem pode provar-nos que os árias tinham pelle branca, olhos azues e cranio allongado? Porque se surprehenderam tanto os antigos romanos, ao verem a conformação physica dos celtas e dos germanos? Porventura, não eram tambem áricos os habitantes do Lacio e da Umbria? E, porventura, temos nós a certeza de que os gregos tinham olhos azues e cabellos louros? Ainda que seja possivel que elles hajam tido cranio allongado, como as minhas proprias mensurações me levam a crêr, a verdade é que qualquer pessoa lida na litteratura grega sabe que pelle branca, cabellos louros e olhos azues, foram, desde a mais remota antiguidade, muito raros e, por isso mesmo, muito notados entre os gregos.» Virchow depois satisfaz-se com o alludir á theoria d'Omalius d'Halloy e abstem-se muito prudentemente de discuti-la.

XIII

Foi também em 1874 que appareceu a segunda edição da obra de Hehn ácerca das plantas cultivadas e dos animaes domesticos. O auctor no prefacio zomba da hypothese da Latham; mas as suas zombarias, por mais espirituosas que possamos considerá-las, não valem um argumento serio. Deu-se o caso, escreveu Hehn, que na Inglaterra, nesta terra de extravagancias, um cerebro original se deixou seduzir pela idéia de transferir a residencia primitiva dos indo-europeus para a Europa; um professor de Goettingue, mercê de qualquer capricho, apropriou-se d'essa lembrança; um *diletante* espirituoso de Francfort collocou o berço da familia árica ao pé do Taurus e completou o quadro da seguinte forma.

As razões apresentadas por Hehn para appoio da theoria asiatica são bastante fracas e não apresentam nada novo. De resto, o autor eliminou completamente o seu prefacio das edições posteriores da obra.

Não se tem prestado attenção bastante a uma engenhosa memoria de Régis Géry, apresentada em 1875 ao *Congresso internacional das sciencia geograficas*. Baseando-se na passagem de Tacito ácerca da autochtonia das populações germanicas (1), Géry lançou mão da geologia para explicar as migrações dos indo-europeus do norte para sul. No começo da epoca quaternaria, a parte occidental do mundo antigo abrigava uma população muito densa, que adquirira, mercê dum clima favoravel, uma civilização assás desenvolvida; essa população eram os árias. Quando se deram os grandes frios da crise glaciaria, uma

(1) Tacito, Germania, iv.

pequena parte d'essa gente permaneceu nas regiões hiperboreas, a maior parte expatriou-se e chegou aos climas meridionaes. Toda a theoria de Penka se encontra em embrião neste curto ensaio, cuja redacção, infelizmente, é um pouco vaga, e cuja erudição é de empréstimo.

Apagada por alguns annos a discussão ácerca da origem dos árias, reapareceu em 1879, tendo sido Henri Martin quem de novo rompeu o fogo (1). «Considerada sob o aspecto linguistico, escreveu Henri Martin, a familia árica é uma ; para o criterio anthropologico é dupla, pois que ha árias morenos e árias louros. Qual d'estes dois ramos é que deu ao outro o sistema de linguas que chamamos áricas?» Topinard mostrou-se inclinado a *collocar o berço de todos os grupos louros, anteriormente ao periodo das linguas áricas, num ponto qualquer da Europa*. Um zoologo distincto, Piétrement, sustentou depois que a patria dos árias se deveria procurar no sudoeste da Sibiria, sendo o ponto de partida da sua these uma passagem d'um dos livros sagrados da Persia (2) que elle suppõe referir-se ao berço da raça. Diz esse texto: «O mais longo dia do verão é ahi igual a dois dos mais curtos dias d'inverno, a mais longa noite de inverno é ahi igual a duas das mais curtas d'inverno.» Ora, Piétrement affirma que este texto só pode designar o 49.º grau de latitude norte, o que nos leva á Asia central, ao districto de Alatan do actual Turquestão russo. Esta hipotese foi quasi a seguir combatida por Arcelin e por Harler. Este, um dos mais profundos conhecedores dos livros sagrados da

(1) *Revue des questions scientifiques*, janeiro, 1880.

(2) Harler, *Os aryas e sua patria primitiva*, na *Revue de linguistique* julho, 1880.

Persia declarou, como, já também fizera Bréal (1), que o Avesta não podia dar nenhuma indicação precisa, relativamente á patria primitiva dos árias.

No decurso da mesma discussão a sr.^a Royer apresentou a opinião seguinte (2)? «Que os celtas os germanos, e até os latinos, tenham vindo do oriente da Europa, admitto; creio-o mesmo. Mas, pelo contrario, todas as lendas, todas as tradições dos árias historicos da Asia, apresentam-nos estes como vindos do occidente. Quer dum lado, quer do outro, somos levados a procurar-lhes o berço commum para os lados do baixo Danubio, na Thracia pelagica, cuja lingua se ignora, e na penisula da Asia menor, onde em todos os tempos se teem succedido, substituindo-se ou misturando-se, povos essencialmente áricos.» Girard de Rialle affirmou que a *observação linguistica* contradizia positivamente a hipotese da origem europeia e accrescentou com mais razão que, se é certo que temos idéia nitida das linguas áricas, o *typo árico*, do qual constantemente se falla, nos falta completamente.

XIV

Alguns sabios trouxeram, em appoio da hipotese asiatica, a existencia de relações muito antigas e muito profundas entre as linguas semiticas e as áricas. As analogias lexicographicas são facéis de explicar por empréstimos, como, por exemplo, se dá com o latim *camelus* e o grego *kamélos* comparados com o arabe *djemel*. Houve, porém, a pretensão de se affir-

(1) Bréal, *Mélanges de mythologie et de linguistique*, pag. 194: «O Airyana Veda é um país absolutamente fabuloso.» cit 1.^a pag. 119. «Os livros Vedas são mina inestimavel para a mythologia comparada; teem o mais extraordinario valor para o critico que estude as religiões, mas o geographo pouco os poderá aproveitar e o historiador não pode tirar proveito nenhum.» (escrito em 1862.)

(2) *Bulletin de la Société d'anthropologie*, 1871, pag. 202-3.

mar que estas analogias, por assim dizer superficiais, não eram as unicas, e que a estructura grammatical das duas familias de linguas as apresentavam tambem. Delitzsch (1) e Hommel (2), dois orientalistas de primeira plana, combateram em prol d'esta these; mas, parece-nos, que não grangearam muitos partidarios. Temos, comtudo, o direito de, por este lado, esperarmos ainda surpresas; porque não devemos perder de vista que a proveniencia geographica dos semitas não está melhor estabelecida que a dos árias.

Ao passo que a mór parte dos sabios sustentam que os semitas vieram da Arabia, Kremer, notando que elles teem um nome commum para o camelo, mas não para a palmeira nem para o avestruz, colloca o berço das linguas semiticas entre o Oxus e o Iaxartes, isto é, na mesma região em que a theoria dominante colloca tambem o berço dos árias (3). Esta maneira de vêr é partilhada por Hommel, que a desenvolveu numa obra especial, *Os nomes dos mamíferos nos semitas meridionais*, 1879. Hommel é assás experimentado e erudito para querer tirar consequencias da *ausencia* duma ou outra designação commum no vocabulario das differentes nações semiticas, mas insiste com razão ácerca da existencia, na fauna semitica primitiva, de nomes de animais, que não se encontram ou que são muito raros na Arabia. A este numero pertencem o urso, o boi selvagem e a panthera, Hommel pensa que o tronco semitico primitivo se scindiu muito remotamente em dois ramos, um babilonico-assyrico, e o outro comprehendendo os syrios,

(1) F. Delitzsch, *Studien über indogermanischsemistische Wurzelverwandtschaft*, 1873.

(2) F. Hommel *Die Namen der Säugethiere bei den südsemistischen Voelkern*, 1879.

(3) A. von Kremer, em *Ausland*, 1875, n.ºs 1, 2, 4, 5.

phenicios e arabes. Como a vinha, a oliveira, a figueira, o damasqueiro e o camelo não tem designação commum no grupo syro-phenicio-arabe, Hommel admite que esses povos viveram juntos, antes da separação definitiva, na Mesopotancia, e que foi aqui, por exemplo, que o damasqueiro bravo se transformou em planta domesticada.

Se Hommel colloca d'esta maneira na Mesopotamia o ultimo alto dos trez povos semiticos meridionais, quando indivisos, está d'accordo com Kremer em determinar-lhes o *habitat* primitivo na Asia central, onde teriam estado em contacto com os árias. Na realidade, parece que se encontra um certo numero de termos de formas identicas e da mesma significação nas linguas áricas e semiticas; taes similhaças, na opinião do Hommel, recahindo sobre nomes de objectos muito usuais, só podem explicar-se pela hypothese dum *contacto prehistorico*. Os termos sobre que este sabio insistiu são os seguintes:

A'rico	<i>staura</i>	Semitico	<i>tauru</i>	touro.
»	<i>karna</i>	»	<i>qarmu</i>	cornos.
»	<i>gharata</i>	»	<i>harudu</i>	ouro.
»	<i>sirpara</i>	»	<i>tarpu</i>	prata.
»	<i>waina</i>	»	<i>wainu</i>	vinha (1).

Dois outros termos importantes se encontram simultaneamente no fundo primitivo das linguas áricas e na lingua dos sumires, que occuparam o valle do Euphrates antes dos semitas. Esses termos são :

A'rico	<i>rauda</i>	Sumir	<i>urud</i>	cobre
»	<i>paraku</i>	»	<i>balag</i>	machado (2).

(1) Johannes Schmidt não aceita nenhuma d'estas analogias. *Die Urheimath der Indogermanen*, 1898, pag. 7-9.

(2) Schmidt aceita estas duas analogias.

Hommel não hesita, pois, em chegar á conclusão de que os indo-europeus partiram da Asia central para iniciarem as longas migrações que fizeram. Mas qual foi o caminho por elles seguido na passagem da Asia para a Europa? Ha duas soluções possiveis, ou os árias costearam o sul do mar Caspio e atravessaram toda a Asia Menor, ou, tendo partido do Iaxarte e das margens do mar Aral, passaram entre o Ural e a margem septentrional do Caspio para alcançarem o Volga. Numa ou noutra d'essas vias, os futuros gregos e italianos podiam ter aprendido o velho termo significativo de *vinha* entre os habitantes das encostas do Caucaso, de quem tambem os semitas o tinham recebido (1). O segundo itinerario é mais harmonico com a verosimilhança historica, pois que, na realidade, o que sabemos de ethnographia anatolica não nos permite que acceitemos a veracidade duma migração tão importante como a dos árias, que se teriam escapado como *incognitos* através das regiões já muito povoadas da Asia Menor.

Os árias mais antigos d'esta região, phrygios e armenios, chegaram a esse ponto pelo oeste e não pejo leste, partindo da costa europeia da Thracia. Desde dois mil annos antes de Christo, a mór parte da Asia Menor, a Armenia, a Syria até á Palestina e a região montanhosa entre a Assyria e Babylonia por um lado, e a Persia por outro, eram habitadas por povos cujos restos são actualmente os caucasicos meridionais, georgios e mingrelios. Os avanços dos árias e a impulsão dos semitas tiveram por consequencia quebrar-se a massa de populações anáricas; parte d'estas fundiu-se com os recémvindos, sendo os outros impellidos para os lados do Caucaso. Na opinião de Hommel, essas

(1) Cfr. Hommel, *Archiv fur Anthropologie* 1864, tom. XX, supplemento, pag. 163 e seg.

mesmas populações anáricas occupavam primitivamente não só a Asia Meridional, mas quasi toda a Europa meridional até á Hespanha, onde o basco, aparentado com o georgio, é ainda o testemunho vivo d'esse facto. A aceitarmos a opinião de Hommel, hetheus, pelasgos, etruscos e ligures pertenceriam á mesma camada ethnica, que os árias invasores sobrepujaram, quando a não aniquilaram completamente (1).

XV

Em 1878, o professor de Iena, Theodoro Poesche (2) tentou um ensaio brilhante e extraordinario de *sintese proto-árica*. Partindo d'esta hipotese, indemonstrada e indemonstravel dos árias terem sido uma raça de homens louros e de estatura elevada, Poesche affirmou que o berço dos árias deveria procurar-se não a sudéste, como Benfey pretendia, mas sim a oéste da Russia actual, na região dos immensos paúes de Rokitno, inundados pelo Pripet, Berzina e Dnieper

Mainow, sabio russo, referira no Congresso internacional de geographia, realisado em Paris, em 1875, que o albinismo, isto é a ausencia de pigmento na pelle e nos cabellos, era muito frequente na região dos paúes de Rokitno. A estada dos árias primitivos nesta região explicava, na opinião de Poesche, a brancura da tez; explicava tambem o motivo de na Italia do Norte terem os árias conservado o costume de construirem as suas casas sobre estacarias, ainda

(1) Hommel, *Archiv. fur Anthropologie*, 1891, tom. xix, pag. 260. O padre Cara apresentou e desenvolveu idéias analogas, na *Revue archéologique*, 1892, t. p. 136.

(2) Th. Poesche, *Die Arier*, 1878.

que a natureza do solo não exigisse construções tais. Finalmente Poesche insistia, depois de outros, sobre os caracteres da lingua lithuania que, sob certos pontos de vista, é mais vizinha da lingua mãe indo-europeia que o proprio samscrito vedico. Acrescentava ainda que os árias primitivos não conheciam a equitação, tambem desconhecida dos heroes de Homero, facto este que seria inexplicavel se o *habitat* primitivo dos árias houvera sido a vasta charneca ondulada da Russia oriental.

O livro de Poesche produziu certa impressão e, mais do que os trabalhos de sabios como d'Omalius e Benfey, contribuiu para vulgarizar no publico lido a idéia de que a theoria asiatica de Pictet passara á historia.

O director do museu de Moguncia, Lindenschmit, manifestou-se muito claramente no mesmo sentido, em 1880, no prefacio do *Manual das antiguidades germanicas* (1). Aos argumentos negativos apresentados antes d'elle contra a theoria de Pictet, acrescentou na esteira d'Omalius, embora sem citar este auctor, o de que as antigas invasões historicamente conhecidas, haviam seguido, na maioria, a marcha do occidente para oriente e não a inversa. Assim, por exemplo, a inscripção de Karnak dá-nos a conhecer, no seculo xiv antes de Christo, uma expedição de povos do occidente contra a Europa; mais tarde vemos os celtas cahirem sobre a Italia, Grecia e Asia menor; os scithas invadem a Asia Menor e a Persia, os godos descem do Baltico para o mar Negro. Os indo-europeus da Europa conservaram até hoje a mesma força expansiva, ao passo que as suas colonias da Per-

(1) Lindenschmit, *Handbuch der deutschen Alterthmskunde*, tom. I: 1880-1889.

sia e da India, misturadas com raças diferentes e menos bem dotadas, perderam completamente o gosto pelas emigrações longinquas e pelas conquistas por assimilação.

De passagem mencionamos um trabalho de von Loeher, publicado em 1883 nos *Relatorios* da Academia de Munich. Loeher chamou a si a theoria de Geiger, fazendo da Allemanha, *lato sensu*, o lar primitivo da raça indo-europeia. Alguns annos depois, o mesmo auctor foi mais longe; identificou o *povo dos dolmens* com os germanos e mostrou-nos esses *wikings prehistoricos* deixando vestigios da sua passagem por toda a parte em que se averiguou a existencia de megalithos. Isto representa, com rotulo novo, uma regressão offensiva da velha *cellomania*, facto este sobre que não pode haver illusões.

XVI

Os progressos da anthropologia e a vulgarização dos seus resultados, devidos em parte á serie dos *Congressos internacionais* de 1867 a 1880, tiveram por consequencia o interessarem cada vez mais os cultores d'esta sciencia na solução dum problema cuja incognita havia muito fôra confiada aos linguistas. Infelizmente, é muito raro, senão caso sem exemplo, que alguém se distinga ao mesmo tempo em dois dominios scientificos tão differentes como são a anthropologia e a linguistica. Deste facto provêm o caracter de dilletantismo scientifico, raiando ás vezes por peiores regiões, que distingue os dois aliás importantes trabalhos de que nos vamos occupar. São obra do professor dum gymnasio de Vienna, Penka, e foram

publicados em 1883 e 1886, subordinados aos titulos de *Origines ariacae* e *Origem dos árias* (1).

Quando Poesche já estabelecera como principio que os árias primitivos eram altos e louros, Penka julgou-se auctorizado pela craniologia e accrescentar que eram *dolicocephalos*, isto é que tinham o cranio alongado. Levado por esta ideia, vai procurar o berço dos árias na região onde cabeças compridas e louras, assentando sobre corpos elegantes, são em maior numero actualmente, ou seja na parte meridional da Suecia. Mas surgiu desde logo uma grande difficuldade, qual foi a de que, na epoca mais remota em que se averiguou a existencia do homem na Europa, a Suecia havia sido completamente deshabitada, por isso que tanto essa região como a Dinamarca e a parte septentrional da Allemanha se encontravam cobertas duma espessa camada de gelo que tinha por centro o circulo polar. Estas regiões não deram nenhum d'esses instrumentos de pedra lascada, que se encontram nas antigas alluviões do Tamisa, do Somma e do Sena, ou nas cavernas da Inglaterra e da França habitadas na epoca do mamúth e do urso. Se accettassemos, pois, que a Suecia fôra a patria dos árias, teriamos tambem de admittir que os árias só ali chegaram quando os gelos se haviam retirado para o norte; ou seja na epoca que na historia da industria corresponde ao uso da pedra polida e á erecção dos dolmens. Tal é o romancinho prehistorico gizado pela imaginação de Penka.

XVII

O genero humano, é Penka quem falla, appare-

(1) K. Penka *Origines ariacae*, Vienna, 1883; *Die Herkunft der Arier*, Vienna, 1886.

ceu na Europa central no primeiro periodo dos tempos terciarios, ao qual, desde Lyell, se dá o nome de *mioceno*. Era então a Europa central uma região agradável de habitar, na qual a primavera pompeava soberanamente, *ver erat aeternum*, como no paraizo da idade de ouro cantado por Vergilio. Mas as geadas da epoca glaciaria approximavam se, envolvendo com uma calote de gelo primeiro as regiões polarês, e depois as circumpolares, como a Escandinavia e o norte da Allemanha. Sabe-se que esse desenvolvimento das geleiras cerca do fim da epoca terciaria é hoje um dos factos melhor assentes da sciencia, muito embora as causas do phenomeno continuem para nós obscuras ⁽¹⁾. Ameaçados pelo frio, quasi todos os homens se deslocaram e alcançaram, uns a Africa, outros a Asia, com o intuito de encontrarem temperaturas mais suaves. Só os antepassados dos árias, gente cheia de coragem ou pouco friorenta, ficaram na Europa occidental, passando ali os longos seculos da epoca glaciaria. D'este facto, resultou que o clima rigoroso em que viviam, produziu acção benéfica na sua compleição physica; tornaram-se louros, pois, segundo parece, o frio torna os animais louros, sendo devido tambem á acção do frio o facto dos ursos serem brancos nas terras polares; os olhos dos árias tomaram a côr azul, a estatura augmentou-lhes em proporção bastante grande, e os cranios alongaram-se, parecendo que o frio alonga tambem os cranios. Quando, no começo da era actual, os animais caçados pelos proto-áricos, principalmente o rangifer, emigraram para o norte para evitarem o calor, os árias seguiram a sua caça predilecta. Fixaram-se nas costas da Dinamarca onde se desenvolveu a civilisação, de que nos dão testemunho

(1) Veja Antiquidades nacionais, tom. 1, pag. 30 por Salomão Reinach.

os restos de cozinha, acumulados sobre a forma de montículos, e aos quais os archeologos do norte deram o nome de *kjoekkenmoeddinger* (1). Esta civilização, na qual, á falta de animais domesticos, se encontra o cão, teria sido a intermediaria das epochas paleolithica e neolithica. Os animais e as plantas, cujo conhecimento a linguistica attribui aos árias indivisos, teriam sido precisamente aqueles que se encontram nos países escandinavicos. Seria ahí tambem que se encontrariam nos famosos restos de cozinha os instrumentos de pedra que formam a transição da pedra lascada para a pedra polida.

De resto, em toda a parte, não ha transição, mas *hiatus*; a civilização dos caçadores de rangiferes desaparece bruscamente para, muito tempo depois, ser substituida pela civilização neolithica, que desde a sua aparição se nos apresenta com todos os caracteres proprios e só pode ser resultante duma importação.

Ha nisto uma accumulção de erros materiais e de inverosimilhanças. A mais saliente é a de que os proto-árlicos de Penka seguiram o rangifer para o Norte, não se tendo precisamente encontrado nenhum osso de rangifer nos immensos depositos de *kjoekkenmoeddinger*! Deixam os proto-árlicos um bello país, no qual a archelogia prova estar immensamente propagado o veado, para irem alimentar-se de mariscos nas costas brumosas da Dinamarca! E' extraordinario de invoresimilhança; mas continuemos, sem nos entretermos com minucias, a exposição do sistema de Penka.

Ao passo que os proto-arias se deliciavam com os mariscos em companhia do cão, que acabavam de do-

(1) O melhor trabalho francês sobre *Kjoekkenmoeddinger* foi publicado por Beauvois na *Revue Contemporaine*, julho 1863 e seg.

mesticar, a Europa occidental, transformada em ermo, attrahia novos habitantes. Primeiro vieram imigrantes do suêste, gente morena de cabeça comprida, que Penka identifica com a chamada raça de Cro-magnou, mercê duma caverna das margens do Vezère onde, em 1868, foram encontrados alguns esqueletos. Esta gente povouou não só a Hespanha e a Gallia, mas ainda a Italia, a Sicilia e a Grecia; a Africa do Norte entrava tambem nos dominios d'esta raça poderosa, da qual os proprios semitas são um ramo. Simultaneamente chegava de léste uma raça mongoloide de cabeça redonda e pelle escura. As duas raças encontraram-se e litigaram no solo da França e da Belgica.

Foi então, no meio dessas lutas entre individuos morenos, uns de cabeça comprida e outros de cabeça redonda, que reapareceram na Europa central os árias louros. Estes submettem todas as povoações inferiores que encontram, impõem-lhes a civilização e a lingua que traziam da Escandinavia, onde então preponderava a pedra polida e se elevavam monumentos megalithicos. Mas quanto mais o elemento árico se affasta do seu foco septentrional, tanto mais as suas qualidades nativas vão desaparecendo em resultado de misturas com elementos estranhos. Foi assim que se formaram os povos e as linguas de que temos conhecimento directo. Os eslavos são mongois arianizados; os gregos são semitas pelasgicos, que aprenderam uma lingua árica. Outros árias perderam a sua lingua, mas conservaram o *habitus* physico num clima que lhes era favoravel, e esses são os finlandeses.

Dos argumentos extrahidos por Penka da *paleontologia linguistica* ha alguns que, desarrazoadamente, foram elevados ás nuvens como decisivos. Começando pelo reino animal, Penka insiste na identidade de nome da enguia em latim, grego, lithuano e eslavo;

a verdade, porém, é que este animal parece não existir no mar Negro, no mar Caspio e nos rios que a esses mares vão desaguar. A isto pode responder-se que o nome de enguia significa *serpentezinha*, que a serpente era extremamente familiar aos indo-europeus indivisos e que, por consequencia, a identidade duma designação d'este genero não prova de nenhum modo que os árias hajam conhecido a enguia antes de se terem separado. O nome da ostra encontra-se em grego, latim, celtico e eslavo, mas é muito provavelmente uma palavra d'emprestimo. No reino vegetal, Penka insiste muito no nome da faia que é commum nas linguas europeias; mas esta arvore não se encontra na Europa oriental além d'uma linha que vai de Koenigsberg à Crimeia. Ora isto só provaria qualquer cousa, no caso da faia não apparecer na Asia; mas provou-se a sua existencia na Asia menor e ao sul do mar Caspio. O mesmo acontece com o vidoeiro, *birch, birke, etc.*, a unica arvore cujo nome é commum em toda a familia das linguas áricas; nada tem privativa da Europa e foi encontrada nos planaltos da Asia. O nome do pinheiro parece ser commum apenas ao grego e samscrito. Resumindo, como Schrader demonstrou, tudo quanto podemos concluir do estudo da fauna indo-europeia é que os árias indivisos conheciam os animais domesticos, mas que não conheciam ainda as aves de capoeira, por isso que o unico nome de ave commum a todas as linguas áricas é o do pato. O estudo da flora mostra que os nomes de arvores communs ás linguas da Europa e da Asia são mui pouco numerosos, ao passo que as concordancias são muito frequentes no grupo europeu. Tudo isto auctoriza-nos a inferirmos que os árias indivisos habitaram uma região pouco arborizada, terra de charnecas e pastagens e que só o grupo europeu se viu em presença de grandes florestas.

Um dos mais auctorizados sabios da Inglaterra, Sayce, foi o primeiro a dar ao sistema de Penka a sancção do seu alto e valioso appoio (1). Sobre o assumpto manifestou-se bem claramente o illustre sabio no congresso da Associação britannica reunido, em 1887, em Manchester (2). A critica, porém, em geral, manifestou-se reservada, para não dizermos hostile (3), não tendo grande trabalho para provar a Penka que eram imperfeitos os conhecimentos que elle tinha de archeologia e que em linguistica produzira um verdadeiro acervo de heresias. Todavia o seu segundo livro é de leitura tão attrahente, traduz convicção tão profunda, que, não obstante todos os seus defeitos, produziu grande impressão. Desde que essa obra appareceu, nunca mais a questão da origem dos árias deixou, um momento que fosse, de estar na ordem do dia da sciencia.

XVIII

W. Tomascheck, um dos que com mais competencia criticaram Penka e Pesche, insistiu na necessi-

(1) Sayce, *The Academy*, 25 de junho 1887, pag. 452. Na segunda edição dos *Principios de philologia comparada*, Sayce ainda admittia que os árias provinham do Hinducôs e tentava assentar que os árias occidentais entraram na Europa por caminho que os levou para o norte e não para o sul. Foi, pois, pela Russia, diz Sayce, que os árias penetraram porventura na Europa e podemos encontrar um reflexo do caracter frio e brumoso da região que os emigrantes tiveram de atravessar no facto do pinheiro e do salgueiro serem as unicas arvores de cujos nomes os árias europeus se lembravam depois das migrações.

(2) Sayce, *Report of the British association for the advancement of science*, 1887, pag. 889.

(3) Ferd. Justi foi na Allemanha o unico, por assim dizer, que se declarou convencido, *Berliner philologische Wochenschrift*, 1884 pag. 39; 1887 pag. 564.

dade de se collocar o berço dos árias na Europa oriental, mercê das relações existentes entre as linguas áricas e finlandesas. Tomascheck asseverou até que provava, pelo estudo da lingua dos Mordwas no medio Volga, que a mór parte dos árias, e particularmente os que fallaram o lithuanio e o samscrito, haviam noutros tempos habitado a mesma região (1). Infelizmente, qualquer que seja a theoria que admitamos, o certo é que os povos ugro-fineses foram durante seculos limitrophes dos eslavos, celtas, germanos e iranios, sendo, portanto, sempre possível explicarem-se por empréstimos, relativamente recentes, as analogias que se reconhecem nas linguas áricas e finlandesas. Taylor insistiu muito nestas analogias; mas a maior parte das que fez valer no vocabulario são meras illusões ou resultantes do acaso (2), facto este perfeitamente demonstrado por Schrader, professor da Universidade de Iena (3). Um exemplo, tomado d'entre muitos, é essencialmente elucidativo na demonstração do perigo das especulações linguisticas d'esta natureza. Taylor approximou o finlandês *hepo*, que significa cavallo, do grego *hippos* que tem o mesmo significado. Mas *hippos* corresponde ao samscrito *açva*, ao latim *equus*, e a forma d'esta palavra na lingua mãe indo-europeia parece ter sido *ekvos*. Portanto, se a analogia entre *hepo* e *hippos* não fôr meramente fortuita, deve explicar-se por empréstimo de não grande antiguidade.

Em 1884, 1885 e 1888, Carlos de Ujfalvy, o pa-

(1) Tomascheck, *Zeitschrift für oesterr. Gymnasien*, tom. xxix, pag. 589; *Literaturblatt für orientalische Philologie*, tom. 1, pag. 133., conf. *Ausland*, 1883 pag. 701.

(2) Taylor, *Journal of the anthropological Institute*, fevereiro, 1888.

(3) Schrader, *Sprachvergleichung*, 2.^a ed., pag. 146.

dre van den Gheyn e Müller (1) quebraram successivamente lanças em prol da velha theoria asiatica, igualmente defendida por Hommel, como já tivemos occasião de dizer. O padre van den Gheyn inclina-se para a opinião de Pictet, mas critica habilmente os livros de outros auctores, de preferencia a emittir opiniões proprias. Max Müller contenta-se com o dizer hoje que o berço dos árias foi em qualquer parte *da Asia* e diz que nunca o precisou. Ujfalvy, que tem sobre os contradictores a superioridade de conhecer directamente a Asia central, affirma que ainda hoje ahi se encontram dois tipos, um pequeno e de cabeça redonda, outro grande e de cabeça comprida, cujos representantes fallam linguas áricas. Similhante affirmacão serve para contraditarmos a hypothese gratuita dum tipo árico uniforme, admittida por Poesche e Penka, e contra a qual por mais duma vez Virchow se insurgiu.

O sistema de Penka foi vulgarizado na Inglaterra por um professor da Universidade de Liverpool, Rendall. O livro por este publicado com 1889, intitulado *O berço dos árias*, expõe a questãõ um clareza e prudencia, mas não apresenta idéias pessoais. O mais curioso, porém, é que uma theoria tão bem feita para lisongear o amor proprio dos escandinavos haja sido, em regra, engeitada pelos sabios do norte, pois que Montelius e Sophus Müller não appoiaram os modos de vêr de Penka.

XIX

Em França foi o auctor da presente obra o primeiro que deu a conhecer, na *Revue critique*, tom. 1,

(1) Carlos de Ujfalvy, *Le berceau des Aryas*, 1884; Van den Gheijn, *A origem europeia dos Arias*, 1885; Max Müller, *Biographies of words and the home of the Aryas*; 1888; *Three lectures on the science of language*. 1889.

pag. 483-490, de 1887, as idéias de Penka, não se julgando muito severo ao qualificar semelhante sistema de romance. Lapouge, professor de Montpellier, dois annos mais tarde, apresentou opiniões absolutamente contrarias, pois que, em seu modo de vêr, fôra de Penka e do penkismo não havia salvação possível para os estudos anthropologicos. Algumas das asserções que apparecem na memoria apresentada por Lapouge, foram contestadas por d'Acy; além d'isso Lapouge manifesta-se como um inexperiente na utilização dos testemunhos historicos, pelo que não ha nenhuma conveniencia em nos occuparmos d'elle por mais tempo.

Em 1889, precisamente no mesmo anno em que appareceu a memoria de Lapouge, a questão da origem dos árias tornava a entrar na Sociedade de anthropologia de Paris. Lombard desenvolveu muito a theoria de Penka, mas, por uma distracção singular, esqueceu-se de indicar o nome do auctor de cujas idéias tão cavalheirosamente se apropriara. Clemence Royer lembrou com toda a razão que fôra ella a primeira a protestar contra a theoria da origem asiatica, criada por linguistas que nenhuma noção tinham de anthropologia. E, ainda com toda a razão, accrescentou que todas as objecções levantadas contra o planalto do Pamir, considerado como berço dos árias, se podiam igualmente applicar *a fortiori* contra a Escandinavia. O bibliothecario do Museum, o sabio Deniker, apresentou sobre o assumpto observações interessantissimas. Assim, escreveu: «Depois de se haver feito representar ao Pamir um papel muito importante como patria primitiva dos árias, levanta-se hoje contra esse mesmo Pamir grande opposição á idéia de ser considerado o lugar de origem de certas raças. Todavia, é certo que a maior parte das raças da Asia parecem ter tido o ponto de origem na

vizinhança d'este planalto. Se o planalto é deshabitado e é mesmo inhabitavel numa grande parte do anno, sendo no resto do anno habitado apenas por algumas miseraveis tribus nomadas, a verdade é que em torno do planalto ha populações muito sedentarias. A patria primitiva dos chinezes agricultores é nos annais chinezes collocada a suéste do planalto, no recanto sudoéste do Turquestão oriental,

As principais tribus turcas partiram do flanco oriental d'este planalto, voltando a elle pelos contrafortes do norte e do oéste. As tribus agricolas iranicas habitaram, desde os tempos mais remotos, a vertente occidental das regiões pre-pamiricas e os indo-árias ainda hoje occupam o rebordo meridional do Pamir.»

Clemence Royer, retomando as ideias que já em 1873 emittira, accentuou que, na epoca geologica immediatamente anterior á era actual, ainda não existia o Mediterraneo occidental, que um outro mar, que cobria o Sahará de hoje, estabelecia as communições do Atlantico com o Mediterraneo oriental pelo estreito de Gabés, então muito largo, e cobria, porventura, uma parte da Lybia cyrenaica, ou a Tripolitana de agora. Esse mesmo mar, do qual o isthmo de Suez era um estreito, alargava-se ao oriente pelo deserto da Syria e bacia do Euphrates até ao Caspio, commuicando depois com o Mar Negro ao norte do Caucaso e continuando pela bacia do Obi até o mar Polar.

A Asia estava então profundamente separada da Africa negritica, bem como da Europa; á qual, pelo contrario, estava ligada a peninsula da Anatolia, que até ao macisso do Caucaso constituia um prolongamento da Europa junto do macisso dos Balkans. E' nesta região, então insular, que, na opinião de Clemence Royer, se deve procurar o berço dos árias; estes espalharam-se, sem duvida, pela Europa occiden-

tal, alguns milhares dè annos antes de se estabelece-rem no planalto de Persia. A patria da raça árica é a ilha *balkano-caucasica*; de resto, esta raça differença-se completamente da raça loura europeia que, porventura, desde a epoca quaternaria, occupou o centro da Europa.

Royer, que foi dos primeiros sequazes do darwinismo em França, não deixou nunca de combater a chamada these monogenica sustentada vigorosamente por Quatrefages, these segundo a qual toda a especie humana teria irradiado dum só centro, seguindo assim a idéia que gozou de favor durante toda a idade media e que se attribue, muito provavelmente sem razão, ao redactor do *Genese* biblico. Se, como Elisen Reclus, na esteira de Royer, admittiu, a Europa, a Asia e a Africa transahariana estavam separadas durante o periodo quaternario, seria difficillimo, na falta de qualquer dado sobre a existencia do homem terciario, acceitar que as raças humanas houvessem divergido dum centro commum. Royer manifestou-se abertamente contra esta maneira de ver, em seguida á sua interessantissima conferencia ácerca da origem dos árias. «Em summa, diz Royer, todos os grupos ethnicos estão hoje pouco mais ou menos nos mesmos logares em que nasceram; e todos os povos que desapareceram, quaisquer que tivessem sido as suas conquistas, foram morrer ao logar que lhes serviu de berço, não sem deixarem alguma cousa do seu typo aos povos que em periodo d'expansão lhes succederam nos mesmos logares. Quer isto dizer que os povos mudam de nome e, por vezes, de linguagem pela conquista; mas, desde que se não dê uma destruição total immediata, nenhum povo morre sem deixar vestigios do seu sangue na nação que politicamente lhe succede nos mesmos logares, emquanto ás condições climatericas persistirem as mesmas.»

Tudo isto é absolutamente exacto, mas em nossa opinião é preciso ir por este caminho mais longe ainda do que foi Royer. O que chamamos raça é o producto de acções complexas que conglobamos na designação de *meio*. Homens de determinada raça, partidos em pequeno numero do seu país de origem, podem conquistar vastos territorios povoados por uma raça differente; mas, se esta conquista tem, às vezes, como resultado a assimilação moral do maior numero á minoria vencedora, a verdade é que anthropologicamente ao grande numero cabe a victoria. Portanto, se, o que de nenhum modo está provado e nem sequer é verosimil, os conquistadores áricos apresentavam typo physico uniforme; ha dezenas de seculos, porém, que esse typo desapareceu, modificado nos differentes países arianizados pelo typo da população indigena. Fallar-se duma *raça* árica de ha tres mil annos, o mesmo é que emittir uma hipotese gratuita; fallar d'ella, como se ainda hoje existisse, o mesmo é que proferir muito simplesmente um absurdo.

XX

Em 1888 reuniu-se em Paris, sob a presidencia de Monsenhor d'Hulst, um congresso scientifico internacional dos catholicos, no qual o padre van den Gheyn fallou largamente da questão árica, sendo o seu trabalho publicado em 1889, juntamente com outras memorias apresentadas ao congresso. Van den Gheyn começou por dar uma summula historica da questão, referindo-se tanto ás investigações da linguistica como ás da anthropologia; depois, entrou na analyse critica dos argumentos linguisticos, anthropologicos e geographicos favoraveis á origem europeia dos

árias. A conclusão que apresentou era muito reservada. «Se, escreve van den Gheyn, a hipotese da origem asiatica não está provada peremptoriamente, nada ha, comtudo, que se oponha a que a acceitemos.» Por outro lado, Gheyn pensa que a hipotese europeia *não se baseia em nenhuma prova convincente*. No estado actual dos nossos conhecimentos, difficil seria fallar-se d'outra forma; todavia, cedendo a uma antipathia bem legitima pelas phantazias de Penka, o padre van den Gheyn manifestava-se un tanto severo contra a hipotese europeia, liberta do que poderiamos chamar o romance escandinavo. Em abril de 1890 na *Revista das questões scientificas* de Lovaina, van den Gheyn modificava a sua attitude sobre o assumpto e declarava-se prompto a acceitar a solução de Tomaschek e Schrader, que collocam a patria dos árias no suéste da Russia europeia, no curso médio do Volga. «Todavia, continuou van den Gheyn, algumas das provas dadas por Schrader a favor da Europa septentrional explicar-se-hiam igualmente na hipotese que collocasse os primeiros estabelecimentos áricos um pouco mais ao sul para além do Caspio, perto do Oxus e do Iaxartes, porquanto persistimos em pensar que é necessario dar-se uma explicação do contacto que, não obstante o que se tem dito, é tão perceptivel entre os árias e os semitas como entre os árias e os finlandeses.»

XXI

A obra de Schrader, á qual se allude na citação precedente, é a segunda edição, muito augmentada e completamente refundida, publicada em 1890, em Iena, dum volume intitulado *Comparação das linguas*

e *historia primitiva*, cuja primeira edição appareceu em 1883 ⁽¹⁾.

Schrader é um linguista; a anthropologia e a archeologia prehistorica figuram no seu trabalho apenas como auxiliares, e auxiliares que inspiram alguma desconfiança a quem os emprega. O objectivo principal de Schrader, sabio tão consciencioso quanto bem informado, foi o de refazer a grande obra de Pictet sobre um plano, sem duvida menos vasto, mas no qual tirava partido dos elementos fornecidos para a comparação dos vocabularios pela grammatica comparada e pela phonetica. Ninguem ao corrente das difficuldades d'este assumpto se admirará de que Schrader haja deixado escapar alguns erros e se tenha deixado arrastar por algumas combinações arriscadas, e não era preciso que um professor de Gies-sen, von Bradke, houvesse escripto um volume de 350 paginas para provar que Schrader... não era infallivel! ⁽²⁾ De resto, a critica pesadona e pedante de von Bradke apenas recahe sobre a primeira edição da obra de Schrader e a forma mais que extravagante com que é feita não é de molde a recommendá-la á attenção dos que por estes assumptos se interessam.

Schrader, na primeira edição, fizera uma simplez exposição de factos, abstendo-se de tirar d'elles quaisquer conclusões; na segunda, porém, mostrou-se mais ousado. Embora refute as illusões de Penka, Schrader mostra-se inclinado a acceitar, de accordo

(1) Otto Schrader, *Sprachvergleichung und Urgeschichts*, 2.^a ed., 1899. No appendice de *La Gaule avant les gaulois*, 2.^a ed., pag 307 — 322, 1891, de Bertrand, Salomão Reinach apresentou um resumo muito completo da obra de Schrader.

(2) Bradke *Ueber Methode und Ergebnisse der arischen Alterthumswissenschaft*, 1890.

com Tomaschek, que se considere berço dos árias a Russia meridional e oriental.

Schrader teve o merecimento de fazer sobresahir as analogias incontestaveis da civilização dos árias indivisos com a das estações lacustres da Suissa pertencentes á primeira epoca do metal, no limite da epoca neolithica. Para elle, os constructores das palafitas helveticas foram provavelmente um ramo da familia árica, que teria subido o curso do Danubio. O que sobretudo o impressiona é o facto dos árias indivisos terem vivido em carros (1) e terem conhecido apenas magra vegetação florestal, quando, no grupo europeu das linguas áricas, as designações communs de arvores são assás numerosas. Deste facto conclue-se que o *habitat* dos árias, antes de se separarem, deveria ter sido uma região de charneças, sendo a unica, que como tal podemos considerar, precisamente a extensa are que vai do Caspio ao Mar Negro. Esta explicação tem ainda a vantagem de justificar as analogias que se notaram entre as linguas áricas e as finlandesas (2).

Nas minucias, o livro de Schrader é principalmente a refutação methodica do de Pictet; tem por objectivo capital provar que as condições dos árias indivisos eram muito mais vizinhas do estado primitivo do que suppusera o sabio genebrès. Emquanto

(1) O samscrito possui um termo analogo ao allemão *wagen*, carro; havendo tambem nas duas linguas termos communs para a roda e para o jugo, mas não para os raios da roda. Os carros áricos eram de rodas macissas como os *plaustra* romanos e os vehiculos dos marcomanos representados nos baixos relevos da columna Antonina.

(2) Schrader reconhece, todavia, que a ausencia do urso nas charneças suggere difficuldades, visto que o nome d'este animal era commum ás linguas áricas.

este concebe os árias como moldados nos herois de Homero, Schrader vê nelles homens cujas armas e utensilios eram quasi exclusivamente de madeira ou de pedra ⁽¹⁾ e que dos metais só conheciam o cobre ⁽²⁾. Em vez de os considerar na posse de todos os animais domesticos, é para elle ponte litigioso saber-se se conheceram o cavallo a não ser no estado semi-selvagem; numa palavra, Schrader reage energeticamente contra a tendencia, por muito tempo dominante na Allemanha, de se apresentar a raça indo-europeia primitiva sob as côres mais brilhantes. Neste ponto, pode dizer-se que o livro de Schrader destruiu de vez uma illusão já muito antiga, tornando absolutamente impossivel a regressão ás phantasiosas e optimistas ideias de Pictet.

No mesmo anno, um habilissimo compilador e organizador de materiais linguisticos e archeologicos, Taylor, publicou em Londres um apreciavel volumezinho intitulado *A origem dos árias*, que vale bem mais a pena vulgarizar do que a grande obra de Schrader menos accessivel ao grande publico. Taylor é da opinião de Schrader, cuja exposição segue com toda a fidelidade; mas, as invêz do sabio allemão, não despreza os dados anthropologicos e não hesita em embrenhar-se no obscuro cahos da ethnographia primitiva da Europa, guiado pela comparação dos

(2) O allemão *hammer*, martello, é identico ao eslavo *Kameni*, pedra; o allemão *sax*, faca, é a mesma palavra que o latim *saxum*, pedra.

(3) Latim *aes*, gothico *aiz*, samscrito *yas*. A partir de Pictet attribuiu-se geralmente aos árias o conhecimento do bronze, o que parece difficil sustentar-se hoje. Em diferentes países a archeologia tem provado que o emprego do cobre puro succedeu ao da pedra polida e precedeu o do bronze. O punhal primitivo *asi* em samscrito e *ensis* em latim era de pedra ou de cobre.

crânios prehistoricos ou como taes considerados. Taylor admite na Europa occidental, na epoca neolihica, a existencia de quatro typos humanos, o pequeno de cabeça comprida, o grande de cabeça curta, o grande de cabeça comprida e o pequeno de cabeça curta. No primeiro typo colloca os iberos, no segundo os celtas, no terceiro os escandinavos e, finalmente, no quarto os ligures. Destes quatro typos, os celtas são os unicos que são árias; os outros foram *arianizados* pela conquista. Perguntamos, porém, porque é que os quatro typos não teriam sido igualmente arianizados sobre a acção de invasores pouco numerosos, cujo typo particular, se é que o tinham, deveria ter sido absorvido nas populações ambientes; mas a discussão do sistema de Taylor que, sob muitos pontos de vista, não é mais do que a combinação das ideias apresentadas por Thurnam, Broca e Quatrefages, levar-nos-hia muito longe. O conhecimento que temos dos typos craniologicos da epoca da pedra polida é ainda tão rudimentar que é um verdadeiro excesso de temeridade quereremos distinguir nella quatro typos e quatro raças, nem mais nem menos uma. Representam asserções taes sintheses provisórias que, fixando idéias podem ser uteis para o progresso da sciencia, mas que serão sómente nocivas, se lhes attribuissemos character severamente scientifico que, na realidade, não teem.

Já vimos que Taylor fez dos árias um ramo dos finlandeses. As suas conclusões sobre o assumpto apoiavam-se em considerações linguisticas, cuja fragilidade mais duma vez tem sido posta em evidencia. Tudo quanto hoje se pode dizer é que as linguas finlandesas e áricas estiveram, porventura, em contacto muito remotamente.

Pelo que diz respeito á communidade d'origem, á identidade primitiva, nada ha mais que hipoteses

absolutamente indemonstráveis e que resistem menos á critica do que a hipotese da origem commum de semitas e árias.

XXII

Publicando, quasi nos fins de 1889, a sua interessante *Introdução ao estudo das raças humanas*, Quatrefages manteve resolutamente a opinião antiga que procurava collocar a *Aryana primitiva* no curso superior do Syr-Daria, razão esta de parecer a obra muito anterior á data que traz estampada, tanto mais que Quatrefages não teve em nenhuma conta os ultimos trabalhos dirigidos contra a hipotese de Pictet. O que, todavia, devemos aproveitar d'esse livro é a affirmação, auctorizada por tão competente anthropologista, da dualidade do tipo árico. Cabeças compridas e cabeças curtas teriam coexistido nas tribus áricas indivisas, facto este que explica o de se encontrarem os dois tipos cephalicos nas populações áricas da Europa. «Factos d'esta natureza se tem dado entre nós desde a epoca neolithica. Reproduziram-se na idade de bronze, porque, se os brachicephalos, cabeças redondas, levaram o metal para Inglaterra, foram os dolicocephalos, cabeças compridas, que o introduziram na Escandinavia. Encontrar em nossos dias os dois tipos justapostos, centralizados e mais ou menos fundidos, é cousa que nada nos deve admirar.»

O tipo de cabeça redonda é hoje representado sobretudo pelos baixo-bretões, auvernheses, saboianos, croatas e tadjiks do planalto central da Asia; para Quatrefages são esses individuos descendentes da mesma raça celtica, á qual porventura se ligam os ligures. Os cabeças compridas dominam, desde cerca do quarto seculo antes de Christo, no Danubio, na Allemanha do norte e na Escandinavia; pertencem a

este tipo os hellenos, persas e indús das castas superiores. Tal é, em rapido resumo, a divisão dos dois tipos cephalicos considerados áricos por Quatrefages.

XXIII

Johannes Schmidt, com quem já travámos conhecimento quasi no inicio d'esta obra, leu, em 1890, na Academia de Berlim uma notavel memoria ácerca da origem dos árias (1). Passando em revista as theorias que nos ultimos annos sahiram contra a hypothese bactriana de Pictet, Schmidt esforçou-se por provar que os argumentos, em que tais theorias se baseiam, carecem absolutamente de solidez. Linguista eminente, Schmidt não pode deixar de ser severo para com um amador um tanto superficial como Penka; foi, porém, menos feliz nas objecções que fez á obra tão sensata de Schrader se bem que nesta materia seja mais commodo criticar do que construir. Quando Schmidt chega á exposiçãõ da soluçãõ que encontrou para o problema, ficamos admirados do pouco valor dos seus argumentos, o primeiro dos quaes é aproveitado de Hommel, que accentuou analogias curiosas entre os termos que significam *machado e cobre* nas linguas áricas da Europa por um lado, e por outro na lingua muito remotamente fallada na Babylonia. Taes analogias podem muito bem ser resultantes do acaso e Schmidt lembra mesmo, a proposito d'isto, o exemplo da palavra *potomac* que significa ribeira nas linguas indigenas da America do Norte, e pode approximar-se do grego *potamos* que

(1) Joh. Schmidt, *Die Urheimath der Indo-germanen und das enropoeische Zahlssystem*, Berlim, 1890, separata dos *Abhandlungen* da Academia de Berlim.

tem o mesmo significado, se bem que ninguém de são juízo possa acceitar que os indios americanos fossem buscar qualquer termo ao grego. ⁽¹⁾ Mas, suppondo mesmo que as similhanças accentuadas por Hommel tem a importancia que Schmidt lhes concede, poder-se-ha concluir d'ellas a existencia dum contacto directo entre os antigos senhores da Babilonia e os árias? Não bastará, para explicar essas similhanças, a existencia de relações commerciaes, mantendo-se, através do Caucaso, entre o alto valle do Tigre e a bacia do Volga?

A mesmas resposta cabe á segunda these de Schmidt. Este faz notar que nos árias a numeração se baseiou no principio decimal; mas que, todavia, em certos povos da familia, especialmente nos germanos se verifica uma intrusão do sistema duodecimal, ou melhor sexagesimal, ($60 = 5 \times 12$), que se manifesta, por exemplo, nas velhas leis germanicas, pela importancia attribuida ao numero *sessenta*, particularmente na fixação das multas.

Mesmo em latim, *sexaginta* e *sexcenti* empregam-se para se designar um numero illimitado, mas grande, de objectos. Ora, o sistema sexagesimal é aquelle em que assentou toda a metrologia babilonica e Schmidt deseja concluir d'esse facto, como das aproximações tentadas por Hommel, que houve uma acção muito antiga exercida pela Babilonia sobre os germanos ou seja sobre os árias de oéste. ⁽²⁾ Seria, pois, necessario, em sua opinião, que esses árias occidentais tives-

⁽¹⁾ Comparem-se tambem o mandchú *shun* que significa sol com o inglês *sun* do mesmo significado; o mandchú *senqi*, sangue, com o latim *sanguis*. Estes exemplos encontram-se em Sayce, *Introd. to the science of language*, tom. I, pag. 149.

⁽²⁾ Encontram-se tambem, ainda que menores, vestigios de babilonica na Índia vedica.

sem vivido, em epoca remota, não longe da esphera das acções babilonicas, ainda que enfão d'ellas se afastassem os árias orientaes na sua marcha para o sul. Mas, se, como Schrader pensa, os árias indivisos habitaram entre o mar Caspio e o mar Negro, a unica civilização que lhes ficava ao alcance era precisamente a dos babilonios, devemos antes admirar-nos de que o fundo árico primitivo não tenha vestigios mais numerosas dessa acção! Assim, seja qual fôr o valor das engenhosas observações de Schmidt ácerca da resistencia do sistema sexagesimal nos árias, pode affirmar-se que a theoria de Schrader se adapta tão bem a esse factó como a de Pictet. Só a hipotese escandinava de Penka é que rigorosamente deve engeitar essa theoria, fazendo intervir as relações commerciaes entre a Anatolia e o mar Baltico, relações cuja alta antiguidade está sufficientemente provada pelo que sabemos do commercio do ambar. Parece-me, pois, que Schmidt não fez adiantar um passo sequér á questão. (1)

XXIV

Huxley, um dos veteranos da anthropologia, interveiu na discussão no mez de novembro de 1890, publicando um longo artigo na *Nineteenth Century* (2). Depois de accentuar que a lingua não é um cri-

(1) Schmidt resume assim a sua opinião, pag. 20: «Affigura-se-me perfeitamente concebivel que os povos indo-germanicos hajam já vivido na Asia na situação relativa em que no-los mostra a historia, visto que elles avançaram a pouco e pouco para a Europa, á maneira duma phalange; os cellas á frente, á esquerda e á direita os europeus do sul e do norte.» Assim o seu sistema actual estaria de accordo com a sua *Wellentheorie* de 1872. O trabalho de Schmidt originou uma discussão entre o sabio auctor e Fr. Müller, *Ausland*, 1891, n.º 23, 27, 31.

(2) *Nineteenth Century*, 1890, tom. xxviii, pag. 750. 777; conf. *The Academy*, 29 novembro e 13 de dezembro de 1890.

terio da raça, por isso que os negros dos Estados Unidos da America do Norte fallam todos hoje inglês, e que os que fallavam o árico primitivo podem ter sido uma mistura de duas ou mais raças, como os que actualmente fallam francês e inglês, Huxley nem por isso deixa de procurar fazer acceitar as duas hypotheses seguintes: 1.^a que os homens que fallavam o árico primitivo constituíam uma só raça; 2.^a que essa raça era grande, loura e tinha o cranio alongado. A verdade, porém, é que provas d'essas asserções não existem e que Huxley só pode servir-se de apparencias. Pelo que diz respeito á habitação primitiva dos árias, o sabio inglês, seguindo o exemplo de Latham, é de opinião que não a devemos encerrar nos lindes estreitos e apertados dum cantão ou duma provincia, e que os árias primitivos estavam espalhados por um vasto territorio entre o mar do Norte e o Ural. Servindo-se das considerações apresentadas pela sr.^a Royer, da qual, todavia, nem sequer cita o nome, Huxley observa que, na epoca quaternaria, o Mar Negro, o mar Caspio e o Mar Aral formavam um grande Mediterraneo *Ponto-Aralico* que desaguava no Oceano glacial pela bacia do Obi. A Asia-menor estava então ligada á Europa, formando um dique contra o qual vinham esfarelar-se as aguas do Mar Negro. Havia, pois, um recorte profundo entre a Asia e a Europa, sendo impossivel qualquer ligação directa da Europa com o Caucaso, a Persia e o Afghanistão. Resta, porém, saber se tal estado de cousas não é muito anterior á formação das linguas áricas, cuja transparencia grammatical é testemunho de não muito remota antiguidade. Huxley accentúa ainda que, acceitando-se a sua hypothese, os antepassados dos indo-persas deveriam ter habitado ao sul do Ural, região essa que pertence politicamente á Asia, ao passo que os antepassados dos germanos teriam, desde os tempos

mais remotos, chegado ás praias do Mar do Norte. D'esta forma a questão de saber se os árias primitivos eram europeus ou asiaticos reduz-se a uma simplez questão de palavras. Por mais remotos que sejam os tempos a que nos referimos, nelles encontramos árias na Europa central, como os encontramos tambem na Siberia occidental, que é Asia.

Huxley inclina-se a crêr que a civilização metallica da Europa não deriva da Asia central ou da Phenicia, mas dos tchudes do Altai e do Ural; a exemplo de Andree e outros, Huxley tambem não admite a necessidade dum centro unico de metallurgia pre-historica. Ao contrario de Schrader, Huxley não pensa que os habitantes das estações lacustres da Suissa hajam sido árias, se bem que se lembre de que Helbig, em 1879, demonstrou ou, pelo menos, tornou muito verosimil a hipotese dos habitantes dos terramares da Italia do Norte, cuja civilização muito se assimelha á dos lacustres, terem sido homens que fallavam uma lingua árica, ascendente dos povos italiotas conhecidos na historia. Sendo difficil fazer lotes separados dos constructores das palafitas e dos terramares, Huxley em uma nota concede que, adoptando-se a theoria do professor Rhys, poderiamos vêr, nos homens das palafitas, árias de camada mais antiga. Da theoria de Rhys, professor de celtico na Universidade de Oxford, vamos agora dizer algumas palavras.

XXV

Rhys deu a conhecer o seu sistema nalguns artigos da *Revista escossesa* de 1890 e numa memoria publicada, em 1891, pela *Sociedade philologica de Londres*. Linguista eminente, mas absolutamente desconhecedor da anthropologia e da archeologia prè-historicas, Rhys appoia-se nos factos da linguagem e des-

preza todos os outros, o que, para nós, o torna tanto mais digno de louvor, quanto é certo que de ha muito reconhecemos que os primeiros offerecem uma base muito mais solida que os segundos.

As linguas celticas modernas, irlandês, escossês, gallês, baixo-bretão, etc., dividem-se em dois grupos o *gadelico* e o *bretão*. No grupo gadelico, a que pertencem o irlandês e o escossês, o som *q*, modificado em *c*, *ch* e *g*, corresponde ao som *p*, modificado em *b* e *ph*, no grupo bretão, gallês o baixo-bretão.

Assim, por exemplo, o termo *cavallo*, primitivamente *ekuos*, que em latim se diz *equos*, torna-se em irlandês *ech* e em gallês *epaul*. A antiga lingua celtica, da qual só conhecemos nomes proprios e algumas palavras transmittidas pelas inscrições ou por alguns auctores, pertence ao grupo bretão; assim cavallo diz-se *epos* forma analoga ao gallês *epaul*.

Como no grupo das linguas celticas modernas ha duas familias caracterizadas uma por *q* e outra por *p*, Rhys formulou a pergunta de se existiria ou não divisão analoga nas linguas celticas antigas. Por outras palavras, como o pouco que conhecemos do gaulês pertence á familia celtica do *p*, Rhys foi procurar na antiguidade os vestigios duma outra lingua celtica caracterizada pelo emprego do *q*.

Estes vestigios, em seu modo de vêr, encontrar-se-hiam primeiramente na Hespanha, onde houve dois povos chamados os *Equaesi* e os *Quarquerni*. O segundo d'estes nomes é o mais concludente porque corresponde a nomes conhecidos como *Perperna*.

Na Italia do Norte encontram-se tambem vocabulos como *Equasia* e *Squillius*. Destes elementos, que, todavia, deveriam ser mais numerosos, concluiu Rhys a existencia duma camada de celtas *q* nos lindes do dominio celtico, na Irlanda, na Hespanha e na Italia do Norte, camada esta que teria sido recoberta por

uma invasão de celtas *p*, que se assenhorearam de toda a região, impondo-lhe o seu dialecto, deixando contudo subsistir algumas designações geographicas em *q* como *Sequana* e *Aquitania*

Haveria, pois, na opinião de Rhys, dois grupos de linguas celticas antigas, o grupo *q*, a que elle chama *celtico*, neologismo formado pelo modelo de *africano*, e o grupo *p*, por elle considerado propriamente gaulês. Deve notar-se que esta theoria viria em apoio duma ideia já antiga e desenvolvida principalmente por Alexandre Bertrand, qual é a da distincção entre celtas e gaulêses.

O mais curioso é que podemos verificar a existencia dum agrupamento analogo fóra do dominio celtico. Os romanos, pertencentes ao velho ramo italiota que constituiu a primeira população árica da peninsula, collocam-se no grupo *q*, latim *equus* analogo ao irlandês *ech*; por outro lado, os oscos e os umbrios, árias da segunda camada aparentados com os gaulêses, fazem parte do grupo *p*.

Na propria Grecia encontramos tambem qualquer cousa analoga. O grego de Herodoto, que é velho jonico, liga-se ao grupo *q*; assim o termo *poté* em grego, tem a forma *koté* na lingua de Herodoto. Aqui tambem parece pertencer á camada árica mais antiga a lingua caracterizada pelo emprego de *q*.

Se nos lembrarmos de que no começo da idade-média se vê o imperio romano, no qual se fallavam quasi exclusivamente linguas áricas, invadido por barbaros que igualmente fallavam o árico; se considerarmos tambem que na historia antiga da Grecia a invasão dorica se apresenta com character analogo, devemos convir em que a hipotese da migração de algumas camadas áricas sobrepondo-se umas ás outras nada tem de inverosimil numa epoca em que os documentos historicos nos faltam.

Rhys considera provado pelo senso commum que os árias *p* divergiram dum centro unico; na realidade, seria bem estranho que a transformação do *q* em *p*, da qual se não encontram vestigios em outras familias de linguas, se tivesse produzido simultaneamente em alguns centros do mundo árico. No ponto em que essa singular mudança se deu, admite Rhys que houve a conquista duma população anarica, a qual, adoptando a lingua dos vencidos, a modificou pela acção da que até então fallara. Os árias *p* eram, portanto, não árias de raça, mas allophylos arianizados. Com respeito ao ponto em que esta arianização se deu, Rhys julga necessario procurá-lo na região dos Alpes, d'onde os árias *p* irradiaram em seguida para a Gallia, Italia e peninsula dos Balkans. «Talvez, conclue Rhys, possamos considerar as estações lacustres da Suissa como residencia da população mixta dos neo-arias.» No tempo de Cesar vemos os helvecios partirem da Suissa de hoje para se irem fixar no oéste da Gallia; tal foi tambem precisamente, na opinião do professor de Oxford, a marcha seguida pelos árias *p*.

XXVI

As descobertas da archeologia tambem, por seu turno, foram invocadas para se affirmar que os hellenos vieram do norte. Sabe-se que, mais de dez seculos antes da era christã, uma civilização muito curiosa, que conhecemos principalmente pelas excavações de Mycenae, floresceu na parte oriental da bacia do Mediterraneo. Esta civilização, mais antiga que a dos poemas de Homero, foi considerada pelasgica ou cária por uns, acheia ou hellenica por outros. Nas discussões travadas sobre este assumpto ha, assim o cremos, um mal entendido. A população primitiva da Grecia, bem como a da Italia, era pelasgica;

mas a aristocracia guerreira, que impôs a sua suzerania a essa população, fallava uma lingua árica. Podemos, pois, dizer que a civilização mycenica é pelasgica na base e árica no vertice, o que porá toda a gente de accordo. A assimilação dos dois elementos ethnicos em presença não se fez num dia; os vencidos começaram por trabalhar para os vencedores, cujo estilo proprio caracterizado pela ornamentação geometrica, só tomou a supremacia passados seculos. Como Tsountas accentuou, o estilo geometrico é raro em Micenas, mas começa a apparecer ahi na ceramica quando o fabrico propriamente micenico ainda se encontra em plena florescencia. Ora o mesmo tumulo que forneceu a Tsountas exemplares de vasos pertencentes ao estilo geometrico, chamado do Dipylon, apresenta na cobertura uma disposição particular: está inclinada sobre as quatro faces, absolutamente como a cobertura duma urna funeraria descoberta em Creta, enfeitada segundo o estilo micenico, e dada a conhecer por Orsi. E' este provavelmente o estilo das habitações particulares de Micenas, ao passo que os tumulos de abobada angular e cupula conservam a memoria dum tipo anterior. Por outro lado, as excavações de Tirinto ensinaram-nos que nos palacios reaes d'esse tempo dominava o tecto em forma de terraço, sistema de construcção este que é de origem oriental e convem mais que qualquer outro nos climas seccos. Na Grecia classica, o uso dos tectos angulares só se conservou nos templos, como por uma especie de sobrevivencia religiosa. O tipo dos palacios reaes de Tirinto e Micenas, cujo modelo parece egipcio, pelo seu desenvolvimento tornou-se o tipo das habitações gregas e greco-romanas. Como these geral, a forma dos tumulos e a dos templos conservam mais fielmente o aspecto das habitações primitivas; parece, pois, certo que o tipo da casa

hellenica não apparecem em clima quente e seco como o da Assyria ou o do Egypto.

As urnas funerarias em fôrma de cabanas, que se encontraram em Albano, autorizam a tirar-se a mesma conclusão para o modelo da casa italiana.

Em Micenas e Tirinto, assim como nos terramares da Italia, não existem restos de peixes comestiveis, mas ostras; ora os gregos de Homero não são ichtyophagos e os nomes communs designativos de peixes faltam nas linguas áricas da Europa, ao passo que essas linguas teem a mesma palavra para designarem a ostra. Embora estes argumentos nada tenham de probantes, não podemos, todavia, deixar de lhes dar uma tal ou qual adhesão; accrescentam-se a outros para se demonstrar que uma parte, pelo menos, da população chamada micenica era aparentada com os italianos dos terramares. Mas a possibilidade do termo designativo de ostra ser d'emprestimo, como opinam Max Müller e outros linguistas, não permite que se tire uma conclusão geographica da presença d'esta palavra nas linguas áricas, como sustentou Penka que, a proposito d'este caso, invoca os *kjoekkenmoeddingen* da Dinamarca.

XXVII

Tuisco, na *Germania* de Tacito, é o antepassado mithico dos germanos. O país de Tuisco, a Germania, é a patria dos árias louros, grandes navegadores de ante do Eterno, aquelles que semearam de dolmens os litoraes das regiões por onde passaram. Estes germanos ainda fizeram mais; criaram as concepções mithologicas, de que a *Iliada* e a *Odisseia* não são mais do que um echo muitas vezes infiel, e que só se encontram no estado de pureza nos Eddas. Tal é succintamente o conteúdo dum grosso volume de E.

Krause, trabalho de amator, cheio de etimologias extravagantes, que houve o mau sestro de serem tomadas muito a sério (1). Os argumentos de que se serve nenhuma novidade tem; já os expusémos, ao fallarmos das obras de Geiger, von Löher e Penka. A unica originalidade da obra está nas approximações phantasticas entre as divindades da Grecia e as do Norte. Krause não quer saber para nada do facto da mythologia septentrional, pelo menos tal como nos é dada a conhecer por uma litteratura que data da idade média, tór soffrido muito fortemente a acção não só da Grecia e Roma, mas tambem do christianismo. E' este um ponto que foi assente por Bugge (2) e não ha declamações que possam alterá-lo. Krause ignora tambem que a toponimia das regiões com dolmens bastaria, á falta d'outros argumentos, para fazer insustentavel a theoria dos *dolmens áricos*. A theoria que attribue tais monumentos aos ibéros tem menos difficuldades a vencer; mas porque é que quer que tenha havido um *povo dos dolmens*, uma vez que não ha povo dos tumulos? E porque é que, sendo os dolmens tumulus, a comparação dos vocabularios áricos não nos apresenta nos árias indivisos o cuidado pelas sepulturas inviolaveis? Ora, como já notámos, nada d'isso se dá.

Muito mais serio é o trabalho de Hermann Hirt, publicado, a pag. 464 de *Indogermanische Forschungen* de Strasburgo, em 1892. Criticando a memoria apresentada por Schmidt, Hirt observa que os etrus-

(1) Ernst Krause (Carus Sterne). *Tuischo-Land der arischen Stoemme und Goeter Urheimat*, 1891. Veja a severa mas justa critica de Meyer, *Berl. Philologische Wochenschrift*, 1892, pag. 699 e o artigo de Reinach na *Revue critique*, 1892, II, pag. 88.

(2) S. Dugge, *Studien ueber Entstehung der nordischen Goeter-und Heldensage*, 1889.

cos ligaram grande importancia ao numero 12 e que os vestigios do sistema duodecimal entre os germanos podem ser devidos á sua acção. D'accordo com Schmidt, Hirt não admittre que a patria dos árias possa ter sido a charneca russa, hipotese que no vocabulario árico é excluida pela presença do urso, ausencia da abelha e a existencia de tres estações. Não obstante a falta de termos concordantes, Hirt crê que os árias conheceram o mar e o sal. ⁽¹⁾ No reino vegetal, Hirt insiste na identidade das designações do pinheiro; a raiz *dru*, de que provêm o nome grego do carvalho, designou primitivamente uma arvore d'esta especie. O culto do carvalho, *perqu*, commum aos árias, attesta tambem o seu trato com o rei das florestas, o que, na opinião de Hirt, seria confirmado pela linguística. ⁽¹⁾ Logo, uma vez que os árias indivisos conheceram já o salgueiro e o vidoeiro, não é admissivel que hajam vivido numa região de charnecas, nem que o seu berço deva ser procurado na Asia, onde o pinheiro, o carvalho, o vidoeiro e o salgueiro se não encontram reunidos. Hirt, por isso, chega a collocar a patria dos árias indivisos, quasi como Penka, no mar Baltico. Nessas regiões se encontram ainda hoje o lobo e o urso, ahi enxameiam as abelhas cujo mel servia para preparar a doce poção, o *medhu* dos árias; ahi se elevavam grandes arvores, nas quaes, por meio de fogo, se podiam excavar barcas; ahi se podia adorar a divindade nas grandes florestas que inspiravam o terror religioso. Não havia, porém, ahi ensejo para se empregar o cavallo; o leão e o tigre tambem ahi faltavam. Finalmente; podemos recordar o character archaico das linguas lithuanica e eslava; os povos que

(1) Este ultimo ponto foi admittido por Joh. Schmidt.

fallaram essas linguas, mais vizinhos do seu país de origem, conservaram-nas, ao abrigo das intrusões, melhor que os outros.» Não obstante as reservas de character exclusivamente scientifico com que Hirt acompanha a conclusão precedente, podemos dizer que o seu artigo é uma prova bem significativa da reviravolta que se deu no espirito dos proprios linguistas em prol do sistema e, porventura, até do methodo de Penka.

XXVIII

Ponhamos ponto por aqui á nossa exposição.

O leitor viu o desfilar duma longa serie de autores, atacando cada um d'elles, com todos os recursos da mais engenhosa erudição, um problema que no estado actual da sciencia ainda não é susceptivel de solução segura e definitiva. Representa, porém, já muito o apresentar os resultados facilmente accites e fazer valer os argumentos serios, que appoiam a nova theoria que colloca na Europa oriental a residencia das tribus áricas antes da sua separação. Pelo que respeita ao estudo da civilização d'essas tribus, tal como nos é revelada pela comparação dos differentes vocabularios áricos e esclarecida pelas investigações archeologicas, podemos hoje fazê-lo com methodo muito mais seguro que no tempo de Kuhn e Pictet, e as conclusões a que já se chegou são tão precisas que, despojadas da ganga philologica, é, sem sombra de duvida, serviço utilissimo o trazê-las ao conhecimento do publico curioso.

Tal foi o nosso empenho não só nesta obra, mas já na segunda edição da *Gallia* antes dos *gaulêses* de Bertrand, publicada em 1891.

FIM



Agenda de Algibeira para 1914

(7.º ano de publicação)

Assuntos que contém :

Omenagem ao grande vulto da Democracia Portuguesa

Dr. Magalhães Lima

Indicações sobre assuntos judiciais, administrativos, financeiros, camarárias, área, população e situação geográfica do país — Divisão distrital, continental, ilhas e colónias, conservadores, juizes de paz, juntas de paróquia. Contribuições: industrial, suntuaria, registo e predial, etc.

Um verdadeiro anuário em miniatura

Fórma indicativa de escrever a nova moeda

Manuais descritivos e ilustrados da

Luta Greco-Romana (representada por 46 figuras.)

Box francês e inglês (representados por 38 figuras.)

Esgrima de vara e pau (representada por 30 fig.)

Foot-Ball—Descriminação do campo de Foot-Bal.

Detalhes e colocações dos jogadores

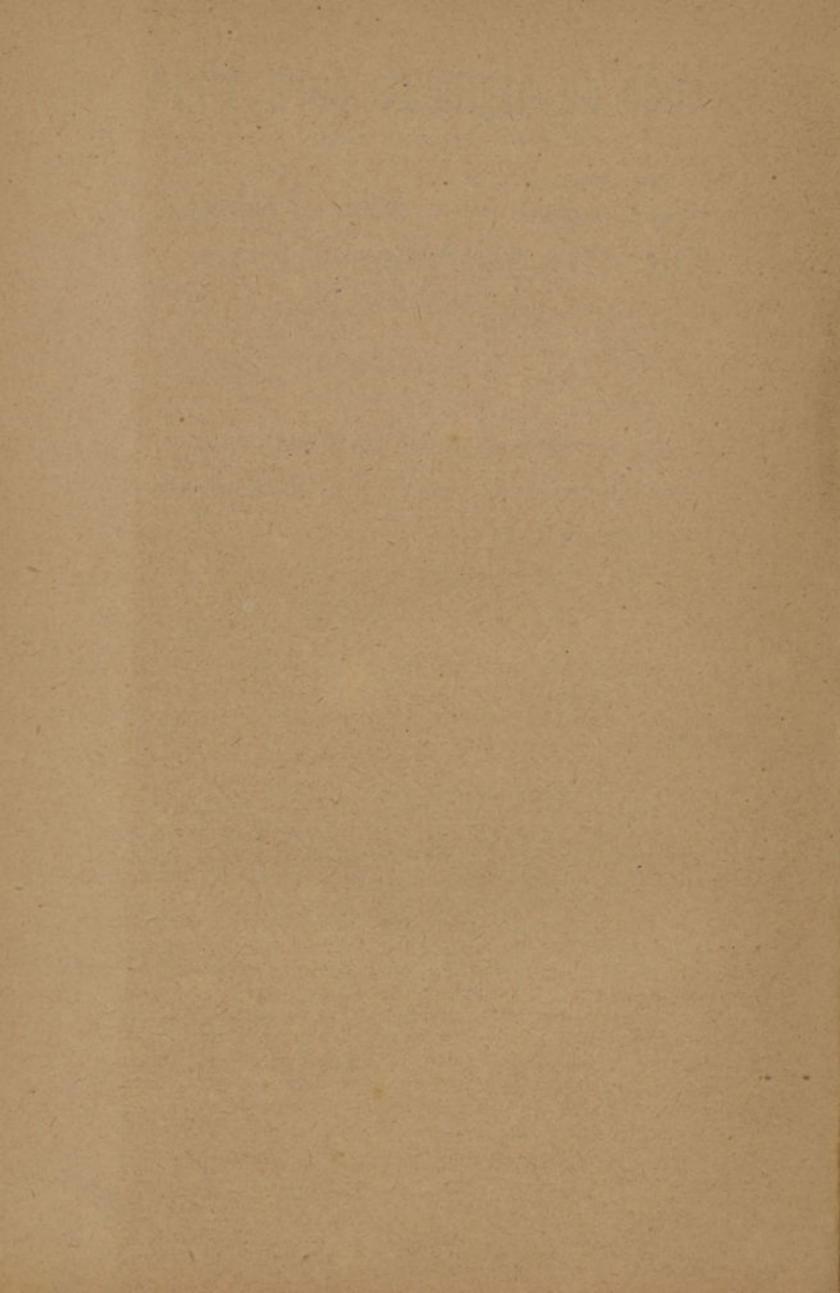
As descrições mais interessantes e demonstrativas

Plantas e preços dos teatros de Lisboa e Porto—Agencias de navegação — Automoveis: preços dos alugueres — Auto-omnibus, horario e preços — Balancêtes dos meses — Calculo comercial — Calendário da capoeira — Cambios — Casas bancarias — Carris de Ferro de Lisboa e Porto — Código telegrafico — Correios e telegrafos — Dias e horas de tiragens do correio para as Ilhas, Ultramar e Brasil — Dias em que se não vencem letras — Dimensões das encomendas postais Elevadores — Equivalencias de medidas antigas com as do sistema metrico decimal — Feriados nacionais em Lisboa e diversas localidades — Imposto do sêlo, sôbre: letras, cheques, licenças, recibos, escrituras, bilhetes de rifas, vales, etc. — Inspeção militar — Livretes de identidade—Agenda para os 365 dias — Moedas em que são emitidos os vales para os diferentes países — O que se deve visitar em Lisboa e Porto — Bilhetes de assinatura dos Caminhos de Ferro — Praça de touros — Sobretaxa postal — Taboia de preços e pesos para amostras, jornais, etc. — Telegrafia — Trens de praça — Trabalhos nos campos, jardins, etc.

Preço 20 centavos — Franco de porte

Pedidos á Tipografia Gonçalves—Rua do Mundo, 12—Lisboa





Palavras necessarias

Ao apresentarmos o catalogo completo das obras que até agora tem sido publicadas pela **Bibliotheca d'Educação Nacional**, com apreciações dos diferentes livros, cumpre-nos o dever de elucidar sobre a razão de ser da nossa **Bibliotheca**.

Havia annos já que no estrangeiro existiam empresas editoriaes que, de preferencia, se dedicavam a propagar a educação social. Em Portugal, porém, nada havia no genero, porque os editores portuguezes não se abalançavam a lançar no mercado livros sobre o assumpto, e, é que o mais, livros baratos, e uma grande parte do publico não sabia lêr aquelles pela differença de idiomas.

Nos ultimos annos appareceu uma casa de Valência—a casa **F Semper & C.**— que em vista da maior facilidade na leitura da lingua hespanhola, encheu o nosso mercado de bons livros, por um preço relativamente baixo. Havia porém ainda quem, conscienciosamente, confessasse não comprehender a lingua de Cervantes. Entre nós continuava a não se fazer qualquer tentativa editorial sobre o assumpto, até que em 1908, appareceu a **Bibliotheca d'Educação Nacional — A PRIMEIRA BIBLIOTHECA QUE SE FUNDOU EM PORTUGAL** — para diffundir pelo livro barato, na lingua patria e em estylo comprehensivel para todas as camadas sociaes, o conhecimento de todos os assumptos sociologicos e que, devido á evolução que, felizmente, se vae operando na nossa educação, estão atrahindo a attenção d'aquelles que tem vontade de aprender.

Depois do apparecimento da **Bibliotheca d'Educação Nacional**, outras nos tem procurado imitar, pelo que, longe de nos irritarmos pelo facto, nos regosijamos por **SERMOS NÓS OS PRIMEIROS** que em Portugal lançamos no mercado livros de verdadeiro ensino sociologico, a **200 réis** o volume brochado e **300 réis** cartornado em percalina, incitando outras empresas a que nos imitassem, não só na idéa como na formula, preço, etc.

Uma grandiosa vantagem leva porém a **Bibliotheca d'Educação Nacional** sobre as suas assimiladoras e é que todos os livros publicados até ao presente tem sido dados á luz da publicidade conforme os seus auctores os escreveram, e **nunca**, para evitarmos augmento de despeza, **cortámos cousa alguma das edições nacionaes, nem as deturpámos.**

Pela leitura do presente catalogo facilmente se verá quanto esta empresa tem sabido cumprir o seu programma envidando todos os esforços para bem servir o publico que lê, sendo a escolha das obras publicadas o mais meticulosa possivel, para o que muito tem concorrido a reconhecida competencia do seu director, o distincto professor e sociologo Agostinho Fortes.

Dadas estas explicações que reputamos necessarias, deixamos aqui profundamente gravado o nosso mais que sincero agradecimento pelo carinhoso acolhimento com que o publico nos tem distinguido.

SOCIOLOGIA

Por **G. Palante**

Tradução de **Agostinho Fortes**
(2.^a edição)

Para iniciar a bella collecção de livros que a *Bibliotheca d' Educação Nacional* se propoz lançar a publico com o fim altruista de educar e profundar conhecimentos, não podia ser mais acertada a escolha que o excellente livro de Palante, *Sociologia*.

Este assumpto, que tem sido estudado e debatido com mais ou menos conhecimentos por um sem numero de grandes philosophos e de grandes pensadores, é tratado n'este livro com uma profundeza de vistas, com uma tal clareza de concepção que o individuo amigo de saber que leia este volume fica perfeitamente identificado sobre o que é e o que quer dizer o termo *Sociologia*.

Pelos titulos dos cinco livros que compõem este volume se pode calcular do valor real da obra: Livro I — *Preliminares; Definição, methodo e divisão da sociologia*. II — *Como se formam as sociedades*. III — *Como se conservam as sociedades*. IV — *Como evolucionam as sociedades*. V — *Como se dissolvem e morrem as sociedades. Conclusões: Socialismo e individualismo*.

Este livro, de cerca de 200 paginas, é scientificamente traduzido e annotado pelo grande sociologo portuguez, Agostinho Fortes, o qual nas suas annotações augmenta, se é possível, o valor da obra.

As Mentiras Convencionaes da nossa Civilisação

Por **Max Nordau**
(2 volumes)

Tradução de **Agostinho Fortes**
(2.^a edição)

São dois volumes verdadeiramente interessantes em que Max Nordau põe bem a nú toda a hypocrisia de que está eivada a sociedade, não a sociedade d'uma nação, mas a sociedade mundial, isto é, toda a humanidade.

Toda a fórmula de embuste se nos depara ali denunciado, mostrando-nos que o seu auctor conhece proficientemente todos os pôdres de que enferma o genero humano, porque, como muito bem diz logo no principio «o mundo civilisado não passa d'uma enorme enfermaria cujos doentes enchem os ares com pungentes gemidos e se contorcem, victimas de todos os sofrimentos».

Eis os titulos dos capitulos que compõem a obra: *Prefacio do auctor* em que Max Nordau nos explica a razão de ser do livro; *Mané, Thécel, Pharés*; *A mentira religiosa*; *A mentira monarchica e aristocratica*; *A mentira politica*; *A mentira economica*; *A mentira matrimonial*; *Diversas mentirolas*; *Harmonia final*.

Um outro predicado teem ainda estes dois volumes que é o serem annotados pelo seu traductor, sr. Agostinho Fortes, o qual tanto litteraria, como scientifica, como ainda sociologicamente, commentou toda a obra elucidando muitissimo o leitor.

A PSYCHOLOGIA DAS MULTIDÕES

Por **Gustavo Le Bon** Traducção de **Agostinho Fortes**
(2.^a edição)

O assumpto litterario-scientifico que mais preoccupa a geração actual que pretende saber, é decerto o conhecimento das modernas questões sociaes nos seus multiplos aspectos.

A *psychologia das multidões*, é d'aquellas obras que depois de se lerem as primeiras paginas nos avassalam o espirito de tal fórma que temos que seguir a sua leitura n'uma verdadeira ancia de chegar ao fim, a enchermo-nos dos profundos conhecimentos que o seu auctor nos proporciona.

Todos os diversos factores, todos os differentes sentimentos, todos os varios caracteres, que mais ou menos, isto é, que directa ou indirectamente agem sobre as multidões são exemplificados de maneira tal n'esta obra, que ainda aquelle mesmo que não possua uma grande somma de cultura intellectual-social, facilmente os comprehende e completa a sua educação.

E' um livro de grandiosa utilidade, tanto mais que, para desenvolver o assumpto e, por assim dizer, esclarecel-o melhor, o auctor faz equiparações sobre o predominio ou preponderancia que certos homens exerceram nos seus contemporaneos, com o poder da fascinação uns, com a força da intelligencia outros, e outros ainda com o vigor indomavel da sua energia.

Ó FUTURO DA RAÇA BRANCA

Por **J. Novicow** Traducção de **Agostinho Fortes**

Não é raro ouvir dizer-se ou mesmo lêr-se em algumas obras de pensadores que a nossa raça tende a desaparecer ou, pelo menos, a ficar subjugada pelas outras raças, e a reforçar a sua opinião dizem que a natalidade das raças latinas vae decrescendo, quando é certo que essa diminuição se nota de preferencia n'alguns paizes anglo-saxões augmentando n'outros latinos.

J. Novicow escolhendo este thema para fazer o seu livro, faz cahir pela base este pessimismo e demonstra que não só a raça branca não desaparecerá nem ficará subjugada, mas que tem bastantes condições de vitalidade para se equilibrar e resistir ao tão famigerado *perigo amarello* de que toda a gente fala mas que poucos sabem explicar o que vem a sêr.

Começa o auctor d'este livro por fazer um verdadeiro estudo sobre o resultado da differença de salarios entre uma e outras raças fazendo-nos vêr que se o chinez se contenta com pouco salario é unica e simplesmente porque o não pode obter maior e se o seu alimento é o lendario punhado d'arroz não quer isso dizer que elles não apreciem uma alimentação mais abundante, e todos os prazeres que nós usamos e de que, por vezes, abusamos.

OS HABITANTES DOS OUTROS MUNDOS

Por **Camille Flammarion** Tradução de **Moraes Rosa**

Eis um livro verdadeiramente scientifico na essencia e recreativo na fórma.

Camille Flammarion, o grande astrónomo francez, trata n'*Os habitantes dos outros mundos*, com a erudição que todo o mundo culto lhe reconhece, da habitabilidade dos diversos planetas, comparando-a scientificamente com a da Terra, fazendo-nos vêr d'uma fórma simples e concisa a razão de ser das suas asserções.

E' um livro que se lê d'um folego, tal o interesse que desperta, sentindo-se o espirito preso desde as suas primeiras paginas.

Sob o titulo *Curiosidades Scientificas* dá-nos Flammarion, n'um appendice, uma série de conhecimentos astronomicos a um tempo instructivos e recreativos, e que bem se podem avaliar pelos titulos dos capitulos em que se sub-divide: *Como se pésa a Terra; Como se medem as distancias da Terra á Lua; Como se medem as distancias da Terra aos outros planetas e ás estrellas.*

Todo o individuo que se interesse por assumptos d'esta natureza deve lêr com attenção este livro pois n'elle tem muito que aprender, ou, pelo menos com que recrear o espirito.

Christo nunca existiu

Por **Emilio Bossi** Tradução de **Thomaz da Fonseca**
(3.^a edição)

Tem soffrido bastante controversia este livro que o grande investigador e philosopho Emilio Bossi escreveu.

O clericalismo, que de fórma alguma lhe pode convir a negação da existencia de Christo, porque representa para elle como que a trincheira atraz da qual se esconde quando se vê assediado pela verdadeira philosophia, tem promovido uma guerra surda, como surdos são sempre os seus ataques, ao livro e ao seu auctor.

E' comtudo Bossi cita factos, agglomera exemplos á face da sciencia e da sã razão, pelos quaes nos demonstra claramente que a existencia de Christo é uma simples burla unicamente necessaria áquelles que vivem de mercadejar nos balcões da Igreja, escudando-se com o nome de Christo quando querem enganar algumas almas apocadas, apanhar heranças, deshonestar donzellas, chegando, porém, a renegal-o se o julgarem conveniente aos seus interesses particulares.

E' um bello livro de perto de 220 paginas que deve ser lido com toda a attenção visto que o assumpto é bastante transcendente, comquanto a sua linguagem seja assaz clara e comprehensivel e a sua traducção esteja primorosamente feita, como todas as que são confiadas a Thomaz da Fonseca.

O QUE É O SOCIALISMO

Por **Georges Renard**

Traducção de **José Soares**

(2.^a edição)

Georges Renard tomou a peito n'este livro a missão de ensinar aos que se interessam por questões sociaes, sob uma fórmula bastante clara, o que vem a ser o socialismo. Não será este ainda o *desideratum* ambicionado pela humanidade, mas é já um grande passo andado no caminho das reinvidicações sociaes, e assim o livro de Renard lê-se com verdadeiro interesse.

O que é o *Socialismo* é dividido em tres partes, sob os titulos *Principios geraes*, *Organisação politica* e *Organisação economica* os quaes definem claramente o valor da obra.

Tanto os titulos acima como os dos nove capitulos em que se sub-divide a obra são de molde a despertar o interesse d'aquelles que tenham vontade e quiçá necessidade de se dedicar a estes estudos que actualmente são o assumpto de todas as conversas entre as gentes que mais ou menos se incommodam com o que será o Amanhã da humanidade.

Esmeradamente traduzido pelo sr. José Soares, é este um livro que todos deviam adquirir, para, quando se debaterem assumptos sociaes, saberem definir a palavra *Socialismo*.

Economia Politica

Por **Stanley Jevons**

Traducção de **Agostinho Fortes**

A emancipação d'um povo e mesmo a sua regeneração só se poderá obter pelo derramamento de leitura sã e perfeitamente instructiva e é isso o que tem feito a *Bibliotheca d'Educação Nacional* dando á estampa livros de verdadeira educação scientifica e social, por um preço verdadeiramente barato.

O livro de Stanley Jevons foi como que mais uma perola que veio aformosear a bella collecção de livros d'esta bibliotheca.

Realmente bem feito, e, apesar de, segundo diz o auctor, ser apenas um resumo succinto e elementar d'algumas partes da economia politica, por ser impossivel tratar a fundo uma tal sciencia em tão poucas paginas, é comtudo um estudo muito completo.

Tem 14 capitulos nos quaes trata de tudo quanto directa ou indirectamente actua na economia d'um povo, como seja a produccão da riqueza, a divisão do trabalho, o capital, a distribuição da riqueza, o salario, as associações operarias, o cooperativismo, a propriedade predial, a permuta, a moeda, os impostos, etc., etc., enfim todos os grandes factores da engrenagem social.

Este livro impõe-se a toda a gente e todas as Associações operarias o deviam possuir nas suas bibliothecas porque contém muito ensinamento para resolver questões graves.

O ANARCHISMO

Por
Dr. Paul Eltzbacher

Adaptado á lingua portugueza por
Agostinho Fortes

O perfeito conhecimento da doutrina em que, sob o nome de *Anarchismo*, se ouve a cada passo falar, impõe-se hoje de tal maneira, que todo aquelle que se interessa por estes alevantados problemas sociaes, tem por dever imperioso perscrutar-o com attenção, tanto theorica como praticamente.

Como muito bem diz Agostinho Fortes n'um pequeno prefacio ao leitor, as doutrinas e theorias do anarchismo a ninguem devem hoje passar despercebidas.

Eltzbacher é tão preciso no seu modo de explanar as doutrinas dos diversos pensadores e philosophos que se teem occupado d'este problema que todo aquelle que lêr a sua obra fica identificado sobre a verdadeira interpretação que se deve dar ao termo e ao modo de ser do *Anarchismo*.

No capitulo final, Eltzbacher, trata dos erros ácerca do anarchismo e seus generos e das suas noções com uma tal clareza de phrase, com uma tal somma de comparações e de considerações que só não as comprehende quem não quizer comprehender.

As divisões e sub-divisões do anarchismo acham-se exemplificadas d'uma maneira explicita e são auxiliadas com um schema bastante elucidativo.

A EMANCIPAÇÃO DA MULHER

Por **J. Novicow**

Traducção de **Agostinho Fortes**

Um dos problemas que tem sido objecto de maiores lucubraciones por parte de todos os grandes pensadores, é decerto a emancipação da mulher. O assumpto feminista, um dos mais complexos, que tem sido estudado por todas as fórmãs, analysado sob todos os aspectos, está n'este livro verdadeiramente simplificado.

Logo ás primeiras paginas o leitor fica preso de tal maneira que não descança sem o concluir, n'uma febre intensa de saber, de se instruir.

No capitulo VI do livro II, sob o titulo *A igualdade social dos sexos*, Novicow não póde ser mais concludente sob o direito que á mulher assiste de emancipar-se e o dever imperioso que o homem tem de a considerar perfeitamente como um ente em tudo a si semelhante, salvo, é claro as differenças sexíferas, e não como uma escrava, um objecto de luxo ou um instrumento para a saciedade dos seus prazeres libidinosos.

A emancipação da mulher é pois um excellente livro, de 200 paginas de boa e instructiva leitura, e a sua traducção tem o sinete de Agostinho Fortes o que é um sufficiente requisito para se avaliar do valor da obra.

Riqueza e felicidade — A luta pela existencia

Por **Adolphe Coste**

Por **J. Lanessan**

Traducções de **AGOSTINHO FORTES**

N'um volume que comporta dois livros, como os titulos indicam, são tratados dois assumptos que quasi se condizem.

No primeiro, *Riqueza e felicidade*, o seu auctor é bastante explicito sobre todos os pontos que importam aquelles dois attributos precisos a todos os povos.

E' um estudo consciencioso e interessante, principalmente no capitulo IV que apresenta as tres especies de economia — provisão, melhoramento e progenitura — fazendo vêr que reguladas estas tres fórmas economicas com as condições da nossa vida, isto é com a nossa situação social, grande proveito se pode tirar afim de produzirmos a nossa propria felicidade.

No segundo, *A luta pela existencia*, J. Lanessan trata com verdadeira proficiencia do que se chama *Combate pela vida*.

Começa o seu auctor por dar em meia duzia de linhas, mas d'uma fórma precisa, um rapido esboço da doutrina transformista. E' finamente feita a descripção das associações para a lucha nos mineraes, nos vegetaes, nos animaes e na especie humana.

E' um dos melhores livros da *Bibliotheca* que todos devem lêr.

A CRITICA SCIENTIFICA

Por **Emilio Hennequin** Traducção de **Agostinho Fortes**

Uma das entidades que, principalmente em Portugal, com mais frequencia se reproduz é a dos criticos. Entre nós, poucos são os que sabem lêr mas toda a gente arma em critico.

E comtudo que enorme differença existe entre o verdadeiro critico e o critico vulgar!...

Para se fazer uma analyse perfeita d'um romance, d'um poema, d'um drama, de qualquer obra d'arte, emfim, é essencialmente necessario possuir o completo conhecimento scientifico da obra que se pretende analysar; de contrario é dizer tolice.

Emilio Hennequin no seu livro, *A critica scientifica*, elucida claramente sobre o assumpto, fazendo uma completa equiparação entre as obras dos grandes mestres em todos os ramos, tanto da litteratura, como das bellas artes, mas muito particularmente nas diversas escolas litterarias.

Este livro devia ser, não lido, mas estudado a valer por todos os individuos que se dedicam á profissão de *criticos*, porquen'elle tinham muitissimo que aprender.

A traducção é esmeradissima como todas as de Agostinho Fortes que é, por assim dizer, o grão-mestre dos traductores portugêses.

Volume brochado 200 réis — Cartonado em percalina 300 réis

EDUCAÇÃO E HEREDITARIEDADE

Por **M. Guyau** Traducção de **Agostinho Fortes**

M. Guyau começa n'este seu bello trabalho por nos fazer conhecer á evidencia como a suggestão e a educação agem efficazmente no instincto moral de cada individuo, exemplificando grandemente a sua asserção, demonstrando que sob a suggestão nervosa, n'um dado momento, toda a hesitação desapparece para dar logar á resolução, e assim é que a criança suggestionada pelo que vê e ouve vae executando pouco a pouco até que, na maioria dos casos, se torna um habito que, por vezes, se propaga a toda a sua vida.

E' sob este thema que Guyau faz profundos estudos e nos faz vêr claramente o grande ascendente que a educação e a hereditariedade produzem nas sociedades. E' um excellente livro que todos os paes e, não só estes mas todos os professores, deviam lêr com grande attenção, pois que tem muito de ensinamento tanto para uns como para outros.

Prisões, policia e castigos

Por
Eduardo Carpenter

Traducção do
Dr. João Gonçalves

Com este titulo, verdadeiramente suggestivo, apresenta-nos Carpenter bem a nú, todos os horrores, todas as anomalias sociologicas, todas as torpezas que, á sombra da palavra — **Justiça** —, se praticam em todo o mundo, porque isto de justiça foi, é e será sempre uma cousa tortuosa. Todas as incongruencias, todos os absurdos de que são capazes os julgadores são descriptos n'este livro de uma fôrma bastante concludente.

N'um bello prefacio faz o seu traductor uma rapida biographia de Eduardo Carpenter, esse bello character que, tendo cursado proficientemente a carreira theologica, abandonou as ordens e se dedicou de corpo e alma a prodigalisar o bem entre os seus semelhantes, alheando-se de todas as grandezas que a fortuna prodigaliza e chegando a construir a sua propria moradia a cultivar o terreno que possuia, e até a vender, elle proprio, os productos e legumes.

Leis psychologicas da evolução dos povos

Por **Gustavo Le Bon** Traducção de **Agostinho Fortes**

A constituição mental d'uma raça só é positivamente inquirida pelo estudo da sua evolução civilisadora. Tanto nos caracteres anatomicos das especies como ainda n'aquelles que com facilidade se modificam, são o meio e a educação que constituem os principaes factores que lhe podem imprimir novo modo de ser.

Le Bon, a quem esta Bibliotheca deve já um outro livro de não menos valor, escolheu este assumpto para o seu novo trabalho, bordando-o de elucidativas considerações que bem nos demonstram o seu privilegiado intellecto e o aturado estudo a que se entregou, fazendo-nos vêr, de deducção em deducção, que é a civilisação, a fôrma de educar e bem assim a intromissão dos costumes, que operam na evolução dos povos.

Contém este livro uma série de annotações do seu traductor, sr. Agostinho Fortes, pensamentos de incontestavel valor sociologico e, ao mesmo tempo d'uma verdade flagrante, que mais realçam, se é possível, a validade da obra.

ALMAS INIMIGAS

(Bellissimo drama de these, em 4 actos)

Por

Traducção da Ex.^{ma} Sr.^a

Paul Hyacinthe Loison

D. Amalia de Queiroz

O theatro, um dos principaes factores da educação d'um povo, nem sempre tem sido tratado com a idealidade que deveria ter, pois uma grande maioria dos escriptores de theatro, alguns até escrevendo peças com quasi tanta facilidade como a de escrever uma simples carta de namoro, tendo em mira unicamente a questão monetaria tratam pouco da obra moral, e assim é que a maior parte das peças só tratam de amor, adulterio,—e não raro a pornographia—induzindo e instigando, por assim dizer, ao crime.

Paul Loison soube fugir a essa pecha rotineira e apresenta-nos n'este seu drama um bellissimo estudo, baseando-o na luta entre a Sciencia e a Religião.

É um bello trabalho de dramaturgia que, sem receio de errar, se alguma empreza theatral tivesse o bom senso de o pôr em scena, muito deveria agradar ao publico, tanto intellectual, como medianamente illustrado, como ainda ao completamente illetrado.

A simples leitura das *Almas Inimigas* deixa-nos verdadeiramente maravilhados não só pelo assumpto, como pelo empolgante das scenas e pelo bem desenhado das personagens.

AS DOENÇAS DA VONTADE

Por Th. Ribot

Traducção de Agostinho Fortes

N'esta obra, de um alto alcance psychologico, mostra-nos o seu auctor as diversas phases porque pode passar a vontade em todas as creaturas. Desde o recém-nascido, que opera quasi mechanicamente, talvez por sentimentos hereditarios, até ao homem completamente seguro dos seus actos e dos seus desejos, a natureza humana apresenta tantas modalidades que chegam ás vezes a confundir o mais profundo obscurador. N'uns apresenta-se a expressão da vontade com uma tenacidade férrea; n'outros chega quasi ao estado de inercia. São estas *doenças* que Ribot nos apresenta no seu esplendido livro, que vem enriquecer ainda mais esta valiosa collecção.

O leitor que deseje consagrar a sua attenção aos problemas que tanto tem preocupado os sabios e os philosophos, procurando a pedra philosophal do espirito humano, tem n'esta obra um precioso auxiliar. N'um estylo despretençioso e ao mesmo tempo altamente scientifico, o livro **As doenças da vontade** merece um logar escolhido nas bibliothecas de todos os que procuram instruir-se, proporcionando ao mesmo tempo a si proprios algumas horas de leitura agradável.

O HELLENISMO

POR AGOSTINHO FORTES

Ninguém medianamente culto ignora a acção exercida pela velha Hellada na mentalidade humana. No pequeno recanto da península hellenica, desenvolveu-se uma civilização tão integral que, porventura, até hoje ainda não foi excedida. A incomparavel plasticidade do espirito hellenico produziu em todos os ramos da actividade humana verdadeiras maravilhas, que rasgaram vias novas e infindas ao espirito humano. O grande significado da vida hellenica reside precisamente o facto de ter rasgado horizontes vastissimos, que a humanidade pretende attingir, e sem receio de desmentido serio, podemos asseverar que o actual estado da civilização nada mais procura que nortear-se pela bussola construida pela mentalidade hellenica na philosophia, nas artes, na sciencia. Em todos esses productos do homem que, realmente, o affastam da animalidade bruta, se sente ainda hoje o influxo hellenico, influxo esse, que, se tem feito sentir constantemente na elaboração mental da humanidade. Ora é a essa elaboração que o *Hellenismo* de Agostinho Fortes, nos faz assistir, mostrando-nos a concatenação de phenomenos sociaes, ainda d'aquelles que mais distanciados se nos antolhem. O nome do auctor, offerece aos seus leitores, é, quanto a nós, o penhor bastante da honestidade e da sinceridade que presidiram á factura do novo volume.

As origens do socialismo contemporaneo

Por

Paul Janet

Traducção de

Amandio dos Santos Holtreman

Hoje que, em todo o mundo civilizado, a lucta social vae empolgando todos os espiritos pela intensidade com que se apresenta, é obra meritoria conhecer-se a fonte de que dimanou directamente o socialismo moderno, bem affastado tanto das antigas luctas agrarias de Roma, como das concepções puramente, phantasiosas de imaginiosos escriptores como Santo Agostinho, Thomar Morus, Campanella e tantos outros. Paulo Janet, com criterio seguro e imparcialidade incontestavel, apresenta-nos o quadro das ideias socialistas na Revolução francesa, nesse grande movimento que, cheio de consequencias politicas, não germinou menos em seu seio os grandes problemas, que mais tarde se concretizariam no chamado socialismo com todas as suas escolas até ao anarchismo. A **Bibliotheca d'Educação Nacional**, fiel ao seu programma, enriquece-se, pois, com mais um livro excellente.

O CAPITAL

Por **Karl Marx**

Traducção de **Albano de Moraes**

O afamado judeu allemão Karl Marx, embora directamente actuado pela escola socialista francesa, foi, sem nenhuma duvida, o fundador do socialismo scientifico, ao qual anda ligado no campo historico o systema do materialismo, que pretendia explicar toda a evolução civilizadora da humanidade pelo problema economico.

O *Capital* de Marx é uma obra classica e ninguem que, pró ou contra, hoje, deseje integrar-se ao movimento socialista a deve ignorar. Entre nós, infelizmente, Marx pouco mais é conhecido que de nome, sendo muitas vezes citado erradamente e attribuindo-se-lhe theorias que nunca professou. Deville foi, porventura, o mais intelligente assimilador do espirito marxista e isto justifica sufficientemente o facto de apresentarmos a compilação por elle feita do doutrinação marxista. O *Capital* recommenda-se, pois, a todos que em alguma conta tenham o estudo e deve figurar em todas as estantes.

As classes pobres — Ensaio de catecismo socialista

Por **A. Niceforo**

Por **Julio Guesde**

Tradução de **Emilio Costa**

Tradução de **Agostinho Fortes**

Não é das de somenos importancia social, antes se impõe pelo cunho altamente scientifico que a reveste, a obra que, traduzida por Emilio Costa, a **Bibliotheca d' Educação Nacional** apresenta aos seus leitores. A sua leitura instrue extraordinariamente sobre as condições de inferioridade em que as classes pobres se encontram, condições essas que se reflectem tanto na vida organica como na vida moral e intellectual.

A'quelles a quem os problemas do futuro da humanidade interessam, encontram no trabalho de Niceforo com que enriquecemos a nossa Bibliotheca, elementos valiosissimos d'estudo que muito devem ponderar. O nome do traductor, Emilio Costa, homem sobejamente conhecido no estudo consciencioso das questões sociaes, é penhor valioso da honestidade do trabalho.

No prélo: **O TOTEMISMO** Tradução de Agostinho Fortes

DIVERSAS OBRAS:

Aos colleccionadores das obras do eminente escriptor **ALEXANDRE HERCULANO**, recommendamos o livro de:

AGOSTINHO FORTES

Breve esboço de sua vida e obras de

ALEXANDRE HERCULANO

(Commemoração do 1.^o centenario do grande historlador português)

Um volume de 256 paginas, illustrado com o retrato de Herculano; e gravuras representando Mem Bugalho Pataburro na tavolagem do bésteiro, (scena do monge de Cistér); casa na Quinta de Valle de Lobos onde Herculano falleceu; Igreja da Azoia; Tumulo onde foi depositado o grande historiador; Tumulo monumental nos Jeronymos. Traz grande numero de scenas do Fronteiro d'África, unico drama de Herculano, obra quasi completamente desconhecida hoje.

Volume brochado 500 réis — Cartonado em percalina 600 réis

Por 800 réis TODOS GUARDA-LIVROS, aprendendo pelo :

Methodo Pratico e Intuitivo de Escripuração Commercial

E um processo para organizar lançamentos por partidas dobradas

HABILITAÇÃO COMPLETA SEM AUXILIO DE MESTRES

Formulas rapidas no ensino—Unica publicação n'este genero

POR **JOSÉ MARTINS PINHÃO**

Guarda-livros do Mercado Central de Productos Agricolas e antigo professor perito-contabilista

A edição mais economica e desenvolvida até hoje apresentada

Materias contidas n'este methodo : Rudimentos theoreticos ; Demonstrações praticas ; *Processo organisador de lançamentos por partidas dobradas* ; Exercícios de formulas e de lançamentos com o auxilio do *Processo organisador* ; *Methodo analytic* das contas ; *Pratica de lançamentos* ; *Graphicos* ; *Analyse de lançamentos* ; *Modelos de livros* ; *Formulas de descontos, juros, seguro e cambios* ; *Facturas, contas de venda, calculo e registo de facturas estrangeiras* ; *Contas correntes com juros reciprocos pelos systemas directo, indirecto e hamburguez* ; *Uma escripta contendo 61 lançamentos montagem, seguimento e balanço* ; *Uma escripta por partidas mensaes por um processo muito simplificado, aperfeçoado e pouco conhecido* ; *Processo de escripturar por mappas syntheticos* : *Modelos de montagem, de escriptos, conhecimentos, letras, apolices de seguros, cheques e cartas* ; *Escripitas de sociedades anonymas e por quotas, emissão de accões e obrigações* ; *Uma escripta fabril, seguimento pelo processo simplificado e por partidas mensaes* ; *Folhas de ferias* ; *Calculo de preços* ; *Diagramma d'uma escripta* ; *Synopse d'uma escripta bancaria, etc.*

UM LIVRO COM 344 PAGINAS E 2 MAPPAS SYNTHETICOS ENCADERNADO 800 RÉIS

Por 800 réis TODOS GUARDA-LIVROS, aprendendo pelo :

Tratado Prático de Calculo Commercial

POR **MAGALHÃES PEIXOTO**

Contabilista-perito, publicista e professor de commercio, auctor de II livros sobre contabilidade e escripturação commercial e calculo.

Uma das suas produções de mais valor na especialidade unica no genero

Matérias contidas : Percentagens ; Peso bruto, tara, bom peso e peso liquido ; Comissões e corretagens ; Seguros ; Juros ; Descontos ; Contas correntes com juros ; Juros compostos ; Anuidades e amortisações, Praso médio ; Vencimento commum ; Regra de Companhia ; Regra de liga ou de mistura ; Regra conjuncta ; Fundos publicos ; Accões de Bancos e Companhias ; Obrigações de Bancos e Companhias ; Moedas ; Moedas reaes ou effectivas dos diversos paizes ; Taboas de moedas reaes ou effectivas de Portugal ; Cambios directos (Portugal e praças estrangeiras) ; Cambio ao par ; Taboas das moedas de cambio das nações estrangeiras com que Portugal tem relações directas ; Taboa das praças a que Portugal dá o certo ; Taboa das praças de que Portugal recebe o certo ; Taboa das cotações (Portugal e praças estrangeiras) ; Taboa de cambios ao par (Portugal e praças estrangeiras) ; Cambio das praças estrangeiras em relação reciproca ; Paridade ou par proporcional ; Credor para devedor ; Cambios indirectos e a praso ; Typos do papel cambial ; Calculo de compra, venda e especulação ; Taboas de equivalencias de pesos, medidas, etc.

UM LIVRO COM 402 PAGINAS ENCADERNADO EM PERCALINA 800 RÉIS

Esta edição é de um alcance prodigioso e de facil comprehensão

Em publicação o mais sensacional romance illustrado da actualidade

Grande formato 17×24 com gravuras de pagina

A Volta ao Mundo

Este titulo não expressa, tão bem como seria para desejar, as maravilhosas, sensacionaes e dramaticas scenas desta publicação.

Os protagonistas, Jack e Francinet, são dois rapasitos extremamente audazes e temerarios, dotados de instincto natural de investigação por tudo que respeita á applicação das sciencias, instincto que elles satisfazem, arrojando-se a empresas atrevidissimas.

Além dos meios de locomoção de que se servem, como balões dirigiveis, aeroplanos, automoveis, e outros de recente invenção, não esquecem os innumerous recursos que as modernas e scientificas descobertas proporcionam ao homem deste seculo de maravilhas.

A sua intrepidez toma os raios de heroismo como a audacia, os da loucura; e, sem nunca revelarem qualquer desanimo, nem hesitação, esses dois garotos symbolisam e constituem um frizante exemplo, extraordinario, de energia, coragem e intelligencia

A Volta ao Mundo não é sómente uma narração pittoresca e destinada a proporcionar gratos lazeros á imaginação; mas, tambem, uma obra cheia de observação e de verdade, de caracter vivo e vulgarissimo.

Os seus auctores são laureados pela Academia Francesa, o que constituiu valiosa garantia pelo que respeita a parte litteraria; e se um d'elles, Arnould Galopin, ganhou as suas esporas de ouro nas letras, em que é notabilissimo, o conde Henry de La Vaulx, rival de Julio Verne, não é menos celebre, pelas experiencias que tem realisado com distinctos modelos de balão dirigivel.

A Volta ao Mundo é a publicação illustrada mais barata dos ultimos tempos, como tantas outras publicadas por esta Empreza.

No fim da obra é distribuido a todos os assignantes o valioso brinde:

MAPPA DE PORTUGAL a côres

Estão já á venda as capas d'este magnifico romance, sendo a sua impressão sobre percalina, a ouro e côres.

Preço de cada capa 300 réis — Capa e encadernação 400 réis

Assignaturas: Cada mez é distribuido um tomo de 64 paginas, illustrado com 3 gravuras de pagina pelo insignificante preço de **80 réis**.

Provincias: Nas terras onde não haja Agentes, as assignaturas são pagas adeantadas por series de 10 ou mais tomos. O pagamento é feito por vale, ou sellos em carta registada.

Remete-se para as provincias, Colonias e Brazil, pedidos á

TYPOGRAPHIA de Francisco Luiz GONÇALVES — 12, Rua do Mundo, 14 — LISBOA

MANUAL PRÁTICO

— PARA —

Solicitadores, Administradores de fallencias e Escrivães dos julgados inferiores

SUMARIO. — I. Quem póde e quem não póde ser solicitador judicial; habitação dos solicitadores; caução; escripturação que devem ter, direitos, deveres e obrigações; penalidades a que estão sujeitos; modelos de contas com os constituintes; decisões dos tribunaes que lhes são applicaveis; etc.

II. Administradores de fallencias; sua organização; suas obrigações e direitos, legislação etc.

III. Escrivães dos julgados de paz e pratica forense — Disposições das leis modernas referentes á forma de processar; innovações introduzidas na pratica forense pela legislação republicana; ordem do processo desde a petição inicial até julgamento, comprehendendo numerosos modelos e formulario para execução das leis do processo segundo a legislação actualmente em vigor; modelo de um processo desde o rosto dos autos, com todos os termos e cotas, etc. Processos de cobrança de pequenas dividas; de coimas e transgressões de posturas; recursos, aggravos e apelações, aréstos dos tribunaes, execuções, ordem de despejo, etc., etc. Tudo emfim quanto o funcionario judicial nas instancias inferiores, julgados de paz ou outros que venham a substitui-los — precisa e deve saber.

— PREÇO 250 RÉIS —

Ultimos folhetos publicados :

Regulamento para a instrução militar preparatoria e obrigação do ensino, matriculas e recenseamento das creanças em idade escolar Preço 50 réis

Alterações ao Codigão do Registo Civil (*Decretos de 27 de Julho e portaria de 5 de Agosto de 1912 publicando os novos modelos* Preço 50 réis

Decretos sobre cobrança de pequenas dividas e despejo de predios rusticos e urbanos Preço 100 réis

Leis sobre a Contribuição predial, Incidencia da contribuição e taxas a aplicar. — Avaliação da propriedade rustica e urbana, e seu regulamento. — Relaxe das contribuições. — Prazos dos relaxes. — Alterações ao decreto de 4 de maio de 1911. — Reclamações seus processos e modelos Preço 100 réis

AOS COLLECIONADORES

—→→→ DAS ←←←—

LEIS DA REPUBLICA PORTUGUÊSA

— Approvadas pelo

CONGRESSO NACIONAL

No prélo : o 2.º volume d'esta publicação unica no genero

A nossa collecção conterà toda a legislação interessante ao publico, excluindo apenas da que apparecer no "Diario do Governo", a que se referir a transferencia de fundos das verbas orçamentaes, nomeações, exonerações e equivalentes diplomas.

Todas as leis que publicarmos serão anotadas e acompanhadas de quantos esclarecimentos entendermos convenientes ou necessarios á boa orientação.

A distribuição é feita em tomos de 32 paginas, ao preço de 60 réis

Agenda de Algibeira para 1913

6.º anno de publicação

Preço 200 réis

Assumptos que contém :

Homenagem ao Dr. Theophilo Braga. — Modelo da moeda da Republica e sua equivalencia em réis. — Desenhos e côres dos sellos de franquia e sua equivalencia em réis. — Registo civil (decreto de 10 de Julho de 1912) — Tabella relativa á organização dos quatro bairros de Lisboa. — Nova tabella de emolumentos a cobrar pelos actos celebrados no registo civil em todo o paiz.

Academias — Agenda — Aqueducto das Aguas Livres — Archivo da Torre do Tombo — Automoveis de aluguer — Bibliothecas — Bolsa do Porto — Calculo commercial seguido de differentes methodos — Calendario commercial para 1913 e 1914 — Cambios — Cambios a prazo — Carris de ferro de Lisboa e Porto — Casa da moeda — Casas bancarias em Lisboa e Porto — Contribuições de rendas de casas — Correio e telegrapho — Contribuições e transporte que pagam os automoveis — Dimensões das encomendas postaes — Edificios e monumentos a visitar no Porto — Elevadores — Encomendas postaes, segundo decreto de 27 de maio de 1911 — Equivalencias de medidas antigas com as do systema metrico decimal — Imposto do sello sobre : Letras, Cheques, Licenças, Recibos, Escripturas, etc., etc. — Informações judiciaes, administrativas, finanças, camararias, prediaes, industriaes, etc., etc. — Medidas e pezos de diversos paizes — Memorandum — Monumentos em Lisboa — Museus — Palacios no Porto — Pantheons — Plantas e preços dos theatros de Lisboa e Porto — Pontes do Porto — Praça de touros do Campo Pequeno — Relação entre medidas de volume, capacidade e peso — Tabellas de cambio entre Inglaterra e Portugal ou Brazil — Taboa de preço e pezo de amostras, jornaes, etc. — Taboa de divisores fixos — Telegraphia — Theoria dos saques — Trens de praça em Lisboa e Porto — Unidades cambiaes — Vales do correio — Velódromo, etc.

Deve-se adquirir este util livrinho pelo seu conjuncto de informação

INDICE DOS FOLHETOS PUBLICADOS DAS LEIS DO GOVERNO PROVISORIO DA REPUBLICA

Os algarismos indicam o N.º do folheto publicado — Cada folheto — 50 réis

- | | | |
|---|---|---|
| 22 Abolição de imp. de consumo. | 31 Aposent. dos professores dependentes do Minist. do Interior. | 12 Corporações de beneficencia. |
| 9 Abolição de juramento. | 30 Applicaçõ da lei de amnistia aos oper. do Ars. do Exercito. | 29 Correspondencia registada. |
| 8 Abolição de tit. nobiliarchicos. | 29 Assistencia clinica de crianças. | 5 Creação da Guarda Republicana. |
| 13 Academia das Scien. de Lisboa. | 21 Attentados contra a Republica. | 27 Credito Predial Portuguez. |
| 19 Acclaração ao decreto das «Promoções na Armada». | 24 Autopsias nos hospitaes. | 32 Culto relig. na capella da Universidade |
| 25 Acclaração ao dec. da «Regencia interina das esc. primarias». | 14 Bens da familia real proscripta. | 15 Cursos livres na Esc. Colonial. |
| 19 Acclaração ao dec. «Contrib. de registos». | 10 Bibliothecario-mór do reino. | 13 Cursos livres na Esc. Polytechnica. |
| 29 Acquisição de material naval. | 25 Bolsa de Lisboa. | 18 Cursos livres na Esc. Medica de Lisboa. |
| 27 Additamento ao decreto da Amnistia. | 33 Bolsa e Trib. do Commercio do Porto. | 14 Cursos livres na Polytechnica do Porto. |
| 30 Additamento ao decreto «Contribuições em divida». | 8 Camaras municip. republicanas. | 9 Curso Superior de Letras. |
| 28 Additamento aos dec. da «Equiparação para as reformas na Armada» «Abolições dos tit. nobiliarchicos» e «Liberdade de pesca». | 13 Camara dos deputados. | 27 Delegação da Junta do Credito Publico no Porto. |
| 8 Administr. de concelhos e bairros. | 18 Cêrca das Necessidades. | 32 Desamortização dos bens nacionaes. |
| 23 Agentes do Ministerio Publico. | 8 Circulação das notas de prata. | 21 Descanço semanal nas Colonias. |
| 12 Agremiações democraticas. | 30 Collocação dos officiaes superiores reform. ou na reserva. | 38 Descanço semanal e seu regulam. |
| 19 Alienação ou deterior. de obras d'arte. | 15 Commis. de saude nos concelhos. | 14 Desc.a offic. e praças doentes da Armada |
| 6 Amnistia | 9 Conselho d'Estado e Camara dos Pares. | 19 Designação dos offi. da Armada. |
| 32 Amnistia para penas disciplinares. | 48 Constituição da Repub. Portugueza. | 10 Despezas ordinarias do Minis. da Guerra |
| 10 Amostras import. das Colonias. | 34 Contribuição industrial dos arcaes e pessoal de fragatas. | 14 Despezas ordinaria e extraordinaria do Ministerio da Guerra. |
| 24 Aposent. de magistrados jud'ciaes. | 12 Contribuições em divida. | 13 Despeza da C. Geral dos Depositos |
| | 26 Contribuição industrial. | 32 Direcção Geral de Saude. |
| | 33 Contrib. dos artistas dramaticos. | 2 Direito de testar. |
| | 43 Contribuição de renda de casas e predial. | 18 Direito Ecclesiastico e proc. penal. |
| | | 17 Direito á greve. |

Catalogo das publicações da Bibliotheca d' Educação Nacional,

- | | | |
|--|---|--|
| <p>10 Dispensa de tirocinio na Arm.^a
 33 Dividas a diversos consulados.
 33 Dividas incobráveis da contribuição de renda de casas.
 26 Dotação da ex-rainha D.M. Pia.
 8 Doutrina christã nas escolas.
 22 Duração do anno esc. e lectivo.
 13 Edifício das Côrtes.
 27 Elemento feminino em serv. do Estado
 12 Empregados dep. do Minist. do Interior.
 26 Empregados dep. do Min. das Finanças.
 24 Empregados extraordinarios da Direcção Geral das Colonias.
 18 Ensino primario particular.
 6 Equiparações para as refor. na Armada.
 8 Esclarecim. á lei de amnistia.
 9 Esclarecim. á lei do inquilinato.
 26 Esclarec. ao dec. da «Designação dos officiaes da Armada».
 18 Escola Med. Cirurgica do Funchal.
 15 Estabel. publicos em casas arrendadas.
 31 Estudos odontologicos.
 35 Estudo para a ref. do Theatro Nacional.
 31 Exames de Licenceatura e Conclusões Magnas na Universidade.
 4 Extinc. do Trib. de verificação de poderes e terceiro Dist. Criminal do Porto.</p> | <p>10 Extinc. da Relação dos Açores.
 15 Extincção dos ratos.
 16 Faculdade de medicina, de philosophia e de theologia.
 2 Feriados nacionaes.
 21 Feriados nas repartiç. publicas.
 25 Feriados nas Colonias.
 12 Festa da Bandeira Nacional.
 8 Formulario official.
 18 Forças em solemnid. religiosas.
 34 Funcionarios do tr. de honra de Lisboa.
 31 Generos de exportaç. nacional.
 16 Gratificações aos eng. navaes.
 12 Gratific. aos com.^o das divisões militares.
 12 Gratific. e abonos na Armada.
 18 Gratificação ao Presid. do Supremo Cons. de Just. Militar.
 25 Horario semanal dos reitores, inspec., sub-inspect. e professores de instrucção primaria.
 22 Import. liv. de carnes congeladas.
 32 Ingresso dos officiaes da Armada no Montepio Official.
 9 Inspec. med. e de sanidade nas escolas.
 13 Installação do Quartel General.
 32 Installação dos juizes de investigação criminal do Porto.</p> | <p>10 Instituto Camara Pestana.
 28 Inst. de agronomia e veterinaria
 4 Investigaçao criminal.
 34 Investig. de crimes politicos.
 19 Isenção de contribuição industrial aos empreg. do Estado.
 2 Isenção de contrib. de rendas de casas aos estabelecimentos de beneficencia.
 36 Juizes e seus substitutos.
 10 Jurados commerciaes.
 16 Juramento dos lentes da Univers.
 22 Juramento militar.
 3 Lei do divorcio.
 40 Lei eleitoral, (2.^a edição).
 20 Leis da familia, N.^os 1 e 2
 1 Lei de imprensa.
 7 Lei do inquilinato.
 36 Lei do registo civil.
 6 Liberdade de pesca.
 13 Licenças illimitadas na Armada.
 6 Magistrados com venc. sem exercicio.
 16 Matriculas na Academ. de Bellas Artes
 15 Matriculas no ensino superior.
 18 Matriculas no Conserv. de Lisboa.
 24 Medicos formados no estrangeiro.
 37 Modelos referentes ao Reg. Civil e um formulario de decl. e requerimentos</p> |
|--|---|--|

- | | | |
|--|--|--|
| 13 Navios de guerra nacionaes. | 25 Receitas e despezas dos bens usufruidos pela monarchia. | 16 Reorganização dos estudos portuguezes. |
| 23 Naturalisação aos estrangeiros. | 25 Receitas publicas nas Colonias. | 41 Reorganização dos serviços de instrução primaria. |
| 8 Officiaes de marinha em serviço n'outros Ministerios. | 44 Recenseamento da população. | 46 Reorganização dos serviços da contribuição de registo. |
| 2 Ordens religiosas. | 39 Recrutamento militar. | 14 Repartição do Material Esc. de Lisboa. |
| 18 Pagamentos de juros do corrente anno economico. | 4 Reducção dos dist. criminaes de Lisboa. | 2 Revogação do codigo administ. |
| 28 Pathologia vegetal. | 11 Reforma judiciaria. | 4 Revogação das leis de excepção. |
| 18 Penas disciplinares perdoadas. | 14 Reformas por equiparação. | 25 Secretarios das inspecções esc. |
| 23 Penitenciaria de Coimbra. | 29 Reforma de praças analphabe. | 34 Secretaria Geral do Minist. do Interior e Administração Pol. e Civil. |
| 8 Permutta entre professores. | 50 Reforma do Ensino Medico. | 26 Selecção do generalato. |
| 35 Pessoal de serviços fabris. | 52 Reforma da Orthographia. | 42 Separação da igreja do Estado. |
| 28 Policia e fiscalisação da costa. | 35 Reforma de officiaes da armada. | 44 Sociedades anonymas. |
| 8 Ponto aos alumnos da Univer. | 47 Reforma do ensino de pharm. regulamento e lista de especialidades pharm. | 26 Suppres. da Receita Eventual. |
| 23 Predios arrendados pelo Estado. | 19 Regencia interina das escolas primarias. | 10 Transferencias de matricula. |
| 11 Procuradoria da Republica. | 2 Regulamentação dos feriados. | 10 Titulos honorificos em regim. |
| 14 Professores dos lyceus. | 17 Regulamento para as provas especiaes de aptidão para a promoção a major na Adm. mili. | 30 Tribunaes de honra. |
| 6 Promoções na Armada. | 53 Regulam. para instr. milit. preparatoria. | 34 Tributação das industrias de autom. |
| 11 Promoções aos marinheiros que tomaram parte na revolução. | 51 Regulam. sobre as epcomendas postaes | 24 Tripulantes de embarcações. |
| 17 Promoções a major na administ. Militar. | 39 Regulam. sobre a circulação de autom. | 8 Uso de capa e batina na Univer. |
| 9 Proscripção da familia de Brag. | 9 Reitores dos lyceus. | 24 Vencimentos de juizes e officiaes de jus. |
| 35 Protecção da proprie. industrial. | 23 Remuneração aos secretarios de minis. | 14 Vencimento do Presidente do Governo Provisorio. |
| 27 Provimto de professores de instrução primaria. | 29 Remodelação de serviços judic. | 16 Vencimentos dos desenhadores navaes. |
| 13 Publicações subsid. pelo Estado. | 30 Remodelação dos serviços do Ministerio das Finanças. | |

BILHETES DE VISITA

Desde 200 réis o cento

Cartões imitando madeira de diferentes qualidades, cartões com chanfro dourado, ponta voltada e cantos redondos, cartões de linho, porcelana, madreperola, celuloide, cartões com chromos, brancos e de côres, etc.

ENVELOPPES DE TODOS OS FORMATOS

Executam-se obras litterarias e scientificas, Illustrações, relatorios, Estatutos, Catalogos, Preços correntes, Theses, Allegações juridicas, Minutas d'aggravo, Cheques, Letras de cambio, Diplomas, Accções, Memoranduns, Mappas de grandes e pequenos formatos, Conhecimentos, Facturas, Enveloppes, Circulares, Placards, Recibos, Papel timbrado, Impressões sobre pergaminho, seda, papel Japão, cartões photographicos, a ouro, purpurinas e a côres, Rotulos para pharmacias, Bilhetes para estabelecimentos, Arrendamentos, Listas para eleições, Calendarios, Rotulos para garrafas, Prospectos, etc.

ESPECIALIDADE EM IMPRESSÕES DE LUXO A OURO, PRATA, PURPURINAS E A CORES

CARTÕES PARA PHOTOGRAPHIAS

Chanfrados, dourados, com recortes a ouro, prata e tintas esmaltadas

Fornecimento de cartões: Mignon, Visite, Victoria, Album, Dandy, Duc Promenade, Grand Promenade, Boudoir, Elsa, Salon, Valerie, Imperial, Isabella, Stefanie, Souvenir e Cartonilhas em todos os formatos.

Impressões em cartões photographicos, em annuncios e rubricas a baixo relevo, execução a balancé, a branco, ouro e prata.

A'S SAPATARIAS Recommendam-se pela sua belleza as impressões dos annuncios em setim, palmilhas, e vistas a ouro fino e prata.

ENVIAM-SE AMOSTRAS E TABELLAS DE PREÇOS, A QUEM AS REQUISITAR

ENCADERNAÇÕES SIMPLES E DE LUXO

CARIMBOS DE BORRACHA E METAL, commerciaes e de phantasia. — Datadores, Monogrammas. — Sinetes para lacre.

CANETAS-CARIMBOS

Contendo carimbo com nome, profissão, morada e sinete para lacre, com duas iniciaes e lapis. Preço 600 réis.

TINTA GARANTIDA PARA CARIMBOS DE MARCAR ROUPA

Esta casa não fornece livros a contra-reembolso

Impressos á venda n'este estabelecimento:

TABOADA DE MULTIPLICAÇÃO rubricada com a nova moeda

25 . . . 140 réis. — 50 . . . 260 réis. — 100 . . . 500 réis.

Participações de Nascimento, Casamento, Obito, Arrendamentos e Folhas de ferias

25 . . . 150 réis. — 50 . . . 300 réis. — 100 . . . 600 réis.

RECIBOS COM TALÃO PARA RENDAS DE CASAS

Livros de: 25 . . . 120 réis. — 50 . . . 200 réis. — 100 . . . 300 réis.

Typographia GONÇALVES — 12, Rua do Mundo, 14 — LISBOA

Por 80 cent. TODOS GUARDA-LIVROS, aprendendo pelo:

Metodo Pratico e Intuitivo de Escrituração Comercial

E um processo para organizar lançamentos por partidas dobradas

HABILITAÇÃO COMPLETA SEM AUXILIO DE MESTRES

Formulas rapidas no ensino—Unica publicação n'este genero

POR **JOSÉ MARTINS PINHÃO**

Guarda-livros do Mercado Central de Produtos Agricolas e antigo professor perito-contabilista

A edição mais economica e desenvolvida até hoje apresentada

Materias contidas n'este metodo: Rudimentos theoreticos; Demonstrações praticas; *Processo organisador de lançamentos por partidas dobradas*; Exercícios de formulas e de lançamentos com o auxilio do *Processo organisador*; Metodo analitico das contas; Pratica de lançamentos; Graficos; Análise de lançamentos; Modelos de livros; Formulas de descontos, juros, seguro e cambios; Facturas, contas de venda, calculo e registo de facturas estrangeiras; Contas correntes com juros reciprocos pelos sistemas directo, indirecto e hamburguês; *Uma escrita contendo 61 lançamentos* (montagem, seguimento e balanço); *Uma escrita por partidas mensais por um processo muito simplificado, aperfeiçoado e pouco conhecido*; *Processo de escriturar por mapas sinteticos: Modelos de montagem de escritas*; conhecimentos, letras, apolices de seguros, cheques e cartas; Escritas de sociedades anonimas e por quotas; emissão de acções e obrigações; *Uma escrita fabril*, seguimento pelo processo simplificado e por partidas mensais; Folhas de ferias; Calculo de preços; *Diagrama d'uma escrita*; Sinopse d'uma escrita bancaria, etc.

UM LIVRO COM 344 PAGINAS E 2 MAPAS SINTEITICOS ENCADERNADO 80 CENT.

Por 80 cent. TODOS GUARDA-LIVROS, aprendendo pelo:

Tratado Prático de Calculo Comercial

POR **MAGALHÃES PEIXOTO**

Contabilista-perito, publicista e professor de comercio, autor de II livros sobre contabilidade e escrituração comercial e calculo.

Uma das suas produções de mais valor na especialidade

Materias contidas: Percentagens; Peso bruto, tara, bom peso e peso liquido; Comissões e corretagens; Seguros; Juros; Descontos; Contas correntes com juros; Juros compostos; Anuidades e amortisações, Praso médio; Vencimento comum; Regra de Companhia; Regra de liga ou de mistura; Regra conjunta; Fundos publicos; Acções de Bancos e Companhias; Obrigações de Bancos e Companhias; Moedas; Moedas reais ou effectivas dos diversos países; Taboas de moedas reais ou effectivas de Portugal; Cambios directos (Portugal e praças estrangeiras); Cambio ao par; Taboas das moedas de cambio das nações estrangeiras com que Portugal tem relações directas; Taboa das praças a que Portugal dá o certo; Taboa das praças de que Portugal recebe o certo; Taboa das cotações (Portugal e praças estrangeiras); Taboa de cambios ao par (Portugal e praças estrangeiras); Cambio das praças estrangeiras em relação reciproca; Paridade ou par proporcional; Crêdor para devedor; Cambios indirectos e a praso; Tipos do papel cambial; Calculo de compra, venda e especulação; Taboas de equivalencias de pesos, medidas, etc.

ENCADERNADO EM PERCALINA 80 CENT.

de facil comprehensão

s e Brasil, pedidos á nova séde da
2, R. do Mundo, 14—LISBOA



RÓMULO



132964900X

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

CATALOGO DAS OBRAS PUBLICADAS

— PELA —

EMPRESA DA BIBLIOTECA D'EDUCAÇÃO NACIONAL

Sob a direção do distinto professor e sociologo Agostinho Fortes

COLEÇÃO DA BIBLIOTECA

I	— Sociologia, por <i>G. Palante</i> (2. ^a edição)	1	vol.
II e III	— As Mentiras Convencionaes por <i>Nordau</i> 2. ^a edição	2	»
IV	— A Psicologia das multidões, por <i>Le Bon</i> (2. ^a edição)	1	»
V	— O futuro da raça branca, por <i>Novicow</i>	1	»
VI	— Habitantes dos outros mundos, por <i>Flammariou</i> .	1	»
VII	— Cristo nunca existiu, por <i>E. Bossi</i> (3. ^a edição)	1	»
VIII	— O que é o Socialismo, por <i>Georges Renard</i> . (2. ^a edição)	1	»
IX	— Economia Política, por <i>Stanley Jevons</i>	1	»
X	— O Anarquismo, pelo <i>Dr. Ellzbacher</i>	1	»
XI	— A Emancipação da Mulher, por <i>J. Novicow</i>	1	»
XII	{ Riqueza e Felicidade, por <i>Adolphe Coste</i>	1	»
	{ A Luta pela existencia, por <i>J. Lanessan</i>		
XIII	— A Critica scientifica, por <i>Emitio Hennequin</i>	1	»
XIV	— Educação e Hereditariedade, por <i>M. Guyau</i>	1	»
XV	— Prisões, Policia e Castigos, por <i>E. Carpenter</i>	1	»
XVI	— Leis psicologicas da evolução dos povos, por <i>Gustavo Le Bon</i>	1	vol.
XVII	— Almas Inimigas, Drama de tese, em 4 atos em prosa, por <i>Paul Loison</i> , prefacio de <i>Agostinho Fortes</i>	1	vol.
XVIII	— As Doenças da vontade, por <i>Th. Ribot</i>	1	»
XIX	— O Helenismo, Original de <i>Agostinho Fortes</i>	1	»
XX	{ As origens do socialismo contemporaneo, por <i>Paul Janet</i>	1	vol.
	{ O Capital, por <i>Carlos Marx</i>		
XXI	{ Classes pobres. por <i>Alfredo Nicesoro</i>	1	»
	{ Ensaio de catecismo socialista. por <i>J. Guesde</i>		
XXIII	{ O Totemismo, por <i>M. J. — G. Frazer, M. A.</i>	1	vol.
	{ A Origem dos Árias, por <i>Salomão Reinach</i>		
No prélo. . . { As Formações Naturaes na <i>Philosophia biologica</i>			

Todas as obras d'esta coleção são de um grande interesse moral e sociologico
Volume brochado 20 cent. — Cartonado em percalina 30 cent.

TODAS AS LEIS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO PREDIAL

Avaliação da propriedade rustica e urbana
Seu regulamento e Lei de 4 de Maio de 1911

—♦♦♦ PREÇO 10 CENT. ♦♦♦—

MANUAL PRATICO

— PARA —

Solicitadores, Administradores de falencias e Escrivães
dos julgados inferiores.

—♦♦♦ PREÇO 25 CENT. ♦♦♦—

As publicações d'esta empresa, encontram-se á venda nas livrarias,
tabacarias, quiosques, nos agentes e na séde da Empresa :

Tipografia GONÇALVES — 12, Rua do Mundo, 14 — LISBOA